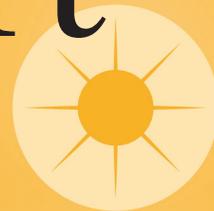


LUXO SEM COMPROMISSO

Robb Report

Brasil



MODERNOS SEMPRE

De Tarsila do Amaral a Nara Leão, de São Paulo ao Rio de Janeiro, de Oswald de Andrade à bossa nova, da Antropofagia à Tropicália, de Mário de Andrade a Elicida, é tudo pra ontem e pra hoje



UM MERGULHO NO ROSEWOOD SÃO PAULO • IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO: "A CULTURA É IMORTAL"

TODOS OS EMPREENDIMENTOS JHSF REAL ESTATE, REUNIDOS NA PALMA DA SUA MÃO.

CONHEÇA O JHSF REAL ESTATE,
UM APP DESENVOLVIDO ESPECIALMENTE
PARA DAR A VOCÊ UMA VISÃO REAL
E COMPLETA DOS EMPREENDIMENTOS,
IMÓVEIS E REVENDAS JHSF.
COM ELE, É POSSÍVEL ACESSAR
CADA DETALHE DE CADA PRODUTO:
CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA,
PLANTAS, LOCALIZAÇÃO, E ATÉ
MESMO RESERVAR SEU IMÓVEL.

JHSF BAIXE O APP
JHSF REAL ESTATE



ESCANEIE E
BAIXE O APP



*Para todo mal,
imagine a cura.*

Para você imaginar sempre o melhor, a EMS realiza pesquisas inovadoras, investe em tecnologia e desenvolve novos medicamentos que cuidam da sua saúde.



Sua saúde merece



PORTOFINO

PIEDADE / SP

LANÇAMENTO 2ª FASE

SUCESSO DE VENDAS. 1ª FASE VENDIDA EM 90 DIAS

O privilégio de viver em uma Reserva com Náutica e Golf. Apenas 1h20 de São Paulo.

Foto do local



Foto ilustrativa



Perspectiva ilustrada



Foto ilustrativa



Perspectiva ilustrada

Centro Náutico
Exclusivo

Arquitetura por
Gui Mattos

Campo de Golf por
Dan Blankenship

Paisagismo por
Escritório Burle Marx

Conheça Portofino, condomínio de campo extraordinário às margens da Represa de Itupararanga. Um refúgio de bem-estar com garagem privativa para 100 embarcações, clube social e esportivo com áreas de lazer exclusivas.

LOTES DE 1.250 A 3.600 m²

CONDOMÍNIO FECHADO

AGENDE SUA VISITA

(11) 4580-1500 [OPORTOFINO.COM.BR](http://oportofino.com.br)



Aponte a câmera do celular e saiba mais

GUIMATTOS
ARQUITETURA

BurleMarx
ESCRITÓRIO DE PAISAGISMO

GTG
GOLD TEE GOLF
INTERNATIONAL

ECO LOTES
DESENVOLVIMENTO IMOBILIÁRIO

Exclusividade de vendas
Bossa Nova | **Sotheby's**
INTERNATIONAL REALTY

O Empreendimento Portofino, constituído na forma da Lei 6.766/79, encontra-se registrado sob o R.2 na matrícula n. 22.932 do Serviço de Registro de Imóveis do município de Piedade/SP. Aprovação pela Prefeitura Municipal de Piedade/SP no Processo Administrativo PMP n. 08661/2012, conforme Decreto Municipal n. 7.800/2020 e aprovado pelo GRAPROHAB (certificado n. 367/2018). Alvará de Loteamento n. 8/2020. Imóvel de propriedade da realizadora Eco Lotes Empreendimentos Imobiliários SPE Ltda. (CNPJ 09.252.282/0001-33). Intermediação e Comercialização: Bossa Nova Sotheby's International Realty, Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 2.027 - Jardim Europa - CEP 01441-001 - Tel.: 3061-0000 - São Paulo (SP). Cred. 27212J. Imagens meramente ilustrativas. Agência Rfili.



Rua Brás Melilo, 91
São Paulo- SP
55 11 3842-7994
55 11 99456-5663

www.biadoria.com.br

 [@artebiadoria](https://www.instagram.com/artebiadoria)
 [ateliabiadoria](https://www.facebook.com/ateliabiadoria)

"TRÓPICO"
Pó de Mármore
240 x 60 x 60 cm

44**CAPA**

Modernidade ontem e hoje: os movimentos artísticos do passado inspiram a cultura brasileira hoje

52**100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA**

Sobrinha-neta de Tarsila do Amaral, Tarsilinha do Amaral quer tornar a artista tão conhecida quanto Frida Kahlo



O Lago, de Tarsila do Amaral, pág. 52

56**HOMENAGEM**

Como seria trazer para os dias de hoje o Rio de Janeiro de Nara Leão, cenário vibrante e romântico embalado pela bossa nova

62**HISTÓRIA**

Nos 60 anos da canção *Garota de Ipanema* a musa Helô Pinheiro, vira tema do congresso de psicanálise em Paris

64**PERFIL**

O produtor cultural Luiz Calainho retoma o Noites Cariocas, festival criado em 1980, e diz que o resgate é emblemático neste momento

68**JOIAS**

Peças com atitude e perfume hippie dos anos 1970 viram tendência

78**COLEÇÃO**

Os relógios de Andy Warhol são tão disputados em leilões quanto a sua arte

82**LIFESTYLE**

Um mergulho no Rosewood São Paulo, no Complexo Cidade Matarazzo

88**FASHION**

A tecelagem inglesa de echarpes da Burberry, Chanel e Louis Vuitton

104**ARQUITETURA**

Quatro versões de casas do futuro

106**JOIAS**

Peças ousadas e com muita atitude fazem toda a diferença no visual

112**CARROS**

A edição anual de Robb Report reúne os modelos mais incríveis de 2022

118**AVENTURA**

Expedições sob medida em superiate são uma experiência única

122

La Palma, o hotel mais antigo da ilha de Capri, abre as portas totalmente renovado

124**HOSPITALIDADE**

Castelo da Úmbria abriga hotel, casas, centro equestre e termas para uma temporada de descanso

126**DESTINO**

Moskito Island, a ilha particular mais exclusiva do mundo

130**EXPERIÊNCIA**

Às margens do Lago di Mergozzo, um casal de brasileiros construiu um hotel para fãs de bicicleta e de gastronomia

132**VIAGEM**

São Tomé e Príncipe, na África, tem tudo para se tornar o paraíso da moda

136**ESTILO**

Não acredite nas velhas regras de como e quando usar relógio. Abrace a liberdade de usar do seu jeito

144**ASAS**

Combinar viagens de negócios e lazer – conhecidas como “bleisure” – é a nova rotina entre os adeptos de jatos particulares

Rethink Possible



AHREN TUSTIN
Performer do Phoenix Ballet e do Master Ballet Academy, aluno do 7º ano

Avenues The World School

NEW YORK | SÃO PAULO | SHENZHEN | SILICON VALLEY | ONLINE

AVENUES.ORG | DOS 2 ANOS AO 12º ANO

SEÇÕES Robb Report

14

CARTA DA EDITORA

18

OBJETO DIRETO
Um relógio perfeito para aventureiros e uma moto esportiva com visual renovado

22

ROBB EM CASA
O design luxuoso de uma bicicleta ergométrica de cristal e a cadeira inspirada em Mick Jagger

26

ROBB TECH
O lançamento que celebra os 80 anos da câmera Hasselblad traz tecnologia digital moderna com design retrô

28

ROBB À MESA
Além da gastronomia italiana excepcional, o Ristorantino conquista pelo serviço afetuoso



30 PORTFÓLIO

Imagens da Amazônia, o paraíso ameaçado, sob a ótica de Sebastião Salgado e texto de Leão Serva, que acompanhou as expedições na floresta

lança romance que tem como cenário o Brasil da pandemia

100 GÊNIOS EM AÇÃO

O passo a passo das surpreendentes esculturas de chocolate assinadas pelo chef Nicolas Cloiseau

96 LUXO VERDE

O mercado de joias vem sendo redesenhado com o avanço da prática responsável de extração de ouro e pedras preciosas

92 ARQUIVO PESSOAL

Nascido em um importante clã da identidade brasileira

em arte, arquitetura e design, Rodrigo Ohtake se prepara para assumir o escritório do pai, Ruy Ohtake

146 LINHA DO TEMPO

A icônica joalheria Tiffany&Co celebra 185 anos



Acima, Indígena Yawanawá na foto de Sebastião Salgado, exposição *Amazônia*, pág. 30. Joia de Ara Vartanian, com prática de extração



Capa com ilustração de Francisco Martins, com referências de obras de Tarsila do Amaral

TCL BRASIL PATROCINADORA OFICIAL

Google TV

TCL QLED TV
Experimente o futuro, hoje.

Mini LED TV
TCL QLED TV 4K C825



Google TV is the name of this device's software experience and a trademark of Google LLC.



tcl.com



VIVA O BRASIL MODERNO

Oscar Wilde escreveu que nada é tão perigoso como ser moderno demais. “Fica-se com uma tendência a virar antiquado de repente.” Esta edição de Robb Report Brasil é uma homenagem à modernidade e à cultura brasileira a partir de efemérides importantes que o ano de 2022 reúne. A começar pelos 100 anos da Semana de Arte Moderna. E um centenário de experiências culturais brasileiras que se seguiram a ela, como a bossa nova, o tropicalismo e os contemporâneos. Mas a questão é mais funda e urgente. “É tudo pra ontem”, como diz o rapper Emicida, em seu documentário *AmarElo*, exibido pela Netflix. O Brasil tem um passado moderno que vem da riqueza de sermos a pátria de Machado de Assis, um colosso da modernidade.

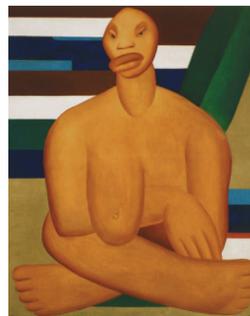
“2022 é um ano decisivo para o destino do Brasil moderno. Vamos afundar nessa regressão desmanteladora da cultura ou o país é capaz de responder a isso e afirmar outras possibilidades?” Porque o que está aí é antimoderno”, atesta o músico e professor de literatura da USP José Miguel Wisnik, um dos maiores intelectuais do País. Ele explica nas páginas a seguir a questão central que nos remete à importância de se discutir o modernismo hoje. Tarsila do Amaral é retratada por sua sobrinha-neta, Tarsilinha, em entrevista à jornalista Luciana Franca.

O Rio de Nara Leão, a partir do sucesso no Globoplay do documentário sobre a cantora, foi narrado em matéria por Rosângela Honor. Os 60 anos da canção *Garota de Ipanema* viraram discussão em Paris no congresso da Associação Mundial de Psicanálise e está nas páginas, a partir da ideia do psicanalista Jorge Forbes de entrevistar a musa viva, Helô Pinheiro, na flor de seus 76 anos.

Esta edição também traz o magnetismo das imagens de Sebastião Salgado no seu projeto *Amazônia*. Convidamos o jornalista Leão Serva, diretor de jornalismo da TV Cultura, e que acompanhou o grande fotógrafo brasileiro em suas expedições, a escrever um texto sobre as imagens do paraíso ameaçado. Entre suas histórias maravilhosas, o escritor e imortal Ignácio Loyola Brandão, que acaba de pôr um ponto final em um novo romance que tem como cenário o Brasil de hoje, conta por que ter assistido à posse de Fernanda Montenegro na Academia Brasileira de Letras foi uma das



GISELE VITÓRIA
EDITORA-CHEFE



A obra *A Negra*, de Tarsila do Amaral, e *Emicida*.



Gisele Vitória, a *Garota de Ipanema*, Helô Pinheiro, e Jorge Forbes. Ao lado, Leão Serva e Sebastião Salgado.



A capa brasileira publicada na Robb Report Itália.

maiores emoções da sua vida. Entrevistamos ainda Luiz Calainho, que retomou o projeto do Tim Noites Cariocas, e Rodrigo Ohtake, herdeiro de Ruy Ohtake.

E, por fim, uma notícia que nos honra. A edição deste mês da Robb Report Itália estampa uma capa criada em 2018 por Robb Report Brasil, com desenho do artista Fabrizio Lenci e direção de arte de Kareen Sayuri. Essa é a nossa segunda capa exportada. A primeira foi para a Robb Report Suécia, com o desenho do artista Francisco Martins, que assina a ilustração de capa desta edição. Martins se inspirou em obras de Tarsila do Amaral para construir a imagem de capa e estilizou uma *Lady Abapuru*, nome batizado por Silvine Neno ao ver a capa, de olho no futuro, fazendo de luneta o Pão de Açúcar. **R**

ENTREGA EM 2022

Um empreendimento único, com localização privilegiada.



246 M²*
4 SUÍTES • 4 VAGAS
1 POR ANDAR

COBERTURA TRIPLEX DE 512M²

Rua Bandeira Paulista, 1140 – Itaim
www.gafisa.com.br/stratos



Ilustração artística da FACHADA

Ligue e agende seu atendimento em nossa casa conceito
GAFISA VIVER BEM - (11) 3025.9210 - Av. - República do Líbano, 1214

Realização:



O PROJETO ENCONTRA-SE EM FASE DE APROVAÇÃO E SERÁ COMERCIALIZADO APÓS O REGISTRO DE INCORPORAÇÃO NO 4º REGISTRO DE IMÓVEIS DE SÃO PAULO - SP INCORPORADORA: URCON SPE 26 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S/A, INSCRITA NO CNPJ SOB O Nº 18.160.464/0001-20, SEJADA NA AV. DAS NAÇÕES UNIDAS Nº 12.399, 2º ANDAR, CJS. 218 E 228, BROOKLIN, CEP 04578-000 - SÃO PAULO - SP. A INTERMEDIÇÃO SERÁ REALIZADA POR GAFISA VENDAS INTERMEDIÇÃO IMOBILIÁRIA LTDA - CREDIC/SP 019 604, SITUADA NA AV. REPÚBLICA DO LIBANO, N. 1214 - SALA 11, MOEMA, SÃO PAULO - SP 04502-001. AS ÁREAS COMUNS SERÃO ENTREGUES DEVIDAMENTE DECORADAS E EQUIPADAS CONFORME PROJETO DE INTERIORES E PISAGISMO, FICANDO SUJEITAS À RESPONSABILIDADE DE MATERIAS NO MOMENTO DA ENTREGA, SEM COMO POSSÍVEIS ALTERAÇÕES DEVIDO À COMPATIBILIZAÇÕES TÉCNICAS QUE SE FAÇAM NECESSÁRIAS A VEGETAÇÃO QUE COMPÕE O PISAGISMO RETRATADO NAS PERSPECTIVAS E MERAMENTE ILUSTRATIVA, E APRESENTA PORTE ADULTO DE REFERÊNCIA. NA ENTREGA DO EMPREENDIMENTO, ESTA VEGETAÇÃO PODERÁ APRESENTAR DIFERENÇAS DE TAMANHO E PORTE, MAS ESTARÁ DE ACORDO COM O PROJETO PISAGÍSTICO DO EMPREENDIMENTO. A VISTA APRESENTADA NA IMAGEM É MERAMENTE ELUCIDATIVA, NÃO SENDO A FOTOGRAFIA EXATA DO LOCAL DO EMPREENDIMENTO. OS IMÓVEIS, OBJETOS E REVESTIMENTOS DE PISO, PAREDE E FORRO SÃO SUJEITOS DECORATIVAS, NÃO FAZENDO PARTE DO CONTRATO. O DETALHAMENTO DOS SERVIÇOS, EQUIPAMENTOS E ACABAMENTOS QUE FARÃO PARTE DESTA EMPREENDIMENTO CONSTA NO MEMORIAL DESCRITIVO, NA CONVENÇÃO DE CONDOMÍNIO E NO COMPROMISSO DE COMPRA E VENDA.



VICE-PRESIDENTE EXECUTIVA
Celia Pompeia

DIRETOR EXECUTIVO
João Doria Neto

DIRETORA DE CONTEÚDO
Ana Lúcia Ventorim

DIRETORA-GERAL DE PUBLICIDADE
Beatriz Cruz

Robb Report ^{Brasil}

PUBLISHER
Celia Pompeia

CONSELHO EDITORIAL
Celia Pompeia,
João Doria Neto,
Beatriz Cruz,
Ana Lúcia Ventorim
e Gisele Vitória

EDITORA-CHEFE
Gisele Vitória

EDITORA ESPECIAL
Silviane Neno

DIRETORA DE ARTE
Mirian Bertoldi

COLABORADORES:
Francisco Martins (Ilustração de capa),
Katia Tobias (Administrativo), **Lana Bonnet,**
Leão Serva, Lourdes Rivera (Revisão),
Luciana Franca, Marcelo Navarro (Fotografia),
Marisa Bertoldi, Oliver Quinto (Designer),
Rosangela Honor e Shoichi Iwashita.

DIRETORA-GERAL DE PUBLICIDADE
Beatriz Cruz

GERENTE EXECUTIVA DE PUBLICIDADE
Larissa Dalete

PUBLICIDADE
Catia Valese

OPERAÇÕES COMERCIAIS
Katia Moreno

ROBB REPORT É PUBLICADA NO BRASIL PELA DORIA EDITORA
(TODOS OS DIRETOS RESERVADOS)
AV. BRG. FARIA LIMA, 2277 - JARDIM EUROPA, SÃO PAULO - SP
01452-000 - (11) 3039-6011

PMC
PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)

Jay Penske
CHAIRMAN & CEO, PMC

George Grobar
CHIEF OPERATING OFFICER, PMC

Debashish Ghosh
MANAGING DIRECTOR,
INTERNATIONAL MARKETS, PMC

Gurjeet Chima
ASSOCIATE VICE PRESIDENT,
INTERNATIONAL MARKETS, PMC

Francesca Lawrence
ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL
BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS, PMC

Luke Bahrenburg
CHIEF REVENUE OFFICER & EXECUTIVE
VICE PRESIDENT, ROBB REPORT AND HEAD
OF LUXURY PARTNERSHIPS, PMC

Paul Croughton
EDITOR IN CHIEF, ROBB REPORT

Cristina Cheever
SVP LIVE MEDIA, ROBB REPORT

David Arnold
VICE CHAIRMAN
ROBB REPORT

Robb Report é uma publicação da
Penske Media Corporation em parceria com a
Rockbridge Growth Equity.

LOS ANGELES OFFICE
11175 Santa Monica Boulevard
Los Angeles, CA 90025
310.321.5000

NEW YORK OFFICE
475 Fifth Avenue
New York, NY 10017
212.213.1900

Impresso no Brasil
For reprints and permissions:
RobbReprints.com
Subscription inquiries
and back issues: 800.947.7472,
+1.386.246.0137 (International),
robbreport@emailcustomerservice.com



U.SK Cleanser

Sabonete líquido facial para todos os tipos de pele, com exclusivo sensorial de hidratação pós-enxágue.



U.SK Booster

Sérum antioxidante multibenefícios, para prevenção e recuperação da pele contra os danos ambientais.



U.SK Dual Eyes

Cuidado completo para a área dos olhos, bolsas, olheiras e linhas de expressão.

U.Sk
COSMECEUTICALS

U.Sk
under skin

SCIENCE BEHIND THE BEAUTY
Designed by Monteresearch® in Italy

0800 728 9700 | underskin.com.br | @USK

OBJETO DIRETO

MÁQUINAS, GADGETS, ACHADOS E PEÇAS DOS SONHOS



MONTBLANC NAS ALTURAS

Apresentado na última Watches and Wonders, em Geneve, o maior evento de relojoaria do mundo, o mais novo relógio 1858 Geosphere LE 290, da Montblanc, foi pensado para exploradores de hoje. O modelo tem a adição de um novo movimento de cronógrafo, desprovido de todo oxigênio. As oficinas da marca trabalharam para remover o oxigênio da máquina e o resultado é um relógio "Zero Oxygen", com vários benefícios para os aventureiros que precisam de seus equipamentos para trabalhar em alguns dos ambientes mais severos. O oxigênio zero dentro do movimento não apenas elimina o embaçamento, que pode ocorrer

com mudanças drásticas de temperatura em altitude, mas também evita a oxidação. Para testar a eficiência do mais novo objeto de desejo para os alpinistas, a Montblanc convocou seu novo Mark Maker, o campeão Nimsdai Purja, para testar o relógio em sua próxima expedição ao cume do Monte Everest. Além de remover o oxigênio de dentro da caixa, os relojoeiros da Montblanc fizeram inúmeras melhorias no relógio em preparação para escaladas desafiadoras. São somente 290 peças para o mundo todo. O relógio só estará disponível para venda após o teste de Nimsdai, em maio. R\$ 64.700 www.montblanc.com.br



CINZA É A COR MAIS QUENTE

Esportiva e com visual impactante, a BMW S1000 RR ganhou uma nova opção de cor em 2022. Com o tom cinza mineral predominando nas carenagens, o modelo também ganhou melhorias no chassi e na corrente para ficar ainda mais rápida. A motocicleta tem 207cv de potência e, em primeiro lugar, o M Chassi permite a possibilidade de ajustes mais precisos na balança e no amortecedor traseiro, na busca pela performance extrema em pistas. Já a Corrente M Endurance ajuda na performance, é mais resistente e, conseqüentemente, exige menor gasto com manutenção por conta da durabilidade. R\$122.500 www.bmw-motorrad.com.br

OBJETO DIRETO



Norman Parkinson foi o primeiro fotógrafo a tirar as modelos de dentro do ambiente controlado dos estúdios, criando novas situações e atmosfera para suas imagens. Das espontâneas e revolucionárias imagens dos anos 1930, passando pelos anos de guerra e pelos anos 1960, chegando até as locações exóticas dos anos 1970 e 1980. Ao fim de sua vida, tornou-se um nome familiar, fotógrafo da família real. A reputação e o legado fotográfico de Parkinson só aumentaram nos anos que se seguiram à sua morte. Ele foi incluído em dezenas de exposições em todo o mundo, além de tema de uma grande retrospectiva na National Portrait Gallery, em Londres. Seu trabalho é considerado extremamente inovador até os dias de hoje, e sua influência permanece evidente no trabalho de muitos fotógrafos contemporâneos. O fotógrafo é representado, com exclusividade no Brasil, pela Galeria Mario Cohen, onde a foto está à venda. O espaço é inteiramente dedicado à fotografia de nomes consagrados. Foto Young Velvets, Young Prices, Hat Fashions III, 1949, de Norman Parkinson. R\$ 39.000
Galeria Mario Cohen www.galeriamariocohen.com.br

O PAI DA FOTOGRAFIA DE MODA

MAIS QUE UM BUFÊ

Dentre os móveis autorais mais recentes apresentados pelo arquiteto e designer Guto Requena, o bufê Atração é o resultado das experiências do seu estúdio em design paramétrico. O móvel foi desenhado a partir do conceito de atratores. Inspirada pelo funcionamento de campos de energia que geram interações criando e deformando superfícies, a peça é criada a partir de um campo de força e de pontos de carga que controlam e definem a textura ondulada característica deste móvel. Pura física. Ao final do processo, uma máquina de alta precisão esculpe a madeira, materializando a textura. No topo do móvel, uma superfície lisa em vidro transparente possibilita uma área de apoio para objetos decorativos.

www.gutorequena.com



ROYAL SALUTE SAÚDA O TIGRE

A Royal Salute interpretou o Ano Novo Lunar chinês, iniciado em fevereiro, com um extraordinário design em uma embalagem especial envelopando seu emblemático frasco vermelho rubi, com o Royal Salute Signature Blend. A premiada ilustradora Feifei Ruan apelou para uma mistura imaginativa de elementos simbólicos e recursos artísticos que viajam da Destilaria Strathisla em Speyside, na Escócia, até a icônica Torre de Londres para criar o novo visual festivo. O lendário Scotch segue oferecendo opções requintadas para compradores exigentes que buscam o melhor presente para encantar amigos e impressionar qualquer um. O 21 Year Old Signature Blend permanece o mesmo blend originalmente elaborado em 1953. É sofisticado, de caráter opulento, com uma composição majestosa de frutas maduras complementadas por notas de especiarias. R\$ 1.259,90

CASTELO SAINT ANDREWS

GRAMADO-RS

UM PEDACINHO DA EUROPA NO BRASIL



Mountain House
3 SUÍTES

Mountain
8 SUÍTES

Castelo
11 SUÍTES

O Castelo dispõe de Jardins Encantadores • Maravilhosa Vista para o Vale do Quilombo • Suítes Exclusivas • Restaurante Primrose e Adega Gourmet - Premiados Internacionalmente por sua Excelente Carta de Vinhos • Menus Degustação • Boulangerie • Cigar Lounge • Espaço Fitness • Piscina Aquecida • Sauna • Spa



Suíte Valley View

NAS PROGRAMAÇÕES DE 2 A 7 NOITES INCLUÍMOS:

- ☑ Traslado privativo (aeroporto/hotel/aeroporto - Porto Alegre ou Canela - voos regulares e privados) ☑ Welcome drink na chegada
- ☑ Serviços de mordomos e concierges ☑ Café da manhã menu degustação ☑ Chá da tarde inglês² ☑ Jantar menu Surprise do Chef
- ☑ Jantar harmonizado ☑ Noite de pizzas gourmet¹ ☑ Terapia relaxante². Visitas: ☑ Vinícola Jolimont com degustação²
- ☑ Cristais de Gramado ☑ Geo Museu. Vale dos Vinhedos (passeio opcional). (¹ somente 4 e 7 noites / ² somente 7 noites)

Mountain House

Uma Residência Exclusiva no Castelo Saint Andrews

Garagem privativa, lavabo, cozinha equipada, sala de refeições, sala de estar, varanda gourmet, bar, adega climatizada, smart tv, som wireless, wifi e elevador. No andar superior, a suíte Valley View (95m²) conta com lençóis 1200 fios egípcios e maravilhosa vista para o Vale do Quilombo. Outras duas suítes, no estilo Loft, acomodam até 5 pessoas. E a sua inteira disposição os serviços exclusivos de Mordomos, Camareiras, Concierges e Chef que irá preparar deliciosas refeições. (Vide site)

EXPERIÊNCIAS GASTRONÔMICAS INCRÍVEIS AOS SÁBADOS. JANTAR HARMONIZADO COM OS MELHORES VINHOS DO MUNDO!

- MAIO**
- 14 - Ibérico Pata Negra (Marques de Tomares 2008 / El Maestro Sierra)
 - 21 - Vinhos do Brasil (Aurora Gran Reserva Cabernet / Don Guerrino)
 - 28 - Champagne Perrier Jouët (Perrier Jouët Belle Epoque / Blason Rosé Brut)

JUNHO - Mês dos namorados com Fondue Especial

O mês mais romântico do ano vem com experiências gastronômicas incríveis e o exclusivo Fondue Suisse do Castelo em todas as programações. **Faça sua reserva!**

INVERNO ROMÂNTICO NO CASTELO

O famoso inverno na Serra Gaúcha é mais aconchegante no Castelo.

- JULHO**
- 02 - Festival Fondue Suisse (Frutos do Mar, Carne, Queijos e Chocolate)
 - 09 - Champagne Krug (Krug Rosé Brut / Brut 2004 / Grand Cuvée Brut)
 - 16 - Noite Alemã (Brauneberg Juffer Sonnenuhr/ Zeltlinger Himmelreich)
 - 23 - Sabores do Brasil (Casa Valduga Terroir Merlot / Don Guerino Rosé Brut)
 - 30 - Champagne Chandon (Chandon Cuvée Prestige Excellence / Rosé Brut)

RESERVAS E INFORMAÇÕES: (54) 3295-7700 / 99957-4220 OU SEU AGENTE DE VIAGENS

 saintandrews.com.br





PEDAL DE CRISTAL

Design para manter o corpo e o olhar apurado em forma

As bicicletas ergométricas da marca italiana Ciclotte já se tornaram um ícone, com sua forma circular e estilo retrô, que remete aos monociclos do final do século 19. A novidade agora é o modelo desenvolvido em parceria com a Teckell, que pela primeira vez ousa com a transparência e a elegância do cristal. O material conecta as partes mecânica e estrutural como uma ponte invisível e o resultado é uma revolução no design de um aparelho de ginástica. A partir de 15.250 euros. Ciclotte.com



SATISFACTION

Sir Mick Jagger é uma lenda viva do rock, personalidade excêntrica e controversa, mas que carrega muita inspiração. A língua icônica da logomarca do grupo Rolling Stones serviu de inspiração para o Estúdio Mula Preta criar esta cadeira com as curvas do encosto e dos braços. R\$ 7.407,00

www.mulapreta.com

UM BAR DE GIM

O gim tônica, ou o famoso GT, continua na moda. E nada mais atual que incorporar à decoração da casa esse carrinho com estrutura preta e lâmina natural de freijó. As dimensões são 134 x 52 x 96 cm e o design é do Studio Linda Martins. R\$ 8.839,00

www.studiolindamartins.com.br

**O CHUVEIRO QUE CANTA JUNTO**

O seu banho no seu ritmo. Já imaginou um chuveiro que toca música? Esta é a proposta da empresa americana Kohler CO. A caixa de som sem fio é acoplada facilmente à ducha e permite mergulhar em canções durante o banho. O chuveiro Moxie 2.0 possibilita streaming de suas músicas, notícias e outras fontes de áudio favoritas. Ele se conecta a outros aparelhos com bluetooth, incluindo smartphones, tablets e notebooks a até 9,75 m de distância. Depois é só levar a caixinha com você e continuar sintonizado da maneira que preferir. R\$ 4.999,00

www.kohler.com



LANÇAMENTO



Tonino Lamborghini

APARTMENTS SAN PAOLO

STILE DI VITA ELEGANTE E SOFISTICATO.
ESTILO DE VIDA ELEGANTE E SOFISTICADO.



CONCEPÇÃO ARTÍSTICA DO TERRAÇO INTEGRADO AO LIVING

252M² 4 SUÍTES • 3 VAGAS
21 A 37M² STUDIOS

VISITE A LOJA CONCEITO E SURPREENDA-SE COM OS DECORADOS
(11) 3025-9050 - ALAMEDA JAÚ, 550
GAFISA.COM.BR/TLAMBORGHINI

REALIZAÇÃO:



Tonino Lamborghini

Gafisa

SAIBA MAIS:



PROJETO ENCONTRA-SE APROVADO CONFORME ALVARÁ DE APROVAÇÃO DE EDIFICAÇÃO NOVA, EXPEDIDO PELA PMSP, EM 05/11/2021, PUBLICADO EM 04.11.2021, SOB O N.º. 2021/06965-00, PROCESSO Nº: 1010.2021/0002029-8, DA CIDADE DE SÃO PAULO E SERÁ COMERCIALIZADO NOS TERMOS DA INCORPORAÇÃO REGISTRADA SOB O R-6, DA MATRÍCULA Nº 200.973, DO 4º REGISTRO DE IMÓVEIS DE SÃO PAULO - SP, INCORPORAÇÃO: UPCON 34 EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA, CNPJ 34.184.529/0001-62, AVENIDA PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK, 1.890, TORRE 2 - 3º ANDAR, CJ/32 - VILA NOVA CONCEIÇÃO CEP 04543-900. FUTURA INTERMEDIÇÃO: GAFISA VENDAS INTERMEDIÇÃO IMOBILIÁRIA LTDA. - CRECI/SP 019 604-J. OS MÓVEIS, OBJETOS, REVESTIMENTOS DE PISO, PAREDE, FORRO, E DEMAIS ACABAMENTOS CONSTANTES DOS MATERIAIS DE MARKETING E PUBLICIDADE, REPRESENTAM SUGESTÕES DECORATIVAS, NÃO FAZENDO PARTE DO CONTRATO. OS APARTAMENTOS E STUDIOS SERÃO ENTREGUES CONFORME MEMORIAL DESCRITIVO, E DEMAIS OPÇÕES DE ACABAMENTOS SERÃO OFERECIDAS NO PROCESSO DE PERSONALIZAÇÃO. OS CAIXILHOS DO TERRAÇO DAS UNIDADES, SERÃO ENTREGUES CONFORME PLANTA TIPO PADRÃO. A RETIRADA DO CAIXILHO E O FECHAMENTO DO TERRAÇO PODERÃO SER OFERTADOS PELO SERVIÇO DE PERSONALIZAÇÃO, APÓS ENTREGA DAS UNIDADES. PLANTAS SUJEITAS À ALTERAÇÕES, DEVIDO AO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E COMPATIBILIZAÇÕES TÉCNICAS QUE SE FAÇAM NECESSÁRIAS.



O FUTURO MIRA NO PASSADO

O lançamento que celebra os 80 anos da Hasselblad traz tecnologia digital moderna com design retrô



Se você já fotografou com uma Hasselblad antiga, deve se lembrar de sua complexa alquimia entre peso, solidez e precisão. A nova 907X Anniversary Edition Kit, que custa US\$ 15.100, comemora os 80 anos dessa sensação, trazendo de volta a primeira câmera da Hasselblad, e a sua história, que inclui momentos sensacionais da fotografia, como o clique do primeiro pouso na Lua, cujas imagens foram imortalizadas por duas câmeras de filme de médio formato da marca.

O modelo 907X mantém um pé no passado, com sua forma quadrada e obturador de folha. Mas sua proporção menor desafia a maior parte dos seus antecessores, escondendo um enorme sensor CMOS de 50 megapixels dentro de um corpo todo em metal. Os arquivos de 8.272 pixels x 6.200 pixels oferecem imagens cirurgicamente nítidas, aprimoradas com a tecnologia própria de gerenciamento de cores HNCS da Hasselblad.

Ao controlar a faixa dinâmica e a conversão de imagens para o formato digital, o software é capaz de impregnar a imagem com uma aparência analógica. Os resultados são impressionantes. Graças às suas velocidades lentas de foco automático, a 907X provavelmente será a preferida por retratistas – pense mais no estilo do fotógrafo Ansel Adams do que em Walter looss. Na parte futurística, o aplicativo Phocus da marca para iPhone ou iPad permite o controle total da câmera via Wi-Fi ou cabo USB, com recursos de captura remota que pareceriam sobrenaturais para os astronautas da Apollo.

Apesar de sua tecnologia, a 907 adota uma abordagem mais tradicional à fotografia digital, que prioriza a técnica sobre a conveniência. A melhor parte? Seu verso digital CFV II 50C pode ser combinado com todos os corpos Hasselblad V System – desde 1957 – e toda a gama de lentes XCD, trazendo um toque retrô para a era digital. **R**

BRINDE O agora COM O SABOR
DE UMA ocasião especial.



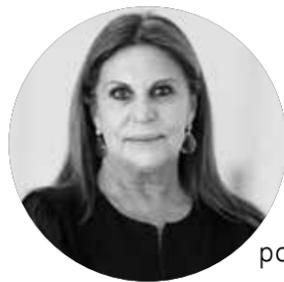
strauss.com.br



Para experiências sensoriais elevadas, linha Sommelier Strauss.

O TALENTO DOS MESTRES DO CRISTAL ARTESANAL GANHA FORMA EM
TAÇAS E DECANTERS QUE DESPERTAM O MELHOR DE CADA BEBIDA.

Precisão e delicadeza que atravessam gerações.



por CELIA POMPEIA



O RESTAURANTE DOS MIMOS

O Ristorantino vai além da excepcional gastronomia italiana, ele conquista pelo serviço impecável e muito afetuoso

O Ristorantino é diferente de tudo o que conhecemos. Localizado em um lindo sobrado nos Jardins, elegantemente decorado, com distanciamento perfeito entre as mesas, o suficiente para nada o incomodar. Mas o que mais me encanta, além da gastronomia italiana excepcional do experiente chef Henrique de March Schoendorfer, é a leveza do local e o serviço impecável e

afetuoso de toda a equipe.

O melhor é já ter a sua reserva, pois, ao chegar, é recebido pelo concierge Didi, que o leva à mesa especialmente preparada para você. Logo verificam se você quer o couvert – não o despreze. E se optar por lascas de grana padano com geleias de frutas da casa, com certeza não haverá arrependimento. Deslizar a geleia de figo sobre as fatias do queijo,



O restauranter Ricardo Trevisani, a entrada com queijos e geleias de frutas e o agnollotti verde com carciofi. Na pág. ao lado, o ambiente do salão.



sentir a difusão de sabores, e de preferência acompanhado por um bom vinho tinto, o faz entender o porquê de você estar ali.

O tratamento é realmente muito especial, tanto que, em uma de minhas passagens pelo restaurante, perguntei onde poderia comprar a geleia de figo. A resposta foi que é feita no próprio local e, surpresa, em alguns minutos recebi uma porção da iguaria em uma linda caixinha para dar continuidade àquela sensação em minha casa. Quanta delicadeza! Ao terminar a entrada, no tempo certo e de maneira gentil, chega para você um “mimo” do chef. Pode ser um pequeno nhoque, uma massa crocante, uma míni lasanha. Gentileza que nos deixa com alma mais leve e, pode-se dizer, com mais apetite! O prato principal, seja qual for a sua escolha, pode ter a certeza de que não irá errar: linguado com míni nhoques, agnollotti verde com carciofi, lasanha ao tartufo nero e os risotos são excelentes. E, em mais uma demonstração da gentileza, caso você não o coma por inteiro, alguém vai te dizer: “Da próxima vez, peça meia porção”. Esta atenção é maravilhosa! A delicadeza impera e, no tempo certo, vem o sorbet. Da última vez em

que estive lá, era de maracujá com crocantes das sementes do fruto.

Tudo acontece no tempo certo, como se invisivelmente olhos espíões observassem a hora certa de servir o próximo prato, de prestar a próxima gentileza, de demonstrar o próximo afago. Quanto às sobremesas, infelizmente não posso falar da lista de dar água na boca. Só tenho olhos para uma, o tiramissu. Quem não experimentou o tiramissu do Ristorantino, não comeu tiramissu ainda! Em um formato diferente, a fina fatia leva de um lado creme de mascarpone e do outro, creme de chocolate e café. Experimente puro ou com um creme de cada vez. Ou com todos. Você terá uma experiência de diversos sabores. O café, não

poderia ser diferente. É servido com pequenos docinhos que encantam. Enquanto espera a conta, você recebe um cálice de limoncello. Tantos mimos, tantos carinhos não param por aí. Para recordar este momento, você é presenteado com uma caixinha de chocolates para degustar mais tarde e ter a doce lembrança de um almoço ou jantar perfeitos.

O grande maestro deste espetáculo de sensações e de sabores é o restauranter Ricardo Trevisani, que, de maneira quase invisível, rege este ambiente. Sua figura, porém, está sempre presente, seja para receber os clientes, seja para se despedir com a frase amiga: “Volte!”. Com certeza já voltamos e vamos voltar sempre. Afinal, quem não gosta de um mimo? 🍷

O famoso tiramissu finíssimo da casa.



@ristorantino
Rua Dr. Melo Alves, 674 – São Paulo – SP (11) 97096-1234

IMAGENS DO PARAÍSO AMEAÇADO

O jornalista Leão Serva, que acompanhou expedições do fotógrafo Sebastião Salgado, narra a trajetória que levou um jovem economista a se tornar o mais famoso documentarista do mundo, e a produzir fotos extasiantes da maior floresta do planeta, como forma de alertar para sua destruição acelerada

por LEÃO SERVA



Índigena
Yawanawá,
Estado
do Acre,
Brasil, 2016.



Rio Jutai,
Estado do
Amazonas,
Brasil, 2017.

1 Sebastião Salgado documentou a comunidade dos indígenas Suruwahá durante o mês de setembro de 2017. O impacto do encontro para ele foi decisivo: “Os Suruwahá representam para mim aquilo de mais próximo do que Cabral deve ter visto ao chegar ao Brasil (...). Eles escolheram viver em um estado de quase total isolamento e mantêm suas práticas e a expressão visual de sua tradição cultural muito preservados. É realmente muito impactante. Vê-los, ao chegar, me causou uma emoção muito grande”, lembra o fotógrafo.

Um ano depois, eu visitei o grupo para uma série de reportagens, quando levei ampliações das imagens que o fotógrafo havia feito e trabalhos que tinha escrito sobre eles. Quando estava no posto da Funai na Terra Indígena (localizado a cerca de seis horas de barco da maloca principal dos indígenas), cercado por alguns deles, fiz uma foto com o celular e mandei para Salgado, em Paris, usando o wi-fi do posto. – *Que incrível, alguns deles estão usando roupas de brancos. Um ano atrás nenhum deles estava vestido...*

A Terra Indígena dos Suruwahá está localizada no município de Lábrea, no sudeste do Amazonas. Em 2017, a região parecia um exemplo de local preservado da floresta. Mas também ali, as mudanças galopam como os vaqueiros que passaram a frequentar suas ruas nos últimos tempos. Cinco anos depois, Lábrea é hoje o epicentro do principal foco de desmatamento em todo o Estado do Amazonas, um dos maiores de toda a região Norte. A velocidade da alteração de aspectos da cultura autóctone só não é maior do que o ritmo da destruição do meio ambiente amazônico. Essa

invasão de todo tipo de banditismo, de garimpeiros, madeireiros, caçadores, pescadores, pecuaristas, grileiros em geral, foi acentuada nos últimos anos pelo incentivo explícito e pela omissão dos órgãos públicos. A “boiada passando” em grande velocidade atribuiu uma urgência que possivelmente nem mesmo Sebastião Salgado vislumbrava quando começou a trabalhar no projeto *Amazônia*, a partir de 2009 ou, mais intensamente, de 2013 para cá.

Ou, em suas palavras, falando à *Folha de S.Paulo*: “Voltando para fazer essas fotografias eu constatei uma grande ferida na Amazônia, ela estava machucada. Vi regiões que, naquela época que eu tinha trabalhado, eram florestas totalmente virgens, e elas já estavam bem, bem destruídas. Aí vi que era o momento de fazer um trabalho maior”, relata Salgado.

O principal sinal desse assédio à floresta e seus povos são os índios isolados, ou de pouco contato, que recentemente passaram a aparecer com frequência em lugares distantes de suas áreas de origem, geralmente em beiras de rios ou próximos a vilas de brancos. Eles estão fugindo das regiões onde se abrigavam há décadas, muitas vezes séculos. Tentam se proteger da redução da mata, da escassez de caça e pesca e outras vezes do fogo colocado pelos grileiros. Quando contam histórias dos primeiros encontros com o “homem branco”, os indígenas falam de quando “fizeram contato” (e não ao contrário), contam histórias de como “pacificaram” os “brancos”. Eles só fazem isso quando estão acuados, em fuga desesperada, assustados e sentindo-se ameaçados por algo que suplanta o trauma do encontro com gente tão diferente, que eles associam a massacres do passado.

“Os Suruwahá representam para mim aquilo de mais próximo do que Cabral deve ter visto ao chegar ao Brasil”

Sebastião Salgado



Monte Roraima, Estado de Roraima, Brasil, 2018.



Acima, Rio Negro, Estado do Amazonas, 2019. Abaixo, Xamã Yanomami em ritual durante a subida para o Pico da Neblina, 2014.



Acima, Indígenas Suruwahá, Estado do Amazonas, Brasil, 2017. Abaixo, Terra indígena Marubo do Vale do Javari, Estado do Amazonas, Brasil, 1998.



2

Sebastião Salgado começou a vida profissional como economista. Nascido em Aimorés, no norte de Minas Gerais, fez o ensino médio e a faculdade de Economia em Vitória (Espírito Santo), a capital mais próxima da casa de seus pais. Ali começou a namorar a pianista Lélia Wanick, casaram quando ele entrou em um mestrado em São Paulo. Trabalhava em uma agência ligada ao governo do Estado. O jovem casal se envolveu com um grupo de apoio à resistência contra o regime militar. Com o acirramento da ditadura, após o AI-5, em 1969 decidiram fugir para Paris. Foi na hora H: quando chegaram à França souberam que teriam sido presos se tivessem ficado no Brasil. Seus passaportes foram cassados. Começou um longo exílio que durou até a Anistia, em 1979.

Em 1971, Salgado obteve um emprego na Organização Internacional do Café, em Londres. Na Europa, Lélia abandonou o piano e passou a estudar arquitetura. Para um curso de artes, ela precisou fazer fotografias. Mesmo duros, compraram uma câmera 35 mm, que nas horas livres Sebastião passou a usar como hobby. Em uma viagem à África, monitorando projetos de plantação de café, suas fotos ficaram boas e ele começou a sonhar com uma outra profissão. Em 1973, decidiu fazer uma aposta radical, que pareceria antieconômica: largou o emprego prestigioso e bem pago na OIC e os dois voltaram para Paris. Salgado fazia fotos para a imprensa alternativa, voltada para comunidade de exilados, e trabalhos para agências de notícias, primeiro a Gamma, depois a Sygma. Cobriu a Revolução dos Cravos em Portugal, a guerra civil em Angola, fez uma viagem à América Latina. Em 1977, chegou à agência Magnum, fundada por Robert Capa e Cartier-Bresson 30 anos

antes, e que até hoje é uma espécie de “olimp” do fotojornalismo. Em março de 1981, contratado pelo *The New York Times* para fazer uma reportagem sobre os cem dias da posse do presidente Ronald Reagan, o destino o colocou como único fotógrafo diante da tentativa de assassinar a tiros o presidente. Salgado estava com a câmera no olho, fotografando Reagan na saída pelas portas do fundo de um evento, quando começou a ouvir os estampidos; mesmo sem entender direito a coisa, ele seguiu disparando o obturador. Tinha feito várias chapas boas.

As fotos lhe garantiram fama internacional. Além do *Times*, a Magnum vendeu as imagens a preço de ouro para todas as mais importantes publicações do planeta. Uma revista semanal francesa chegou a mandar um Boeing de Paris a Nova York, para buscar um único fotograma. A foto rendeu o suficiente para comprar o apartamento em que mora em Paris e um carro. Poucos dias depois, Salgado conheceu um fotógrafo que era famoso como o único que tinha documentado a morte de John Kennedy, duas décadas antes. Esse feito constava em seu cartão de visitas, como a credencial junto ao nome. O brasileiro pensou: “*Não quero passar à história como o cara que fotografou o atentado contra Reagan*”. Depois de algumas semanas de grande procura pelas fotos, decidiu reprimir radicalmente a oferta: arquivou os negativos em um cofre e prometeu a si mesmo que não venderia mais as imagens.

A partir de meados dos anos 1980, Salgado decidiu deixar o jornalismo e apostar em megaprojetos, de longa maturação e impacto poderoso: *Trabalhadores*, *Êxodos*, *Gênesis* e agora, *Amazônia*, a uma média de dez anos para completar cada projeto. Logo depois de *Trabalhadores*, ele propôs a Magnum organizar um departamento dedicado a produzir projetos como os seus. Como não se entenderam, Salgado saiu, em 1994, e montou sua Amazonas Images, dedicada a viabilizar apenas seu próprio trabalho.

“Eu fiz uma viagem ao Paraíso”

Sebastião Salgado

Indígena
Asháninka,
Estado
do Acre,
Brasil, 2016.

3 Como sócio da Magnum (entre 1979 e 1994), Sebastião Salgado conviveu com Henri Cartier-Bresson, que é sempre considerado um dos ícones da fotografia do século 20. Ficaram amigos. O francês convidou Lélia Wanick para reeditar uma de suas obras mais famosas, o livro de fotos da Índia. A obra ganhou outra alma, inclusive com o acréscimo de mais fotos, pela mãos da curadora brasileira. Bresson é autor do conceito de “*instante decisivo*”, como ele define os momentos especiais em que uma imagem concentra ao mesmo tempo uma cena notável e elementos que compõem uma foto perfeita.

Salgado nega que suas fotografias sejam representações de “instantes decisivos”. Para explicar seu método de trabalho, ele usa um modelo econômico, uma “*curva de sino*”: *diz que o trabalho vai evoluindo, crescendo, ele capta centenas, talvez milhares de imagens surpreendentes, de “momentos decisivos” a cada dia, às vezes se dedica por uma hora ou mais em torno de uma cena ou objeto até obter o fotograma perfeito: “Eu faço uma imersão na cultura dos locais que documento, fico um período longo em que a qualidade das imagens cresce com a convivência; até que em um certo momento, começa a ser ocioso, a curva começa a baixar. Meu trabalho se desenvolve ao longo de todo esse processo, não em um ‘instante decisivo’.*”, explica Salgado. Muitos momentos ocorrem na selva, durante caçadas ou caminhadas; outras vezes, em “estúdios”, que Salgado improvisa, criando fundo infinito com folhagens ou lonas enceradas. Depois de algumas semanas, conclui que há pouco a explorar, a curva de novidades começa a cair. Logo chega a hora de se despedir. Entre as comunidades da Terra Indígena do Xingu

(Mato Grosso), ele ficou três meses; com os Zo'é, no Pará, esse tempo foi de dois meses. Já com os Korubo, no oeste do Amazonas, ele ficou um mês, trabalhando com esses indígenas conhecidos como “índios caceteiros”. Ao todo, *Amazônia* levou cerca de 8 anos de dedicação exclusiva do fotógrafo (a exposição inclui também fotografias produzidas antes, em 1998 e 2009).

4 A melhor definição da sensação de viver com um grupo indígena quase isolado durante uma longa expedição está contida na frase de Sebastião Salgado quando diz: “*Eu fiz uma viagem ao paraíso*”, sobre a experiência entre os Zo'é, indígenas de língua Tupi, do norte do Pará, conhecidos pelos bодоques cônicos usados no lábio inferior. Na época, o fotógrafo produzia *Gênesis* e planejava *Amazônia*. Foram dois meses dormindo, comendo, andando e acompanhando as caçadas do grupo, visitando suas diversas comunidades. A sensação se repetiu em 2017, quando visitou as comunidades da etnia Korubo, falantes de língua Pano, na Terra Indígena Vale do Javari (oeste do Amazonas). Quatro grupos Korubo contataram os “homens brancos” desde 1996, quando estavam fragilizados por doenças ou ataques de inimigos. Salgado e sua equipe foram os primeiros forasteiros a coabitar por tanto tempo com os Korubo. Em 2018, o fotógrafo voltou ao Vale do Javari para documentar a vida em várias comunidades da etnia Marubo. Na aldeia de Maronal, ele entregou aos moradores uma coleção de fotografias feitas 20 anos antes. Foi um momento lúdico, profundamente ético, em que o fotógrafo devolve aos seus fotografados as imagens que fez deles. O resultado é uma sessão intensa de sentidos sobre a passagem do tempo e da vida.

“Eu faço uma imersão na cultura dos locais que documento, fico um período longo em que a qualidade das imagens cresce com a convivência”

Sebastião Salgado



Acima, Ilhas Anavilhanas, Estado do Amazonas, Brasil, 2009. Abaixo, Rio Jaú, também no Amazonas, 2019.



5

A vida do fotógrafo na selva, acompanhando o dia a dia de uma comunidade tradicional, lembra o verso do poeta espanhol Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho”, o caminho é feito ao seguir os passos dos rápidos dos indígenas. Eles conhecem profundamente as trilhas, como se tivessem em mente um Waze da floresta. Mas o forasteiro corre atrás sem saber muito bem para onde seus guias o estão levando. Salgado os segue carregando um pesado equipamento com duas câmeras, com os quais flagra as atividades mais diversas do cotidiano: caçadas, pescarias, coleta de frutas, abertura ou colheita nas roças. Algumas atividades envolvem longas estadas sem acampamentos na floresta. Em suas expedições, Sebastião Salgado acompanhou diversas dessas incursões, que dão oportunidade para documentar também momentos de intensa emoção, como em uma *Sinfonia Pastoral* em imagens em preto e branco: os sentimentos alegres diante da chegada ao campo, cenas à beira de um igarapé, as brincadeiras campestres, a tempestade amazônica e a graça geral após a chuva.

O ambiente da floresta é escuro, as copas das árvores formam um teto que bloqueia a entrada de boa parte da forte luz amazônica. A plena luz do sol é captada pelo fotógrafo em sobrevoos de helicóptero que ele fez em muitos pontos diferentes da Amazônia. Ali de cima, além do brilho do sol, Salgado documenta o traçado dos grandes rios, o relevo quase desconhecido das

grandes montanhas, algumas das maiores do país, como o Pico da Neblina que ele subiu acompanhando um grupo Yanomami. Do alto, sobre a floresta lá embaixo, Salgado testemunhou também (e documentou quase como um cientista) a formação dos chamados “rios voadores”, os intensos ventos que carregam nuvens da evaporação da floresta, formando grandes corredores brancos, cheios de água na forma de vapor, seguindo em grande velocidade do norte para a região Sudeste, onde vão cair como chuvas e irrigar o sudeste.

Há algo profundamente incômodo ao ver as fotografias de *Amazônia* ao mesmo tempo em que o governo brasileiro se dedica ostensivamente, por atos e omissões, a destruir os direitos, as culturas e as vidas indígenas. Como na canção de Gilberto Gil, enquanto alguns desejam os beijos da sereia, outros querem seu rabo para a ceia. Embora sejam recentes, as imagens mostram um mundo em rápida destruição: os indígenas mudam aqueles hábitos, as queimadas alteram aquele ambiente, grileiros e garimpeiros invadem aquelas terras e ameaçam a vida daqueles indígenas retratados ali. Eles são arquétipos da humanidade. Diante dessas imagens, não há neutralidade possível: o espectador quer a sua preservação ou é conivente com o genocídio? O fotógrafo não tem dúvida: “Tenho a esperança de que minhas fotografias traduzam essa generosidade da Amazônia”. **R**

A exposição com as fotografias do projeto Amazônia, como as que ilustram estas páginas, chegou ao Brasil em fevereiro de 2022, ocupando um amplo espaço do Sesc Pompeia, em São Paulo, e deve rodar por várias capitais do país. O livro de mesmo nome foi lançado pela editora Taschen, em 2021, em português e várias outras línguas.

“Voltando para fazer essas fotografias eu constatee uma grande ferida na Amazônia, ela estava machucada. Vi regiões que, naquela época, eram florestas totalmente virgens, já bem destruídas”

Sebastião Salgado



Família
Asháninka,
Estado
do Acre,
Brasil, 2016.



Garota de Ipanema Tom Jobim e Vinicius de Moraes



Nara Leão (ao centro),
Gilberto Gil, Caetano
Veloso e Milton
Nascimento (no alto
à esq.), Emicida (à dir.)
e retrato de Oswald
de Andrade por
Tarsila do Amaral.

Embalado pela profusão
de efemérides puxadas
pelos 100 anos da
Semana de Arte Moderna,

Modernidade que é para ontem e hoje

2022 resgata movimentos
artísticos do passado e inspira
o sonho de transformações
da cultura brasileira, pela
força da diversidade e da inclusão

por GISELE VITÓRIA

“Quem disse que sou o último? Estamos condenados a ser modernos.” Assim o arquiteto Paulo Mendes da Rocha (1928- 2021) respondeu à provocação, em entrevista à Robb Report Brasil em junho de 2019, dois anos antes de sua morte, em maio de 2021. De frente para ele, em sua mesa de trabalho no escritório do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil), perguntei como se sentia sendo o último dos modernistas, designação que coube ao então único brasileiro vivo detentor de um Pritzker, a maior honraria internacional da arquitetura. “Você tem que ser moderno sempre. Não existe a ideia de moderno como um momento ou um estilo”, ele acrescentou. Não era tempo de máscaras. Aos 91 anos, sagaz e espirituoso, Paulo Mendes da Rocha afastou, com esperança, o rótulo de que tudo terminaria com ele. E retrucou a indagação com a célebre frase do poeta mexicano Octavio Paz (1914-1998), prêmio Nobel de literatura em 1990.

Quando cunhou a expressão “Condenados a ser modernos”, o poeta mexicano atentou para um compromisso de reinvenção cultural permanente. A frase instigante alivia. E até angustia. Mas sobretudo encoraja. A visão de que estamos condenados a ser modernos ecoa em 2022 com magistral imposição. É como se não houvesse escolha. Seria mais do que desejo ou dever. Mais que missão ou premonição. Talvez sentença libertária, com pena a ser cumprida pelo destino. A modernidade nunca será ponto final de um percurso. Os 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, manifestação artístico cultural que teve como palco o Theatro Municipal de São Paulo, entraram na pauta midiática e provocam um diálogo entre o Modernismo e as novas linguagens culturais hoje. Vivemos outro mundo e a configuração múltipla dos tempos hipermodernos na velocidade da luz e das redes sociais. O centenário do marco do Modernismo inspira a fantasia de um próximo capítulo transformador da cultura brasileira e de novos tabus quebrados, agora pelo viés da diversidade e da inclusão.

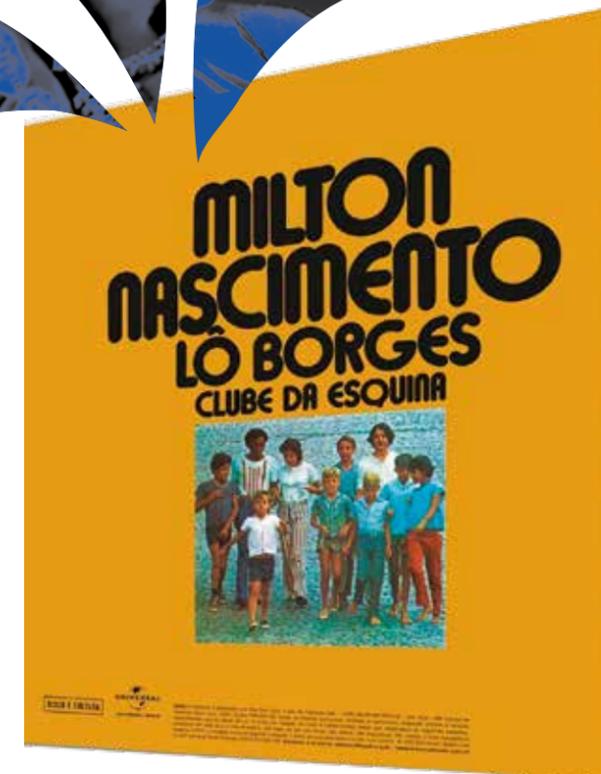
Além da semana protagonizada no Theatro Municipal de São Paulo por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Heitor Villa-Lobos, Anita Malfati, entre tantos outros artistas e escritores, o ano de 2022 reúne uma profusão de efemérides. Estão na lista do guarda-chuva dos 200 anos da Independência, marcos da cena cultural brasileira como 60 anos da canção *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes; os 80 anos de Nara Leão e da bossa nova. Os 80 anos dos tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil. Os 80 anos de Milton Nascimento



MuBE, obra de Paulo Mendes da Rocha; Helô Pinheiro, a Garota de Ipanema; Abaporu (1928), de Tarsila do Amaral, e o disco Clube da Esquina, de Milton Nascimento e Lô Borges



FOTOS: ACERVO PESSOAL. FOTOS: DIVULGAÇÃO



A modernidade
nunca será
ponto final
de um percurso

e Paulinho da Viola; os 60 anos do Clube da Esquina, de Milton, Lô Borges e Marcio Borges; os 40 anos do primeiro Noites Cariocas, quando o projeto de Nelson Motta revelou no Morro da Urca expoentes do Barão Vermelho, o Kid Abelha, o Paralamas do Sucesso, no ápice do rock nacional. Desse estimulante caldeirão, que consagra 100 anos de experiência cultural brasileira, o País se depara com um momento chave de sua história. Além disso, o mundo hoje é muito diferente de 1922 e nada linear. As manifestações culturais são simultâneas.

A força da diversidade, no entanto, mesmo com todos os obstáculos, se impõe na busca por uma transformação cultural e transgressão moderna. O rapper Emicida fez a sua aposta e deu forte contribuição. A história e os laços com heróis negros e artistas do passado o inspiraram a “ocupar” em 2019 o palco do Theatro Municipal de São Paulo, o mesmo cenário que embalou os modernistas e a Pauliceia Desvairada em 1922, para o show de seu último álbum *AmarElo – é Tudo pra Ontem*. As imagens do show, simbólico marco para a cultura preta, foram a base para o documentário homônimo, exibido na Netflix. Como proclama Emicida, a ocupação do Theatro Municipal paulistano é uma reparação histórica. Erguido por mãos negras, o espaço que foi palco do movimento Modernista, mas distante de presença afrodescendente. No cenário do auditório que une o barroco e o art nouveau, *AmarElo* liga passado e presente, costurando conexões entre marcos históricos e culturais.

“Não existe futuro se o passado não for preservado”

ALEXANDRE ALLARD, Idealizador do complexo Cidade Matarazzo

No documentário da Netflix, dirigido por Fred Ouro Preto, estabelece-se um elo importante entre três momentos relevantes da história negra brasileira: a Semana de Arte Moderna de 1922; o ato de fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, pela valorização da cultura e de direitos do povo negro; e o espetáculo de estreia de *AmarElo*, que aconteceu no mês da consciência negra, novembro, em 2019. Usando o show do rapper no Theatro Municipal em 2019 como espinha dorsal, o filme explora a produção do projeto de estúdio *AmarElo* e, ao mesmo tempo, a história da cultura negra

brasileira nos últimos 100 anos.

Ao intitular o documentário como *É tudo pra Ontem*, o rapper aponta a urgência de resgatar o passado para transformar o futuro. “Jair Rodrigues, Jackson do Pandeiro, Riachão e outros bambas já eram hip-hop antes mesmos de nós existirmos”, diz Emicida. A sua viagem no tempo une Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Anita Malfati, ícones da semana de arte de 1922, ao Movimento Negro Unificado, que protestou contra a violência racial nas escadarias do Municipal em 1978, nos anos de chumbo da ditadura militar. Une o arquiteto Joaquim Pinto de Oliveira, conhecido como Tebas – exaltado como figura crucial na formação da linguagem estilística arquitetônica no centro de São Paulo –, à antropóloga Lélia Gonzales e à atriz Ruth de Souza, primeira negra protagonista de uma novela. Na obra documental, o artista cita um ditado iorubá: “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”. E propõe o que vem chamando de neosamba: “Que a gente se aventure numa nova elaboração, em um novo ritmo. Uma nova linguagem artística.”

Na visão do próprio Emicida, são quatro décadas que separam a nossa ascensão ao palco do Theatro Municipal do encontro das pessoas do MNU (Movimento Negro Unificado) nas escadarias do Municipal em São Paulo. Emicida explica: “Então subir no palco e gritar ‘obrigado, MNU’ para o mundo é para que eles saibam que é da luta deles que nasce um sonhador como eu”. E o rapper emenda: “Quando eu cheguei aqui, tudo era impossível, qualquer coisa que falávamos era tida como problemática e improvável de se realizar. Hoje, não é mais. O palco do Municipal abrigou alguns dos mais importantes movimentos da arte do planeta e acho que caminhamos para ser isso”, diz ele, sobre sua própria obra. Em suas palestras, José Miguel Wisnik, músico, escritor, professor de literatura da USP e um dos maiores intelectuais brasileiros em atividade, aponta Emicida e a obra *AmarElo* como o sinal mais luminoso e transformador entre a atualidade e a Semana de Arte Moderna de 1922. “Emicida faz um gesto generoso em relação ao próprio Modernismo e seu lugar. É uma discussão fun-

damental da importância do Modernismo. Aquela tradição modernista ficou datada e agora ela passaria por sua nova modalidade. O Modernismo tem sido rediscutido sob o crivo de classe, gênero e raça”, diz Wisnik (leia mais à pag. 50).

A aventura criativa de olhar moderno, que abraça ainda a preservação da memória brasileira no cenário da preservação do patrimônio enquanto traço de modernidade, pode incluir novas frentes. Na paisagem urbanística de São Paulo, o projeto Cidade Matarazzo chama a atenção para isso. “Não existe futuro se não o passado não for preservado”, defende o empresário francês Alexandre Allard, idealizador da recuperação do complexo Matarazzo dos anos 1920 que abrigava o hospital maternidade onde nasceram 500 mil paulistanos e que estava abandonado há

“O Municipal abrigou alguns dos mais importantes movimentos da arte do planeta e acho que caminhamos para ser isso”

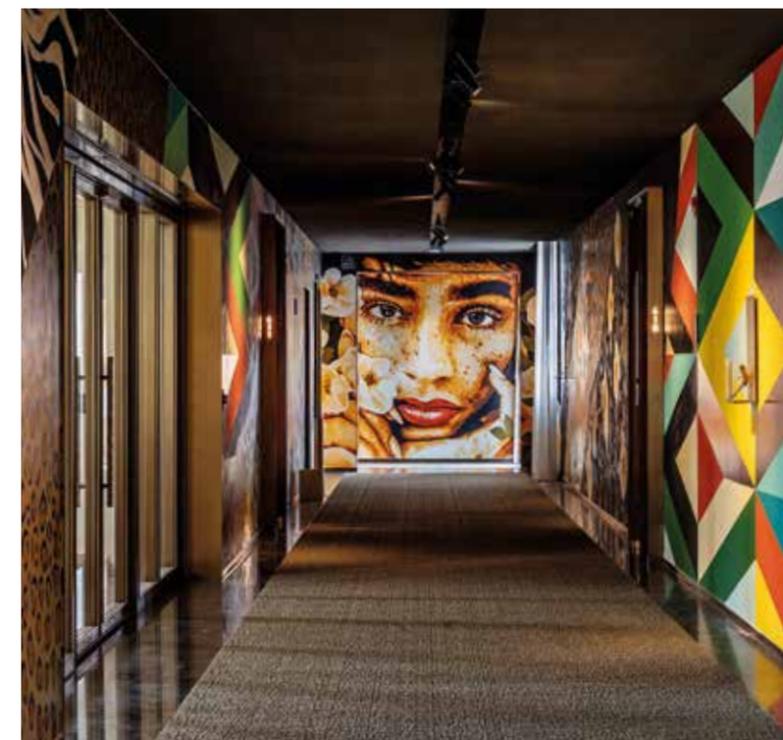
EMICIDA, sobre o show *AmarElo*

anos. O professor e pensador José Miguel Wisnik acredita não ser possível hoje pensar pela ótica de um próximo capítulo de rupturas artísticas, como nos moldes da Semana de Arte Moderna. Não ao menos nessa ordem. “Vivemos um mundo de simultaneidades que não comporta esse próximo capítulo, da ordem da equivalência”, diz. “Um mito das vanguardas vigorou em parte do século 20 mas caiu. Hoje não temos esse lugar do passo além a ser dado numa linha de progresso da cultura e da arte. Isso não quer dizer que eu acredite que as coisas estão móveis ou paradas”, pontua Wisnik. É o desafio de ser moderno sempre.

FOTO: DIVULGAÇÃO NETFLIX



Emicida no palco do Theatro Municipal de São Paulo, no show *AmarElo*, que traz referências da Semana de Arte Moderna de 1922. Abaixo, detalhe do Rosewood, no Complexo Cidade Matarazzo, idealizado por Alexandre Allard



“2022 é decisivo para o destino do Brasil moderno”

Para José Miguel Wisnik, professor titular de literatura da USP, músico e um dos principais intelectuais em atividade, o tabu hoje a ser quebrado é o da exclusão e a questão central no Brasil é se o país reagirá ao projeto de destruição antimoderna

por GISELE VITÓRIA fotos RENATO MANGOLIN

Caetano Veloso dedica a ele o livro *Verdade Tropical*. Professor titular de literatura da Universidade de São Paulo, músico, escritor e ensaísta, José Miguel Wisnik é um dos maiores intelectuais brasileiros. Autor de livros como *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*, e *Maquinação do Mundo: Drummond e a Miteração* e discos como *Pérolas aos Poucos*, Wisnik estuda o modernismo há 50 anos. Assinou na *Folha de S. Paulo* o artigo “Semana de 22 ainda diz muito sobre a grandeza e a Barbárie do Brasil de hoje”.

Wisnik mostra como a Semana de Arte Moderna em 1922 foi além de uma manifestação artística elitista e bairrista. Para Wisnik, a questão central que os 100 anos de modernismo e da experiência cultural brasileira inspiram é a do destino do Brasil. “2022 é decisivo para o Brasil moderno. O país reagirá à destruição antimoderna?” Ou seja, para o intelectual e artista, devemos nos ater ao presente. É tudo para hoje. A seguir, os principais trechos da entrevista.

O Modernismo e a visão do país

“Nos anos 1920 e na Semana de Arte Moderna, modernidade era revolucionar a linguagem, os modos de representar o mundo. Isto envolvia tabus. Era quebrar tabu fazer quadros como os da Anita Malfati, embora nem tão subversivos fossem. Bastava pintar um homem de amarelo para isto ser um escândalo. Fazer poesia com versos não metrificadas era um escândalo. Era uma afronta a uma mentalidade voltada para uma representação do mundo, segundo certas regras. Na Semana de Arte Moderna, o ponto era principalmente este. Depois, tornou-se uma coisa mais ampla, naquilo que Mário de Andrade chamou de uma fase construtiva. Era ter uma visão do Brasil. Ter uma visão incluyente da sociedade e construir um novo projeto de país e as suas instituições. Isso é um sentido alargado de moderno. Hoje, todas essas quebras e rupturas já foram feitas. Esses tabus já foram quebrados. Não há mais vanguarda artística a ir à frente porque não se trata mais disso. Não que não haja coisas novas e simultâneas acontecendo. Mas não há mais novos modernistas fazendo aquilo de novo, naquele primeiro sentido.”

O tabu a ser quebrado

“O que hoje é um tabu a ser quebrado diz respeito à desigualdade e à exclusão. Há uma divisão, numa sociedade neoescravista como a nossa, que veio à tona nos últimos tempos. A sociedade fundada no escravismo – e que não abandonou uma mentalidade escravista – está entranhada em muitas formas de se viver no Brasil. Pensar que os negros não estão aí para ser olhados como subalternos, invisibilizados, é uma questão viva. Assim como a questão da nítida separação entre masculino e feminino, fundada na relação patriarcal em que o homem manda e a mulher se subordina ao homem. Esses também são tabus que têm sido quebrados, mas permanecem tabus, reivindicando o seu antigo poder. Isso está em jogo hoje. Mas não de uma maneira linear, como se a cultura tivesse um centro. Está na arte, no comportamento, nas questões institucionais. Ela se manifesta de muitos lados.”

Emicida

“No show de Emicida e no documentário *AmarElo – É tudo para Ontem*, há uma história, uma linhagem da negritude, da ancestralidade negra marginalizada que ele traz para o centro e para o seu show no Teatro Municipal de São Paulo. Por ser no Teatro Municipal, havia esse caráter emblemático ligado à Semana de Arte Moderna. A obra reivindica uma ligação com nomes como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. O documentário pensa diferenças e afinidades com a tradição modernista. *AmarElo* é o mais significativo dos acontecimentos culturais recentes por ocasião do centenário da Semana de Arte Moderna. Tem relação explícita com o Modernismo. Não é como os manifestos modernistas, em que você lançava um movimento e definia os princípios que usaria.

Emicida vem do rap, mas conversa com o samba. Isso é diferente dos que defendem a pureza do rap. A tradição do rap em São Paulo volta a considerar a música brasileira, o samba. É o que a cultura hip-hop trouxe como consciência de um sujeito periférico. Ao retomar a relação com o samba, pode-se dizer que isso é um passo além e, ao mesmo tempo, um passo atrás. Não no sentido de atraso, mas um passo de incluir-se na tradição. Um passo além, dentro de uma tradição, que é a do samba. Isso aí nos tira do heroísmo das vanguardas. Mas não é um passo à frente, fazendo com que fiquem lá os atrasados. Não é, insisto. Emicida tem um interesse forte pela literatura, um traço da cultura brasileira em que artistas da MPB dialogam com a literatura, como Chico Buarque e Caetano Veloso.

Não me interessa a discussão se ele está dando um passo além, o que seria um modernismo hoje. O mais importante é que ele tem esse testemunho que vem da experiência das margens da sociedade da cultura. Ele formula isso na esteira da criação de um sujeito periférico que vem para o centro. Isso o faz se unir ao samba e à literatura, que está ligada ao Modernismo. Por isso, Mário e Oswald de Andrade são importantes para ele.”



Modernidade, em tempo presente

“2022 é decisivo para o destino do Brasil moderno. Vamos afundar nessa regressão desmanteladora da cultura ou o país é capaz de responder a isso e afirmar outras possibilidades? Porque o que está aí é o antimoderno. O antimoderno é contra as transformações da vida. É contra uma visão integrada da sociedade brasileira não excludente. É contra as instituições culturais que foram penosamente construídas, sempre precárias: universidades, bibliotecas, cinemateca, todas essas atacadas. Foi o espírito do Modernismo que criou essas instituições, que pensou memória cultural, que pensou o país em sua complexidade, em como se afirmar com uma originalidade cultural no mundo.

Assim fez a arquitetura moderna, a literatura, a música brasileira. Modernismo hoje é o resultado disso. Isso vai ser dilapidado ou ainda vale? Valeu de alguma coisa ter existido Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector? O país segue com esta destruição antimoderna ou responderá a isso? Só vejo possibilidade se incluirmos a riqueza desses 100 anos de cultura moderna, que estão sob ataque. É também a destruição ambiental, é o desmantelamento das instituições culturais. Vamos afirmar que o Brasil não se resume a isto? Todas as efemérides culturais em 2022 são uma mesma. Tudo é questão do moderno Brasil, remetendo aos 200 anos da Independência. Essas questões se encontram hoje. É o destino da nação, e envolve o Modernismo, o moderno num sentido mais amplo, e a barbárie. É o que precisa ser dito.”

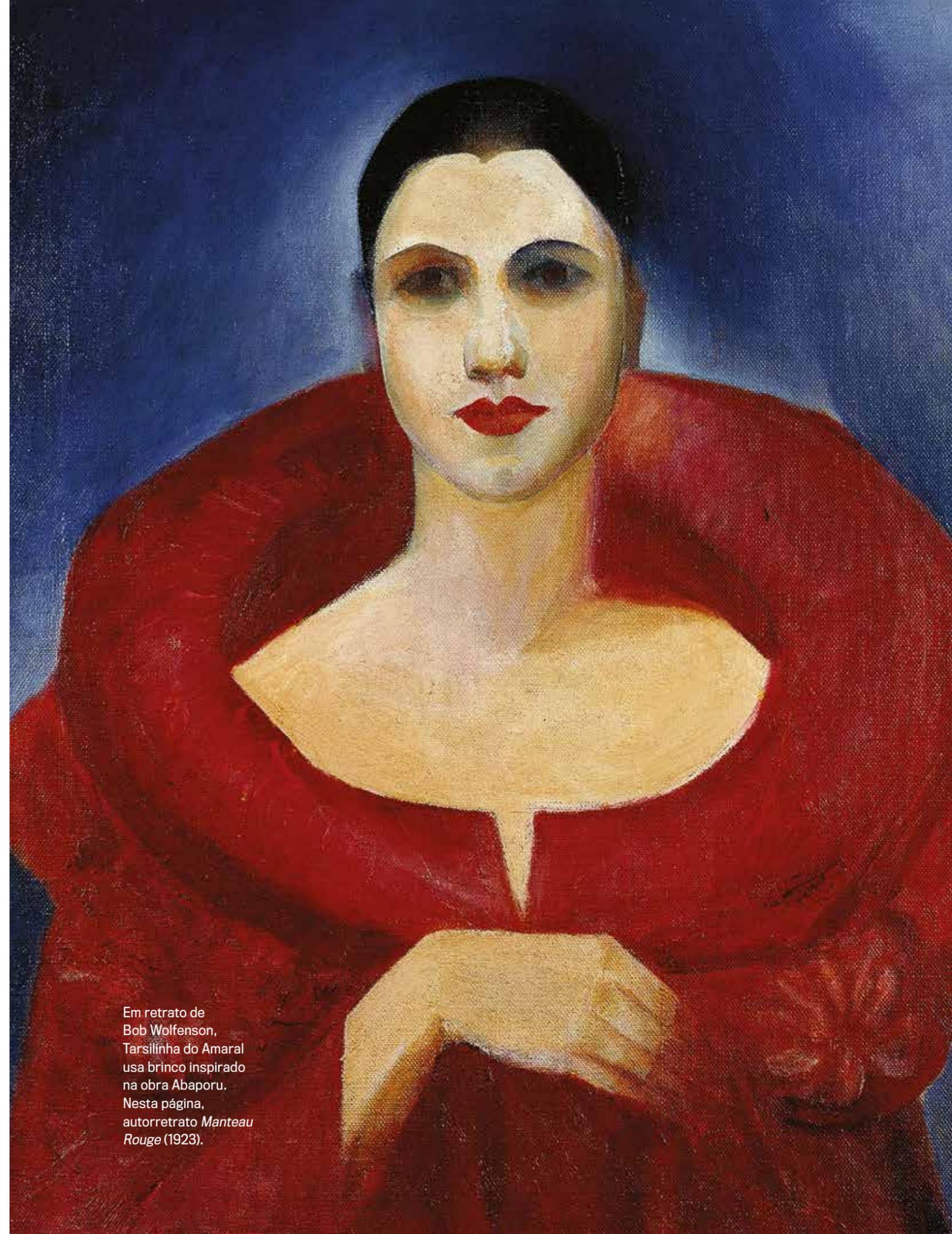
TARSILA, À FRENTE DO SEU TEMPO

Sobrinha-neta de Tarsila do Amaral, Tarsilinha do Amaral é responsável pelo espólio da artista símbolo do Modernismo e quer torná-la tão conhecida no mundo quanto Frida Kahlo

por LUCIANA FRANCA retrato BOB WOLFENSON



Tarsila do Amaral estava bem longe do Brasil, quando jovens artistas – entre eles expoentes como os escritores Mario de Andrade e Oswald de Andrade, os pintores Di Cavalcanti e Anita Malfatti, e o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos – ocuparam o Theatro Municipal de São Paulo para romper com os antigos padrões da cultura, até então muito pautada pela Europa, na Semana de Arte de 1922. Mas logo ela voltou de Paris, onde morava, juntou-se ao grupo e virou a principal referência do movimento. Vanguardista e ousada, Tarsila era amiga de Pablo Picasso, gostava de oferecer feijoada e caipirinha aos amigos intelectuais na França e casou-se três vezes. A vida pessoal da artista será foco de uma nova biografia, escrita pela jornalista Francesca Angiolillo, e de filme com produção internacional. Tarsila também acaba de virar animação infantil. À frente de todos esses projetos está a sobrinha-neta, que foi batizada com o mesmo nome da tia famosa. Tarsilinha é responsável pelo espólio da artista e deseja que ela seja tão conhecida no mundo como é Frida Kahlo.



Em retrato de Bob Wolfenson, Tarsilinha do Amaral usa brinco inspirado na obra *Abaporu*. Nesta página, autorretrato *Manteau Rouge* (1923).

Como imagina que seria Tarsila do Amaral nos dias de hoje?

Era uma mulher à frente do seu tempo, com ideias novas. Ela foi para Paris e enlouqueceu com quem conviveu lá – era amiga de Pablo Picasso, teve aulas com Fernand Léger e era próxima do escultor Constantin Brâncusi. Tarsila olhava para frente sem se esquecer de seu país, ela valorizava o Brasil. Difícil imaginar como seria hoje uma pessoa que viveu há mais de cem anos, mas se eu fizer uma projeção, ela seria assim também.

A que atribui a relevância que ela ganhou nos últimos anos, tornando-se a pintora mais famosa do Brasil?

Ela não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, porque morava em Paris. Mas se envolveu com o movimento por meio de troca de cartas com Anita Malfatti, de quem era muito amiga e, de volta ao Brasil, se juntou ao Clube dos Cinco: os escritores Mario de Andrade e Oswald de Andrade, os pintores Anita Malfatti e Di Cavalcanti, e o maestro e compositor Heitor Villa-Lobos. A relevância dela no movimento modernista contribuiu para que ela se tornasse a artista mais pop do Brasil. Ela consegue ser popular e, ao mesmo tempo, se manter naquele topo em que sempre esteve na arte acadêmica. Isso é um grande desafio para mim, quero que ela seja mais popular, mas nunca vou querer tirá-la desse olimpo.

Como está o projeto do filme sobre a vida de Tarsila?

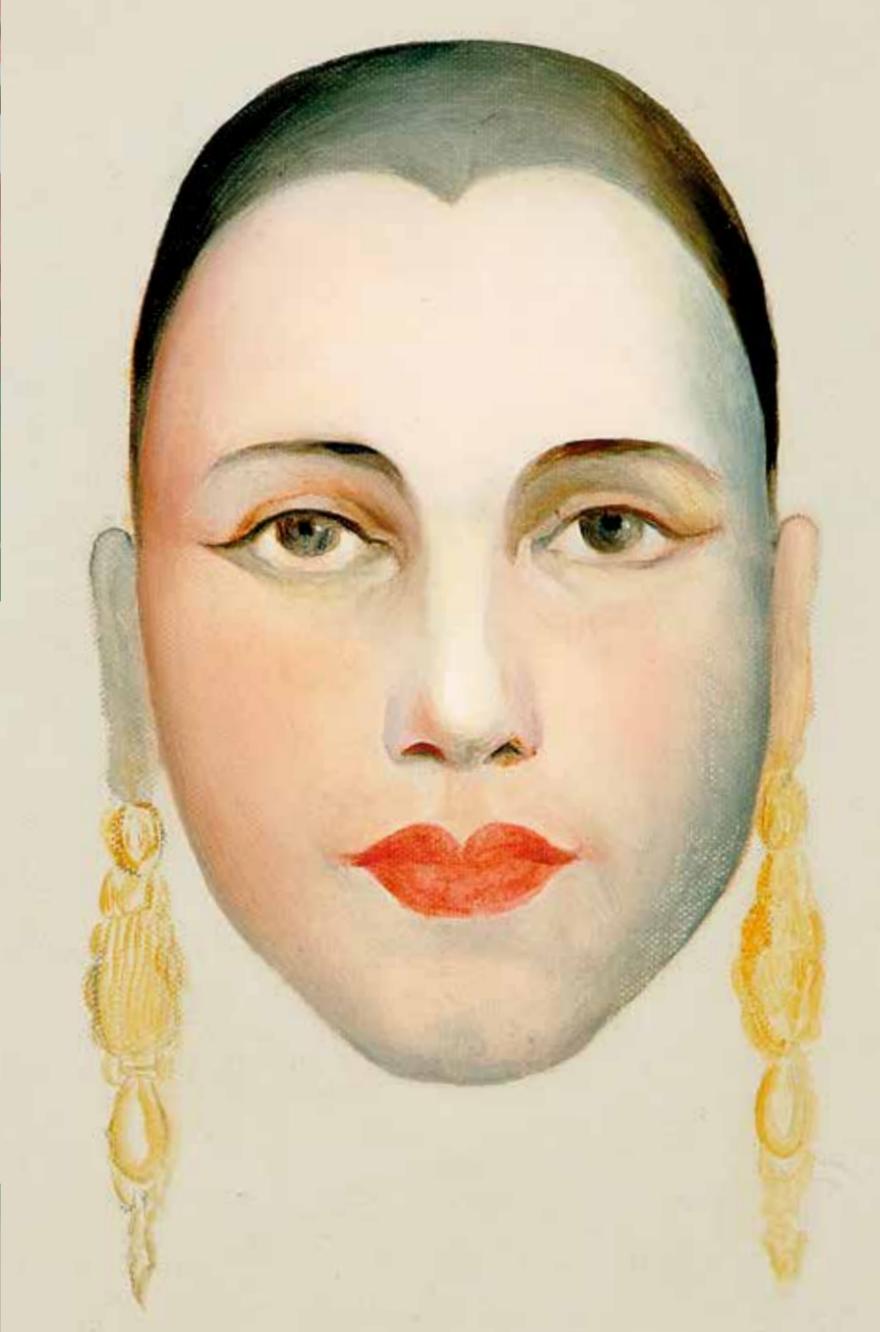
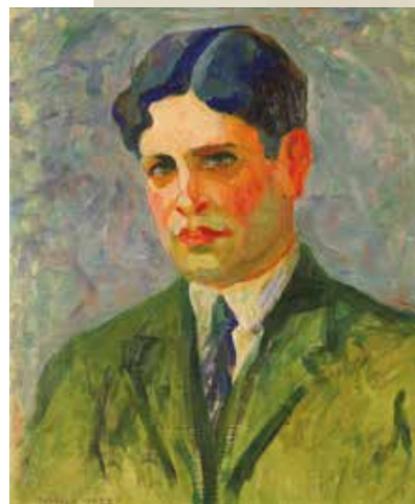
Quem está produzindo é o inglês Simon Egan, produtor-executivo do filme *O Discurso do Rei* (2010), ganhador de quatro prêmios Oscars. Mas achamos que seria importante que o roteirista fosse brasileiro, alguém que compreendesse o Brasil lá atrás e agora para explicar melhor para o público, especialmente o internacional Quem está escrevendo o roteiro é a Daniela Thomas.

Já sabe quem vai interpretar a artista no cinema?

Minha ideia é levar a minha tia para o mundo, como o filme da Frida Kahlo fez com ela. A atuação da Salma Hayek como Frida foi impecável, esse filme sempre foi uma referência para mim. Se a gente conseguir uma atriz do porte da Salma, vai ser lindo. Mas ainda estamos na fase do roteiro.



No alto, *O Lago* (1928). Ao lado, Tarsila pintou o retrato de Oswald de Andrade no início do namoro (1922) e, abaixo, uma das obras mais emblemáticas, *Antropofagia* (1929). Na pág. ao lado, *Autorretrato* de 1924.



Tarsila morreu antes de ser devidamente reconhecida. Você acredita que ela sabia de seu potencial?

Com certeza. Meu pai me contou que quando ele fez 24 anos, ela deu um quadro de presente a ele e disse: ‘Guarde esse quadro porque um dia ele vai valer muito mais dinheiro, provavelmente depois que eu morrer’. Ela tinha noção de sua importância e de que seria valorizada. O quadro é *Paisagem com Ponte e Mamoeiro*, que ela fez em 1954, quando ela voltou para a fase Pau-Brasil, chamada Neo Pau-Brasil. A obra tem todos os elementos dessa fase: casinhas coloridas, a montanha, o lago e o mamoeiro. Infelizmente meu pai o vendeu.

FOTOS OBRAS: DIVULGAÇÃO

Você chegou a conviver com Tarsila?

Eu tinha 8 anos quando ela morreu, mas meu pai e minha madrinha, irmã dele, eram pessoas muito próximas da minha tia-avó e conversámos muito sobre ela.

Que histórias curiosas te contavam sobre ela?

Tarsila adorava oferecer jantares aos amigos, como Picasso, o fotógrafo Pierre Verger, o músico Erik Satie e alguns escritores. Ela gostava de servir feijoada, caipirinha e cigarro de palha, tinha orgulho de mostrar essa brasilidade aos amigos da vanguarda artística em Paris. Outra coisa curiosa é que ela tocava piano muito bem. Aonde ia, levava um piano. Ela poderia ter sido concertista, mas, pela timidez, enveredou para a pintura. Também era generosa, costumava doar obras e dinheiro, especialmente para a instituição do médium Chico Xavier, de quem ficou amiga. Ele ofereceu muito conforto a ela após a perda de sua única filha e da neta.

Além do talento, o estilo da artista também atraía olhares...

Sei de cenas em Paris, dos anos 1920, em que todos paravam para ver Tarsila quando chegava em jantares, exposições e apresentações de teatro. Não só por ser ela, mas pelas roupas que usava. Minha tia se vestia com Paul Poiret (um dos principais estilistas franceses do século 20), uma paixão incentivada por Oswald de Andrade, na época seu namorado, que a eternizou no poema *Atelier* (1925) como “a caipirinha vestida por Poiret”. 

O RIO de Nara Leão

No ano em que a cantora faria 80 anos, as homenagens evocam a saudade de um Rio de Janeiro vibrante e romântico culturalmente.

A nostalgia dessa época provoca a indagação: onde mora hoje o Rio de Nara Leão?

por ROSANGELA HONOR

“Depois de te perder/te encontro com certeza/talvez num tempo da delicadeza/onde não diremos nada/nada aconteceu/apenas seguirei, como encantado/ao lado seu.”

Em *Todo o Sentimento*, de 1987, Chico Buarque cantou o amor como metáfora de um tempo, o olhar para o passado na busca de um presente e um futuro mais sensatos. Trata das coisas do coração, como sempre, mas quis também cantar o Rio de Janeiro, a cidade onde nasceu e passou boa parte de sua vida adulta, depois de algum tempo em São Paulo e um breve período de exílio em Roma. O Rio do tempo da delicadeza de Chico foi aquele de meados dos anos 1960, apesar da ditadura, apesar das dores da repressão. Era o tempo de uma cidade embebida de música, na qual os amigos se reuniam em bares e apartamentos para falar de política, sim – mas sobretudo para construir letras de canções, organizar movimentos, combinar acordes e cantar, apenas cantar. Chico é um dos personagens centrais do documentário *O Canto Livre de Nara Leão*, lançado no começo do ano na Globoplay, como celebração dos 80 anos de nascimento da artista sem rótulos.

Numa das mais divertidas cenas de *O Canto Livre*, Chico e Nara, já em meados dos anos 1970, assistem juntos, numa tela de TV, à histórica apresentação em preto-e-branco de *A Banda*, no Festival da Canção de 1966, os dois tímidos como crianças. Nara, àquela altura, já era estrela, “a musa da bossa nova”, e ajudou o amigo a começar tudo o que viria depois. A dupla acha graça de tanta ingenuidade, de alguma desafinação, mas parecem mesmo se perguntar, ao ouvir a marchinha, como quem estivesse à toa na vida: cadê aquela ingenuidade, a delicadeza? A delicadeza perdida, cujo símbolo era Nara, não estava alheia ao Brasil que a cercava, sofrido e doido. O olhar doce, os cabelos



FOTO ACERVO PESSOAL/ DIVULGAÇÃO

curtos, a batida de violão importado de João Gilberto, o sotaque carioca puxado – era tudo uma falsa moldura, aparentemente pueril, a protestar por dias melhores. Nara queria mudar o Brasil, e conseguiu. Queria se impor em um cenário masculino, e conseguiu. Com delicadeza, sim, mas com firmeza potente. Bonito de se ver. Cadê aquele Brasil, aquele Rio de Janeiro? Talvez essas sejam as perguntas intrínsecas em cada um dos cinco episódios de O Canto Livre. Uma nostalgia que se instala e permanece, quase como inquietação.

O APARTAMENTO DE COPACABANA

“Minha mãe foi uma mulher audaciosa, que se posicionava em favor daquilo que defendia”, diz a filha, Isabel Diegues, cineasta, roteirista e diretora editorial da Cobogó Editora. “Meus avós sempre lhe deram liberdade, autonomia e independência. Isso é muito bom, mas gerava uma grande responsabilidade, e ela soube equilibrar tudo isso muito bem. Ainda adolescente, já estava envolvida com trabalho, encontros sociais, tocando, cantando e se posicionando pela independência da mulher e da liberdade de escolha”.

Nara era musa, sim, daquele apartamento em Copacabana de frente para o mar, embora ela mesma negasse o título. O endereço dos pais da cantora era onde todos queriam estar, nem que fosse como espectador do que acontecia ali. E o que acontecia ali era o nascimento de um manifesto feito de harmonias, um jeito de fazer música que representava um estilo de vida – e que, do mundinho da Zona Sul carioca, se espalhou pelo mundo. “A bossa nova sem Nara não seria a mesma coisa”, diz o arranjador, cantor, compositor e produtor musical Roberto Menescal, um dos pioneiros do movimento. “Ela foi muito mais do que a nossa musa. Foi responsável pela sigla MPB, que surgiu depois da bossa nova. Trouxe o morro para a cidade. Depois migrou para o Cinema Novo, o *Opinião*, lançou Carcará e foi em frente. Passou por Maria Bethânia, trabalhou com artistas nordestinos como Fagner e com a música do interior do Brasil. Depois retornou à bossa nova. Foi meio como quem diz: fiz tudo isso, tá bom? Nara foi uma figura indispensável para o que escutamos até hoje no Brasil”.

“A bossa nova sem Nara não seria a mesma coisa.
Ela foi muito mais do que musa”

Roberto Menescal

FOTO: FOLHAPRESS



COPACABANA



A partir do alto, Jair Rodrigues, Nara Leão e Chico Buarque no Festival de Música Popular Brasileira, em 1966; Roberto Menescal com Nara ontem e hoje, e Nara e Chico juntos no palco em 1973.



FOTO: PEDRO MARTINELLI/AGÊNCIA O GLOBO

Menescal era um dos assíduos frequentadores do apartamento de Nara – a quem chegou a namorar. Viveu aquele momento seminal e inspirador, quase uma quimera quando se olha para a cidade e para o país de hoje. Há permanente saudade de um tempo – o tempo da delicadeza.

E POR FALAR EM SAUDADE

Mas, afinal, onde hoje estaria o Rio de Nara? Dito de outro modo: seria possível transpor o Rio dos anos 1960 para os anos 2020, dentro dos apartamentos, nas ruas? Muita coisa mudou, claro, mas aqui e ali, ele resiste, e de algum modo se recria. “A bossa nova foi a trilha sonora de uma época. Havia no ar a crença de um futuro melhor. Havia promessa de vida nos corações cariocas”, diz Mauro Ferreira, colunista do G1. Seis décadas depois, a bossa nova permanece na cidade como a nostalgia daquela modernidade, o símbolo vintage, porém sem mofo, de uma época em que os cariocas da Zona Sul eram felizes e sabiam. Dos ícones daquela geração e de espaços que marcaram época, surgiram novos nomes e points que avançam um novo capítulo da história da cidade.

Alguns daqueles locais que reuniam os criadores da bossa nova entraram para o roteiro turístico do Rio. Outros permanecem apenas na memória afetiva de quem viveu. Aquela Ipanema em que a moça do corpo dourado encantava Tom e Vinícius vive como nome do antigo famoso Bar Veloso, atual Garota de Ipanema, na antiga Rua Montenegro, hoje Vinícius de Moraes. Em suas paredes, está parte da história da bossa nova.

O histórico Beco das Garrafas, espaço em Copacabana, entre os números 21 e 37 da Rua Duvivier, onde a noite fervia com boates e nightclubs e os pequenos shows de bossa nova e outros ritmos, depois de um longo período fechado, reativou alguns dos bares que fizeram história. Não tem o mesmo charme, mas vale pelo que representou, como memória.

Copacabana, hoje, é mais eclética. Em seus bares e restaurantes o presente e o passado se dão as mãos. O gastro-bar Marinho Atlântica, a algumas qua-

“Minha mãe foi uma mulher audaciosa,
que se posicionava em favor daquilo que defendia”

Isabel Diegues

FOTO: FOLHAPRESS



A cantora no 3º festival de Festival de Música Popular Brasileira na Rede Record e o bar Marinho, em Copacabana, que resgata a bossa nova nos dias de hoje.



FOTO MARINHO ATLÂNTICA: TOMAS RANGEL

dras do apartamento de Nara Leão, com vista para o mar de Copacabana, é ícone dessa mistura. Ali, ao entardecer, é possível ouvir uma playlist moderna, fundamentalmente eletrônica, com releituras da bossa nova, “Quero contribuir para esse resgate histórico. Todo o cenário da casa está baseado neste ideal, queremos mostrar essa história que é tão bonita. Copacabana guarda acontecimentos que ficaram na nossa lembrança”, diz Mário Filippo, o Marinho, um dos donos do lugar.

Ipanema também ressurgiu com novos espaços que se propõem a resgatar a ebulição cultural e gastronômica do bairro. Durante a pandemia, 28 funcionários, entre maîtres, garçons, cozinheiros e sommeliers do badalado Antiquarius, o melhor restaurante português do Rio, abriram o Gajos d’Ouro. “Não esperávamos tamanha repercussão”, diz o sommelier André Vasconcelos, um dos sócios do Gajos. “Mantivemos 80% do cardápio do Antiquarius e os antigos clientes têm se emocionado muito ao chegar aqui. Tem sido um resgate de histórias e memórias afetivas. Alguns de nós atenderam grandes ídolos da música, da televisão e do esporte, viveram muitas histórias.”

Outro candidato à point no bairro é o Babbo Osteria, do estrelado chef – Guia Michelin – Elia Schramm. “Queremos ser democráticos como o bairro e proporcionar uma experiência que fique na memória afetiva de cada um. Resgatar o melhor da Ipanema que abrigou tantos nomes como Vinícius de Moraes”, diz Elia. O Babbo fica em um imponente casarão que remete àquela Ipanema da Nascimento Silva 107. Da letra de Vinicius: “*Rua Nascimento e Silva, 107/você ensinando pra Elizeth/ as Canções do Amor Demais/ Lembra que tempo feliz/ ai, que saudade/ Ipanema era só felicidade/ Era como se o amor doesse em paz*”.

Este novo Rio, para o qual desejamos transpor Nara, também bebe na fonte de músicos da nova geração. Há uma moçada que tem participado de um intenso movimento afetivo musical, não só da bossa nova como da MPB. É o caso dos músicos João Cavalcanti, Moyses Marques, Pedro Miranda e Alfredo Del Penho (guardem esses nomes). Em janeiro passado, mês em que



Os restaurantes Gajos D’Ouro e Babbo Osteria são dois points da cena carioca contemporânea. Abaixo. Moyses Marques, um dos músicos da nova geração.



FOTO DE DIVULGAÇÃO DE ELENA MOCCAGATTA
FOTO BABBO OSTERIA: RODRIGO AZEVEDO
FOTO GAJOS D’OURO: TOMAS RANGEL

“A bossa nova foi a trilha sonora de uma época, havia a crença de um futuro melhor”

Mauro Ferreira

Nara Leão completaria 80 anos, aconteceu a segunda edição do Festival Rio Bossa Nova nas areias de Ipanema. Filho do jornalista Pedro Bial e da atriz Giulia Gam, o cantor e violonista Theo Bial protagonizou um dos encontros com alma bossanovista. Ele se apresentou com a cantora Leila Pinheiro, no evento que também contou com Marcos Valle. “Sou um grande apaixonado pela bossa nova, está na minha essência”, diz Theo, que cresceu cercado pelas memórias de Nara Leão, avó de seu irmão José Pedro Bial, fruto do relacionamento de Pedro Bial com Isabel Diegues. José, aliás, é o produtor de conteúdo do documentário *O Canto Livre*. Diz Theo, o músico: O meu projeto para 2022 é lançar um álbum com essa estética. Assim como o samba, considero a bossa nova patrimônio cultural do Brasil”. José, o roteirista, complementa ao tratar da série: “Foram três anos mergulhado neste projeto. Durante todo o processo, fui descobrindo coisas novas sobre a Nara. Me surpreendeu a ética, o esforço e a disciplina de trabalho dela e isso não é muito valorizado no Brasil”. Tudo somado, a trajetória de Nara pode ser resumida a uma palavra: fascínio. “Tenho uma admiração profunda por ela, por tudo que ela fez. Nara foi muito além da bossa nova ao trazer sua maneira de ver o samba com músicas de Zé Kéti e Cartola. Considero gigantesca a importância dela para a música popular brasileira”, diz Theo. “Ela nos influencia até hoje”.

E aquele apartamento e seus encontros, existiria? Talvez sim. O que foi o endereço da família Leão, em Copacabana, hoje é o de Caetano Veloso e de sua mulher, Paula Lavigne, no Leblon, também na Zona Sul. Ali acontecem reuniões de intelectuais, músicos e políticos. Brotará naquele endereço uma outra bossa nova? Não se sabe, mas é inegável a força de resistência e resiliência promovida por Caetano – ele também “filho” de Nara. “Acho emocionante a jovialidade do Caetano, é muito legal vê-lo tomando essas iniciativas, construindo essas pontes. Considero o Caetano um dos maiores intelectuais do mundo. Vejo com muita alegria essa garotada fazendo coisas, estudando e conhecendo. Também desejo me alimentar dessas vozes”, diz Isabel Diegues, que vê nesses movimentos um pouco de Nara e um pouco desse Brasil que canta e é feliz. Também um pouco de uma raça, que não tem medo de fumaça. E não se entrega não. 🇧🇷

“Sou um grande apaixonado pela bossa nova, está na minha essência”

Theo Bial



FOTO: LEO AVERSA



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Nos 60 anos da canção *Garota de Ipanema*, Helô Pinheiro, a musa que inspirou a canção de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, vira tema do congresso

de psicanálise em Paris

É ela, menina..

por GISELE VITÓRIA

Nas memórias de seu doce balanço a caminho do mar, Helô Pinheiro arranca risadas ao contar como reagia quando ouvia o “psiu, psiu” de Tom Jobim e Vinicius de Moraes na rua Montenegro, em Ipanema. “Eu me empinava mais”, ela ri, ao contar suas lembranças históricas ao psicanalista Jorge Forbes em um almoço em São Paulo. Em 1962, o seu balançado, como diz a canção que ganhou o mundo, era mais que um poema no olhar dos artistas que estavam no Bar do Veloso, hoje Vinicius de Moraes, e viam Helô passar na flor de seus 16 anos.

Nos 60 anos da canção *Garota de Ipanema*, a musa inspiradora mais longeva do país, Heloísa Eneida Menezes Paes Pinto, virou tema do congresso da Associação Mundial de Psicanálise, em Paris, na conferência “Que Vem e que Passa” do psicanalista Jorge Forbes, sobre “a mulher que existe”. O encontro internacional tem como tema central a frase do psicanalista francês Jacques Lacan “a mulher não existe”. Personagens femininas icônicas como Alice no País das Maravilhas e Mafalda também serão discutidas no congresso. Mas só Helô é musa de carne e osso.

Aos 76 anos, belíssima, Helô Pinheiro é a mulher que existe por trás do mito da moça do corpo dourado do sol de Ipanema. “Eu não me via como a Garota de Ipanema. Mas foi um presente da vida, de Vinicius e Tom.” Ela se diverte com as memórias do passado que a levaram ao topo do mundo pela modernidade da bossa nova.

A fama era tanta que chegou a ser convidada para ser recebida pela rainha Elizabeth II no Palácio de Buckingham, mas recusou. Ela teria o aniversário da família do marido em Londres no mesmo dia. Hoje leva a mão à cabeça por não ter dado um jeito de ir. “Eu não entendia o que estava acontecendo”, diz.

Helô nasceu no bairro do Grajaú e mudou-se com a família para Ipanema na adolescência. Só foi saber depois que a música era para ela por conta da revista *Fatos e Fotos*, que propôs e cobriu o primeiro encontro oficial entre Vinicius e a musa inspiradora. “Eu era muito tímida, entrava para comprar cigarro e não respondia aos elogios. Minha mãe não me deixava ser modelo, meu pai era militar.”

Depois, nesse encontro, eu fiquei muito nervosa. Era a primeira vez que eu falava com eles.” Aos poucos Tom e Vinicius viraram seus grandes amigos. Tom se apaixonou por ela, mas Helô nunca quis namorá-lo. Seu coração era de Fernando Pinheiro, com quem é casada há mais de 50 anos e teve suas três filhas, Kiki, Jô e Ticiane Pinheiro.

Para quem se dedica a estudar a mulher que existe, que vem e que passa, a pedido de Jorge Forbes, Helô Pinheiro cantarolou *Garota de Ipanema* em vídeo para fechar o encontro da Associação Mundial de Psicanálise e dos divãs do mundo. Quem sabe na esperança de que o mundo inteiro de novo se encha de graça e fique mais lindo por causa do amor. **■**



FOTOS: ACERVO PESSOAL

SENTIDO HORÁRIO, três momentos de Helô Pinheiro na praia de Ipanema. No alto com Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Ao lado, Helô atualmente.



CARIOCA DA GEMA E DAS NOITES

Nascido na Suíça e criado no Rio, o produtor cultural Luiz Calainho retoma o Noites Cariocas, festival criado nos anos 1980, e diz que o resgate tem sentido emblemático

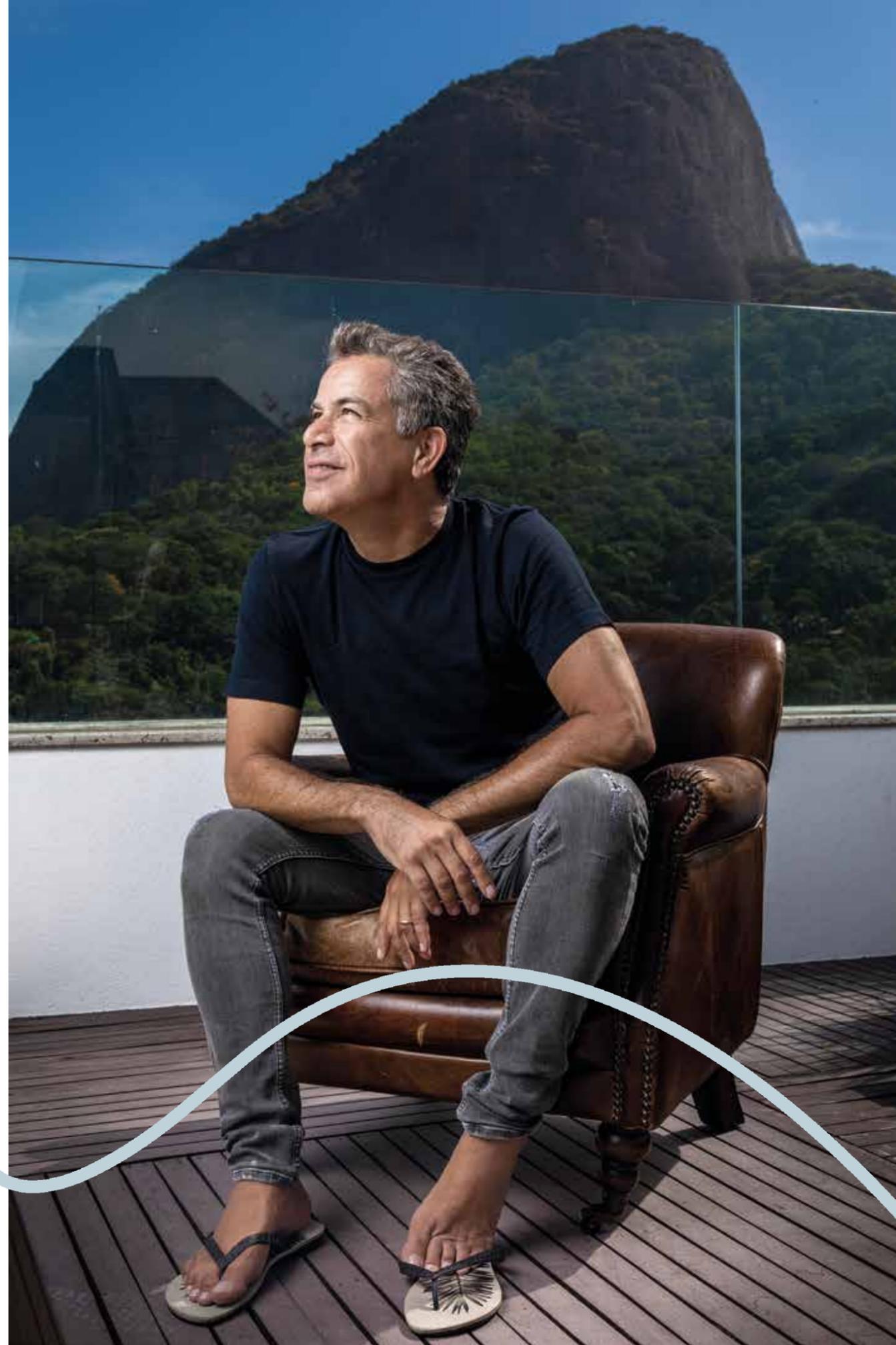
por GISELE VITÓRIA foto SÉRGIO ZALLIS



Luiz Calainho toma banho frio todo dia há 12 anos. Em um fim de semana em Angra dos Reis, decidiu que não esquentaria nunca mais a água do chuveiro. Medita, exercita-se, sono é prioridade na vida, ele ensina. “Tenho bons hábitos e, definitivamente, gosto muito de viver”, sorri o empresário e produtor cultural de 55 anos. Na conversa por chamada de vídeo, ele vira a tela para mostrar a vista exuberante da sua janela para o morro Dois Irmãos, no Rio de Janeiro. “O ser humano em certo sentido, com essa empáfia que tem, se considera acima da natureza. Delírio total”, ele diz. “Não somos nós e a natureza. Nós somos a própria natureza.” Nascido na Suíça por acaso, criado no Rio, ele se considera carioca da gema e das noites. “Meus pais são cariocas. Sou carioca sem ter nascido no Brasil”, brinca. Seu pai,

já falecido e de quem ele herdou o nome, foi piloto de avião da Panair, da Swissair e da Varig. Filho da psicóloga Maria Helena Buono, a natureza de Calainho é realizar. A pandemia, além da tragédia de mais de 660 mil vidas perdidas no País, foi muito mais que uma ducha de água fria para a cultura e o entretenimento. O setor precisou se reinventar. Mas, como banho gelado não o assusta, Calainho atravessou profissionalmente esses dois anos com galhardia. E na sua mais recente aventura cultural, a retomada do festival Noites Cariocas, no morro da Urca, lavou a sua alma com a doce energia do Pão de Açúcar.

A temporada do Tim Music Noites Cariocas, em março e abril, teve aura de resgate histórico, direto do túnel do tempo. “É hora de renascer e nascer em um certo sentido”, diz. A reestreia teve Paralamas do Sucesso



e Leo Jaime, na emoção da retomada no Morro da Urca, com novos talentos revelados no projeto Desafio do Bondinho. “As pessoas se encontrando, ouvindo, foi uma emoção. Nesse tempo, todos ficaram muito isolados, sem conexão. O caldo da criação tem a ver com aproximação, com contato, inclusive com espiritualidade.”

O Noites Cariocas, marco da cultura brasileira nos anos 1980, e depois no início dos anos 2000, quando o Morro da Urca fervia, voltou como desejo genuíno do menino que frequentava na adolescência a ferveção, fruto do projeto criado por Nelson Motta. “Noites Cariocas é uma espécie de startup do gênero pop rock brasileiro porque nossos artistas todos começaram a nascer ali, naquele palco no Morro da Urca, um lugar muito poderoso.” Até o final dos anos 1970, o gênero pop rock praticamente não existia no Brasil. Havia a bossa nova, a MPB clássica, Tom Jobim, Chico Buarque, os grandes românticos, como Roberto Carlos e Simone. A música sertaneja tinha o seu espaço no interior de São Paulo e do Paraná, e o trio de Dodô e Osmar brilhava na Bahia. “O gênero pop rock de verdade é realmente uma expressão artística brasileira. Nos anos 1980, começam a pintar artistas como os Paralamas do Sucesso, Lulu Santos, Kid Abelha”, relembra ele. Surge então um produtor, Nelsinho Motta, que já era jornalista, conectado com todo esse ecossistema da música, que inventa um lugar para que esses artistas iniciantes comessem a acontecer.

“Quando me tornei um empresário do setor da arte, cultura e entretenimento, tinha duas coisas na minha cabeça que eu faria em algum momento: retomar o festival Noites Cariocas e trazer o Blue Note para o Brasil”, conta. “Tive o privilégio de ter conseguido fazer as duas coisas”, conta Calainho, que frequentava o Blue Note em Nova York quando ia regularmente à matriz da Sony Music nos anos 1990, época em que era executivo da empresa. “Quando Nelson Motta deixa de produzir o Noites Cariocas, ele vai morar em Nova York e o festival adormece. Em 2003, numa conversa com o meu sócio,

“O Brasil precisa de arte e cultura, o Brasil precisa respirar”

Alexandre Acioli, começamos a discutir a possibilidade de fazer uma grande retomada dessa marca”, conta ele, que produziu a segunda grande temporada do evento entre 2004 e 2011. Após um intervalo de 11 anos, Calainho sentiu que chegou o momento de voltar com o Noites Cariocas, e não ficará só nesta temporada. “Vamos lançar o selo Noites Cariocas Discos. Parte dos shows será gravada para plataformas de streaming. E a gente está chamando de Discos para celebrar os anos 1980, quando havia LP e cassete, ainda que não haja mais o formato físico.” O gosto pela cultura e pela música, que ele abraçou profissionalmente, herdou da mãe e sorveu das experiências de vida. Calainho conta, por exemplo, que foi influenciado pela convivência com Marcio e Roberto Menescal. Era amigo de infância de Marcio. “Roberto tinha casa em Cabo Frio, onde compôs *O Barquinho*, inclusive. A gente ia pescar com o Roberto, depois ele tocava violão à noite. Particpei disso com 11 anos.”

Os projetos do fundador e presidente da L21, holding que une negócios de conteúdo e entretenimento, não param. No segundo semestre, o Blue Note São Paulo vai ter uma série de shows uma vez por mês com artistas de ponta. Batizado de Blue Note Prime, terá gastronomia e excelência musical. Calainho também lançará o projeto Aventurinha, no Rio, um centro de artes para a infância com música, teatro e workshop, e fará a estreia de *Seu Neyla*, comédia musical sobre a vida do ator Ney Latorraca, escrita pela atriz Heloísa Périssé. “Estou muito otimista e mais acelerado do que nunca. O Brasil precisa de arte, de cultura. O Brasil precisa respirar.” **R**



ARQUIVO PESSOAL/ DIVULGAÇÃO



A PARTIR DE CIMA, o DJ Dom Pepe e Nelson Motta, Kid Abelha, Lulu Santos e Paralamas do Sucesso ontem e hoje, festival Noites Cariocas em 2022.



DIVULGAÇÃO



FOTOS DIVULGAÇÃO



FOTOS DIVULGAÇÃO





AO LADO, EM SENTIDO HORÁRIO: A designer Elsa Peretti com cinto de corrente de cobra e bracelete Bone, 1973; colar de ouro com safiras amarelas e azuis, ágatas, citrinos e diamantes da Bulgari, 1972; Pulseira Crystal Stairs e brincos de Aldo Cipullo para Cartier; pulseiras de Elsa Peretti; relógio de ouro Serpenti Tubogas, da Bulgari, 1974.

That '70s Show

Braceletes pesados, pingentes enormes e atitude por todos os lados: as joias mais cobiçadas do momento são um resgate da era hippie

por TANYA DUKES
Ilustrações JACKIE PARSONS

D

Dos ternos coloridos às enormes plataformas, a lista de arrependimentos fashion dos anos 1970 é longa. Aqui estamos falando de roupas de gosto duvidoso mas com as joias, a história é outra. Esculturais e muitas vezes influenciadas pela pop art, as peças que marcaram aquela década ganham um novo olhar dos designers atuais. Enquanto os diamantes antigos da realeza europeia estão sob os holofotes, por suas enormes pedras brilhantes e preços multimilionários, a exuberância e acessibilidade das peças criadas há 40 ou 50 anos são alvos atraentes para colecionadores iniciantes. Além disso, são muito mais usáveis e fáceis de combinar com as roupas do dia a dia do que uma riviéra ou uma tiara preciosa.

O espírito setentinha está mais vivo do que nunca. Livros especializados lançados recentemente trazem capítulos sobre designers de joias da época como Aldo Cipullo e Andrew Grima. Já a italiana Elsa Peretti, conhecida por suas longas colaborações com a Tiffany&Co. ganhou um empurrãozinho da cultura pop por causa da ótima série *Halston*, da Netflix, lançada meses depois de sua morte. Sem contar a belíssima exposição *Simply Brilliant: Artist-Jewelers of the 1960s and 1970s*, que esteve em cartaz até fevereiro passado no Museu Cincinnati Art, em Ohio, nos Estados Unidos, com nomes famosos daquele período como Boucheron, Cartier e Bulgari.

Segundo Catharine Becket, chefe do setor de vendas de joias da Sotheby's, a mais famosa casa de leilões do mundo, as joias dos anos 1970 foram um marco porque eram completamente inovadoras. “Até os anos 1960, havia mais ênfase em pedras preciosas, em especial, rubi, esmeralda e safira. Os anos 1970 trouxeram à tona a exploração de pedras semipreciosas como a ametista e turmalina”, diz ela. “A formalidade da realeza e da alta sociedade deram lugar a joias com estética mais casual, aparecendo em ouro amarelo, com formas abstratas, textura e uma estética única. Esse período tem feito sucesso”, acrescenta a executiva, referindo-se ao leilão que a Sotheby's fez com joias da coleção da filantropa

“O estilo dos anos 1970 é feminino e sexy, algo bastante relevante. As peças são atuais, parece que você comprou hoje”

Michelle Smith. Entre as peças datadas da década de 1970, um colar de ouro com pérola e diamante da Van Cleef & Arpels foi vendido por US\$ 252 mil, cinco vezes mais do que o primeiro lance. Vale ressaltar, porém, que esses preços estratosféricos são exceções. Até porque, em parte, os anos 1970 coincidiram com uma onda de mulheres que entraram no mercado de trabalho e passaram a comprar suas próprias joias. “Elas passaram a olhar para as peças que poderiam pagar”, observa Catharine.

Jill Heller, revendedora de joias de Nova York, que atende celebridades como Rihanna e Alicia Keys, fala sobre o estilo setentinha. “É feminino e sexy, algo bastante relevante hoje em dia. As peças são atuais, parece que você comprou hoje”, compara. Por conta desse movimento, vários joalheiros estão encontrando inspiração na época. A joalheria italiana Pomellato, por exemplo, trouxe em sua mais recente coleção tema de nós e anéis com pesadas pedras semipreciosas como topázio e quartzo. Jill cita a coleção de colares Monete, da Bulgari, com moedas antigas, peças de ouro texturizado, da Henry Dunay e os braceletes esmaltados em formas de animais de David Webb, como os itens mais desejados daquela



época. Além disso, o apelo hippie das peças atravessa gerações e as filhas das mulheres que originalmente usavam as joias da década de 1970 estão redescobrimdo essas peças. Os colecionadores também buscam designers menos conhecidos como Norman Teufel, cujas joias lúdicas e cinéticas (como anéis de ouro 18 quilates com movimento de um pião) eram desvalorizadas na época. Já as criações que Elsa Peretti fez para algumas amigas e para o estilista Halston estão entre as mais cobiçadas e difíceis de encontrar.

As grandes marcas também buscam suas próprias joias vintage. A Bulgari, por exemplo, adquire por ano cerca de 60 peças antigas para sua coleção particular. Sob a orientação de sua curadora de patrimônio, Lucia Boscaïni, elas são utilizadas para exposições em museus, tapete vermelho e pesquisa da atual equipe criativa. Por meio de leilões e transações par-

ACIMA, EM SENTIDO HORÁRIO: Colar de quartzo, ônix e malaquita, de Aldo Cipullo, leiloado por US\$ 63 mil pela Sotheby's; colar em forma de flecha de ouro Van Cleef & Arpels; anel de David Webb; braceletes Love e Juste Um Clou da coleção de 1971 de Aldo Cipullo para Cartier.

“Foi uma década de grande experimentação de temas e materiais, com inspirações que vão da pop art ao extremo oriente”

ticulares, Lucia arremata itens que mais bem refletem a estética Bulgari – e joias criadas nos anos 1970 são seu alvo principal. “Elas representam muito o nosso estilo. Foi uma década de grande experimentação de temas e materiais, com inspirações que vão da pop art ao extremo oriente.”

A Bulgari tem boas razões para manter suas origens, mas outros colecionadores não precisam ficar presos a assinaturas. “Se você tem a chance de comprar algo que é bonito, completo, típico da época e tem uma assinatura, ótimo”, diz Daniela Mascetti, especialista em joias da Sotheby's. Mas se têm um orçamento limitado, compre uma linda peça com um ótimo design. É o caso da designer Julie Simpson, colecionadora de peças dos anos 1960 e 1970. Ela conta que, no passado, não havia tanta concorrência e os lances não eram altos. “Consegui comprar alguns itens por menos do que valiam há 10 anos. Mas agora sabemos quem são os autores”, conta ela, dona de achados preciosos como um pingente multicolorido de David Webb e peças de Andrew Grima e Gilbert Albert, ambos conhecidos pelas criações ousadas e esculturais. “Gosto de coisas grandes. Posso usar apenas uma peça para fazer a diferença e sei que ninguém mais vai usar a mesma coisa porque é única, não se faz mais.” Ela tem razão e por isso o garimpo dessas preciosidades está em alta. ■

“A CULTURA É IMORTAL”

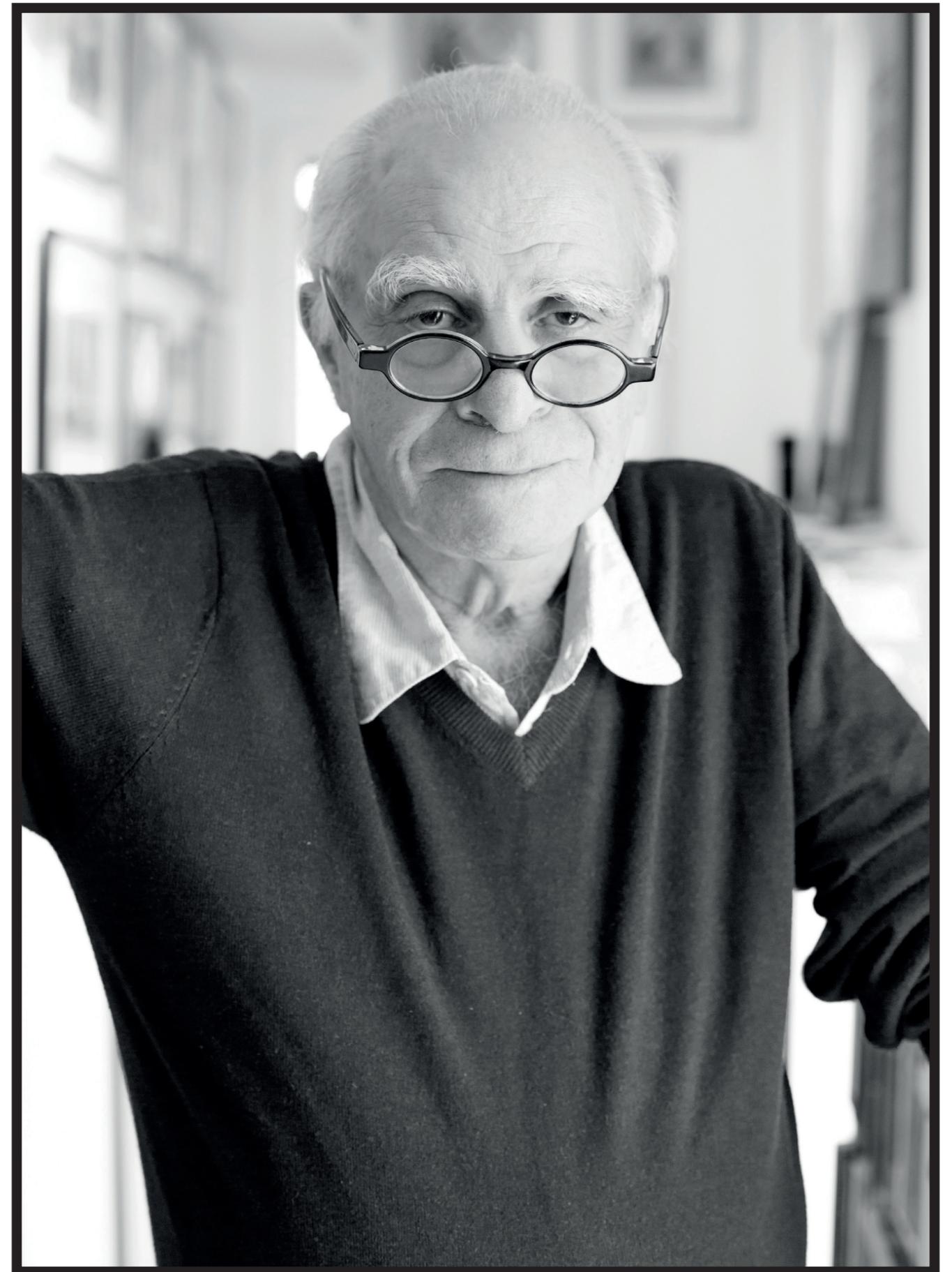
O escritor e imortal Ignácio de Loyola Brandão acaba de terminar um novo romance, que se passa no Brasil da pandemia, conta histórias sobre Sartre, Hitchcock e seu livro *Zero*, marco na ditadura. Ele diz que o discurso de Fernanda Montenegro na ABL foi o mais deslumbrante da história da Academia

por GISELE VITÓRIA foto LETICIA GULLO

Ignácio de Loyola Brandão tem impressionante precisão para contar histórias. Aos 85 anos, o traço detalhista de jornalista permanece no araraquense imortal. Fala com riqueza como se editasse um texto em tempo real. Eleito em 2019 para a Academia Brasileira de Letras, Loyola assistiu na primeira fila ao discurso memorável de Fernanda Montenegro na ABL. Para ele, a Academia vive um momento especial com a eleição da atriz e do cantor Gilberto Gil. “As pessoas não sabem o que é a Academia”. Com a notoriedade dos artistas, vão conhecer mais. O escritor não para. “Vou existindo”, diz, sobre o sentido da vida. Acaba de entregar para a editora Global seu novo romance com o título provisório *Deus, Por que Você Não Diz Logo o que Quer de Nós*, frase de Simone Beauvoir. “O romance se passa no Brasil da pandemia, quando ninguém fica vivo. O Brasil é apenas um imenso túmulo. E quando você vê de cima, naqueles satélites, é um país recortado de túmulos brancos”, entrega. Na sua ficção de 400 páginas, o tempo passou a andar para trás.

Como é ser imortal?

É igual ser mortal. Na Academia temos essa brincadeira: somos imortais porque não temos onde cair mortos. Você pertence a um grupo seletivo que discute problemas da cultura, da linguagem, da ficção. Promove-se cursos. Um momento importantíssimo para a ABL foi a eleição da Fernanda Montenegro. Porque as pessoas não sabem o que é a Academia. Ah, o que a Fernanda escreveu? Não é isso. Não tem atriz ou ator maior do que ela neste país. E fez o mais deslumbrante discurso de posse que eu vi. Para fazer o meu discurso, li todos antes. Ela falou do teatro, dos grandes autores, dos grandes personagens, de cultura e de liberdade. Ela ia fazendo a relação com o momento atual, quando estamos começando a ter censura. O governo pede que se feche o Lollapalooza porque foi lá Pablo Vittar e fez um gesto. Isso é o começo da censura. E Fernanda, sem citar isso, citando Shakespeare, Nelson Rodrigues, Antígona, ia dando pedaços do Brasil. Pela primeira vez vi alguém interpretar um discurso. No final, disse: “Resistiremos: somos imortais.” Ou seja, a cultura é imortal. Foi um momento de virada. Vivi na posse de Fernanda um momento histórico, para mim, tão importante quanto certos momentos da minha vida.



Que momentos foram assim tão importantes?

A tarde em que entrevistei Giulietta Masina no hotel Jaraguá. Os dois minutos que tive com Fellini, em 1963, em um café em Roma, em que ele estava selecionando o elenco para o filme *Julieta dos Espíritos*. Ele desenhava as pessoas. Perguntei: o senhor escolheu alguém? Ele disse: “Não vim escolher ninguém. Vim pegar detalhes físicos das pessoas para montar os personagens”. Foi uma grande lição. E minha primeira entrevista importante foi em 1958 com Juscelino Kubitschek. O JK veio andando pelo interior de uma fábrica que ele inaugurou. Eu, tímido, disse: “Presidente, sou da *Última Hora*. E ele: “Fala, meu filho, o que você quer?” e deu um sorriso. Eu tinha duas perguntas. Deu manchete. Mal eu tinha entrado no jornal. Foi comovente para mim.

E como foi o dia em que foi buscar Alfred Hitchcock em casa para um ensaio na revista onde era o editor?

Em 1967, eu trabalhava na editora Abril, na *Claudia*, contratado pelo Thomaz Souto Correa e pelo Luiz Carta. Fiquei anos na *Claudia* [e depois na *Vogue Brasil*, como diretor]. E havia uma edição internacional por ano. Thomaz avisou: “Vamos para Hollywood”. Vibrei. Fomos com um grupo da Rhodia, uma das modelos era a Mila Moreira, que foi amiga de uma vida. Fomos fazer um ensaio de moda com o Hitchcock. Buscamos o Hitchcock em casa. Foi ideia dele mudar a locação para um frigorífico em Los Angeles. A foto foi no meio de carnes sangrentas.

Mila Moreira contou que ele se despediu dela com a frase espirituosa: “Very nice to meat you”.

Ele fez o jogo de palavra com a carne [“meat” em vez de “meet”]. E, no final, nós nem colocamos isso na matéria. Tontos.

E a história da palestra do Jean Paul Sartre em Araraquara?

Foi 1960. Ele veio de Recife e a USP não conseguiu que ele fizesse uma palestra em São Paulo. O diretor da universidade de Araraquara o atraiu para lá. O pai do (dramaturgo) Zé Celso

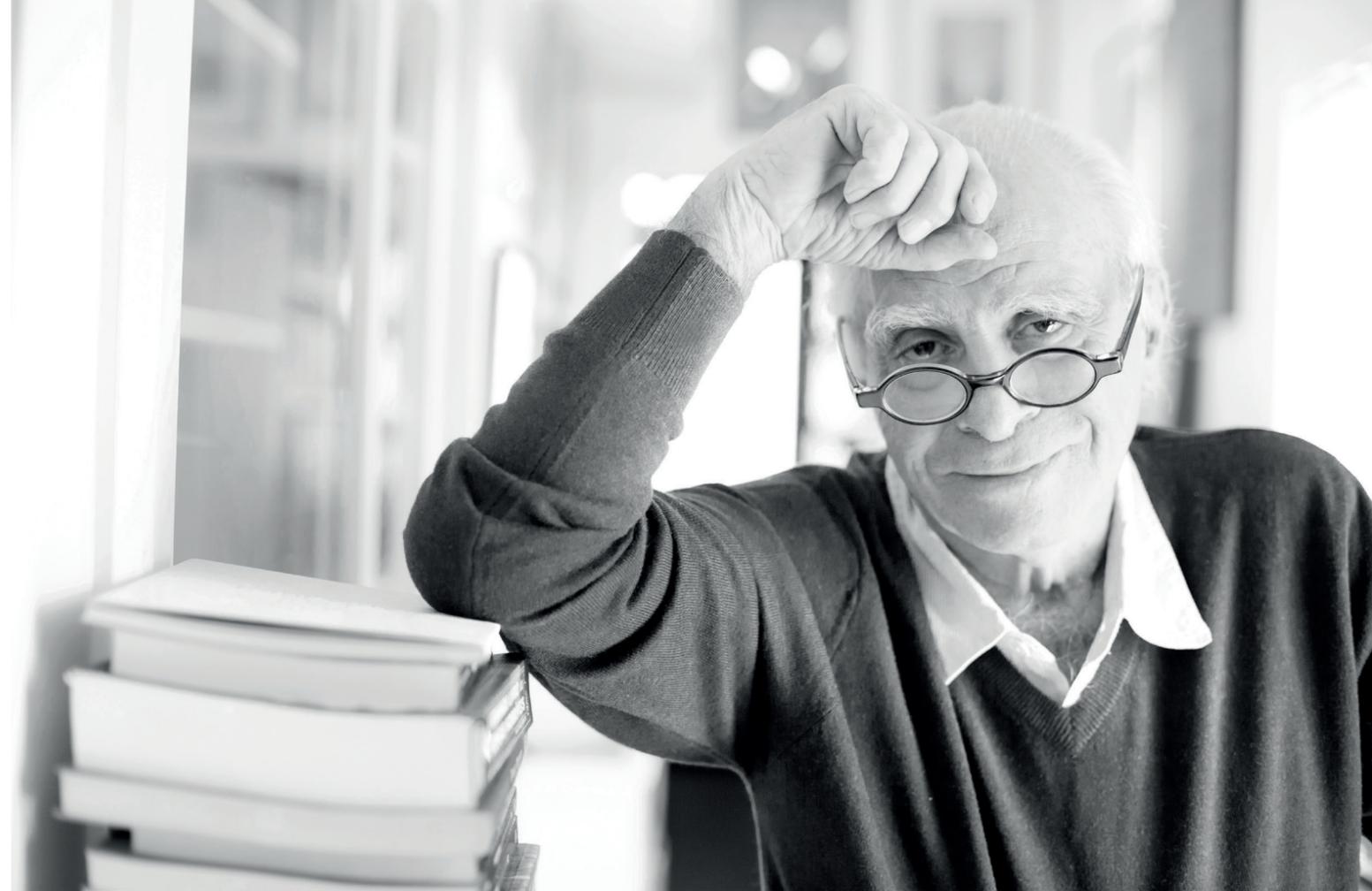
Martinez Corrêa tinha um carro, um Hudson. Ficou à disposição para dar uma volta com o Sartre e a Simone Beauvoir. A Simone estava num mau humor terrível. Foram dar uma volta, mas o carro quebrou e tiveram que achar outro. Naquele dia, em Araraquara, estava tendo um jogo do Ferroviária e do Santos, que perdeu de 4 a 1. Dizem que o Pelé cruzou com o Sartre no meio da rua central. Durante anos isso saiu, mas eu, que cobri para a *Última Hora*, desmenti. Porque o jogo já estava sendo jogado. E a piada é a esquina que se chama esquina de Sartre e Pelé. Eles teriam se cruzado ali.

Você sempre gostou de cinema?

Eu era um garoto que adorava cinema, mas não tinha dinheiro. Meu pai era ferroviário. Em Araraquara tinha dois cinemas, bonitos, chiques. Um dia soube que crítico de cinema não pagava entrada. Descobri que havia algo que se chamava permanente. O cinema entregava para cada jornal um passe para que o dono fosse ao cinema de graça. Um dia fui à *Folha Ferroviária* e perguntei para o dono era um velhinho, amigo do meu pai. “Meu filho, não existe crítico em Araraquara”, disse. Eu lia todas as críticas de cinema possíveis. Recortava dos jornais, fazia álbuns. Um dia montei uma crítica de um filme, de Rudolph Valentino. O jornal gostou, publicou e pediu mais. Tinha 16 anos. Foi quando comecei no jornalismo. As pessoas liam minhas críticas e virei importante no ginásio. O professor de matemática adorava cinema, e como eu era zero em matemática, ele dizia: “Ignácio, vou resolver o problema para você”. Então eu passava nas provas porque fazia crítica de cinema.

E qual era seu sonho na época?

Sonhava ser diretor de cinema. Então, virei crítico de cinema, mas tinha que acabar o curso. Eu era da turma do Zé Celso. Crescemos juntos, nossas mães eram catequistas, o pai do Zé Celso era rico, e o meu era ferroviário. Mas a gente era amigo. Minha turma foi embora e só eu fiquei em Araraquara porque estava repetindo o científico. Quando fui fazer o último exame oral, o professor disse que me daria uma equação. Tinha 40 jovens da classe média de Araraquara, bonitas e bem-vestidas, olhando para mim e para a equação. Comecei a escrever na lousa todos os símbolos matemáticos que me vinham à cabeça e as moças encantadas, achando que eu estava resolvendo o problema. Eu, um menino feio, recusado sempre... Enchi



“Vivi na posse de Fernanda Montenegro um momento histórico, para mim, tão importante quanto certos momentos da minha vida”

a lousa. O professor me chamou à sua mesa e admiti que aquilo não fazia sentido, mas não podia fazer feio. “Pode ir embora Ignácio, a nota é 10”. Ele explicou: “É 10 pela loucura, pelo delírio. É 10 pela fantasia. Vai embora dessa cidade porque o teu mundo é o da imaginação.” E daquela manhã de 1956 até hoje, eu vivi da imaginação. Aquele homem entendeu o que tinha dentro de mim. Era o professor que gostava de cinema. Os professores fazem os escritores.

O que mais lhe marcou da Semana de Arte Moderna?

A Semana de Arte aconteceu com um bando de granfinos, mas teve Mário de Andrade, Tarsila, Villa-Lobos. Foram avanços, não mudou tanto a vida de ninguém. Mário de Andrade está ligado

à minha cidade. Em Araraquara, havia a Chácara do Pio Lourenço Corrêa, que era um fazendeiro rico e intelectual aparentado de Mário de Andrade. Dizem que quando Mário tinha umas crises nervosas, ia para a chácara do tio Pio. Contam que as crianças se reuniam para ouvi-lo contar episódios que havia escrito. Foi o primeiro eleitorado dele. Ele testava os textos ali, com a meninada. Uma dessas crianças ouvintes era Gilda de Mello e Souza, que foi mulher de Antônio Cândido. Gilda viu o nascimento do livro *Macunaíma* (1928).

Seu romance Zero foi publicado antes, na Itália, e censurado no Brasil em 1976. Como veio a ideia de juntar histórias censuradas?

Em 1964 veio o golpe. Quando o *Última Hora* foi fechado, um pelotão invadiu, bateu em um monte de gente, quebrou telefone. Quinze dias depois o jornal reabriu. Alguns tinham sido presos. O fundador, Samuel

“Para mim, viver não era passar, era deixar uma marca. Queria escrever como Hemingway. Até que fui descobrindo quem era Ignácio de Loyola. Eu vou existindo”

Wainer, exilado. E tinha uma pessoa nova dentro do jornal, o censor. Ficava numa mesa ao lado da minha, eu era o secretário de redação. Cada editoria fechava sua página e me trazia. Só que eu tinha que passar para o censor para que ele visse tudo. A primeira página passou. Aí ele me devolveu uma matéria com um carimbo: “Vetado”. Vetado por quê? Ele disse: “Não pergunte. Sabemos o que vocês podem publicar ou não. Nós mandamos no País”. E aí, intuitivamente, abri uma gaveta e joguei ali a matéria vetada. Tudo o que era proibido, fotografias, caricaturas, matérias, entrevistas, eu jogava no gavetão. E quando encheu, levei para casa. Em um ano, tinha tudo o que a censura proibiu no meu apartamento. Por ideia de uma amiga, me dei conta de que tinha um livro ali. Tudo o que o Brasil não pôde ver estava ali. E fui montando um livro, que era uma loucura. Era o próprio personagem falando consigo.

O que significava?

Nada. Hoje, na pandemia, vejo pessoas falando sozinhas na rua, no celular. Zero acabou com 400 páginas. Mas publicar aquilo era ser preso. O dramaturgo Jorge Andrade sugeriu levar para a Itália. Era o único original, cópia carbono. O livro foi publicado lá e repercutiu. E aí quando saiu aqui, em 1975, esgotou a primeira edição em uma semana. Por um ano e meio, era como se não tivesse sido descoberto. Nenhum crítico disse “é o Brasil da ditadura”. Diziam: é um romance novo, estruturalmente complicado. Em 1976, veio a proibição. Em 1979, a liberação.

Estamos em 2022, como será seu novo livro?

Se passa na pandemia, no Brasil, quando ninguém fica vivo. E o Brasil é apenas um imenso túmulo. E quando você vê o Brasil de cima, naqueles satélites, é um país recortado de túmulos brancos. E o tempo vai retrocedendo porque,

com o governo que há, que não digo qual é, nós chegamos na pré-história. O tempo passou a andar para trás.

Como é ter 85 anos?

Você vai se adaptando, né? Escrevo um romance de 300 páginas e um livro de mil laudas (a biografia do banqueiro Aloysio Faria), mas uma escada de três degraus eu já tenho dificuldade.

O termo imortal na ABL é curioso...

É fácil. Cada um de nós faz um discurso. Tem que se referir aos membros anteriores da sua cadeira. Então, daqui a 100 anos, alguém vai dizer, o sétimo da cadeira foi Ignácio de Loyola Brandão, um homem esquisito que escreveu uns livros e um livro foi proibido e vão lembrar de mim. Você será sempre lembrado porque vão falar de você. Isso é a imortalidade.

E a mortalidade?

A morte é uma contingência. Estou tentando descobrir o que tem de cá. Depois que eu tiver do lado de lá, vou finalmente ver o que é.

Qual é o sentido da vida para você?

O sentido da vida é viver o dia a dia. Quando saí de Araraquara, aos 21, meu pai me levou na estação. Ele perguntou, você não quer ficar aqui? “Não, meu pai, não tem nada que eu queira aqui.” Ele falou: “Mas você quer trabalho ou emprego? No emprego, você ganha dinheiro para sustentar a família. Trabalho é o sonho”. Eu respondi: “Então quero trabalho, pai”. No fundo, eu queria ser alguém. Não queria ser igual a todo mundo. Isso era uma bobagem. Mas não queria levar uma vida que no final dissesse, puxa não aconteceu nada. Nunca pensei em casar. Aconteceu, e eu adoro tudo o que aconteceu. Tenho uma mulher sensacional (a arquiteta Márcia Gullo) e uma filha sensacional (a cantora e atriz Rita Gullo), filhos sensacionais e uma neta linda. Mas, para mim, viver não era passar, era deixar uma marca. Queria escrever como Hemingway. Até que fui descobrindo quem era Ignácio de Loyola. Eu vou existindo. 



Exposição

Design e indústria

A história da tradicional botica Granado

até 29 de maio

Museu da Casa Brasileira
Av. Brig. Faria Lima, 2705
Jardim Paulistano



Apoio



eletromidia

JCDecaux

Anazzoni GIN

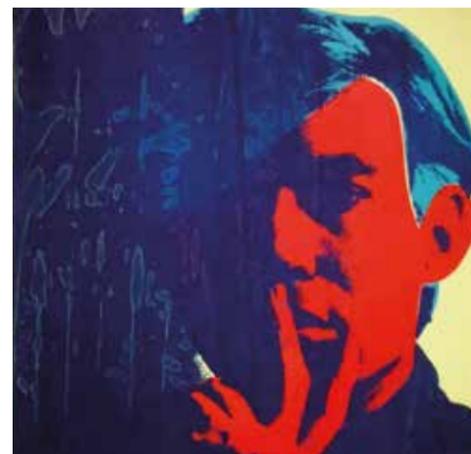
Realização

GRANADO
— PHARMÁCIAS —
DESDE 1870

FUNDAÇÃO
PADRE ANCHIETA

MUSEU
DA CASA
BRASILEIRA

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa



OUTRAS OBRAS- PRIMAS DE WARHOL

Os relógios garimpados ao longo da vida pelo gênio da pop art são tão disputados em leilões quanto sua arte

por MARK C. O'FLAHERTY

Como na corte do Rei Sol, os assistentes de Andy Warhol buscavam a constante aprovação de seu superior. Trabalhando com o artista em Nova York na década de 1980, Marc Balet, diretor de arte da revista *Interview*, fundada pelo pai da pop art, lembra de tentar impressioná-lo com seu relógio Jaeger-LeCoultre Reverso, que tinha acabado de trazer da Suíça. “Eu usei na Factory”, disse ele à Robb Report, referindo-se ao famoso estúdio do artista, onde reunia seu círculo de amigos. “Querria que ele visse meu bem mais precioso e ficasse com inveja. Mas olhou e deu de ombros: ‘Ah, sim, eu tenho alguns desses’”. Ele tinha muitos. Na recente série documental *Diários de Andy Warhol*, da Netflix, baseada nos diários que ele manteve por 10 anos e publicados em

1989, dois anos após sua morte por complicações de uma cirurgia na vesícula, estão ali sua obra, sua excentricidade, sua intimidade e também seus relógios.

Após a sua morte, foram encontrados 313 exemplares em sua casa, na East 66th Street, e vendidos em um leilão da Sotheby's. Foi a primeira vez que um estoque tão grande de relógios pertencentes ao mesmo dono mexeu com a imaginação de colecionadores de todo o mundo. O valor não estava ligado apenas ao acessório em si, mas ao fato de ser do artista e ter vindo de alguma aventura de Warhol. Muito diferentes da estética pop que ele defendia, os relógios eram clássicos e refinados. E, ao contrário do vaivém de suas icônicas serigrafias, raramente reapareciam em leilão para alimentar um mer-

Andy Warhol tinha uma coleção com mais de 300 relógios.

cado cada vez mais voraz. Quando acontece, viram manchetes de jornais, já que quebram recordes de leilões. Em 2021, o Rolex Oyster 3525, de 1943, de aço inoxidável e ouro rosa, foi vendido por US\$ 450 mil na Christie's, em Genebra. Foi o preço mais alto alcançado por um relógio de Warhol até hoje.

“Warhol tinha paixão por ícones”, afirma Cameron Barr, fundador do site de relógios vintage Craft & Tailored. “Ele gostava de coisas que eram tão simples quanto sofisticadas. Usava o Cartier Tank Louis com frequência. Um dia disse: ‘Não uso um relógio Tank para ver as horas, uso um porque é o relógio a ser usado.’” Como na arte, Warhol também era um ávido colecionador com habilidades que variavam entre trabalhador e gênio. Suas escolhas de relógios eram brilhantes. “Olhando para o que ele comprou, fica claro que era obcecado pelo design”, diz John Reardon, ex-chefe do departamento de relógios da Christie's e fundador da Collectability, mercado online vintage de Patek Philippe. “Ele adorava assinaturas, relógios moldados e design clássico. No universo da Patek Philippe, por exemplo, podemos ver seu gosto pelo clássico Calatrava e por peças mais vanguardistas, como o relógio da coleção Ricochet, desenhado pela Patek Philippe Gilbert Albert”, conta.

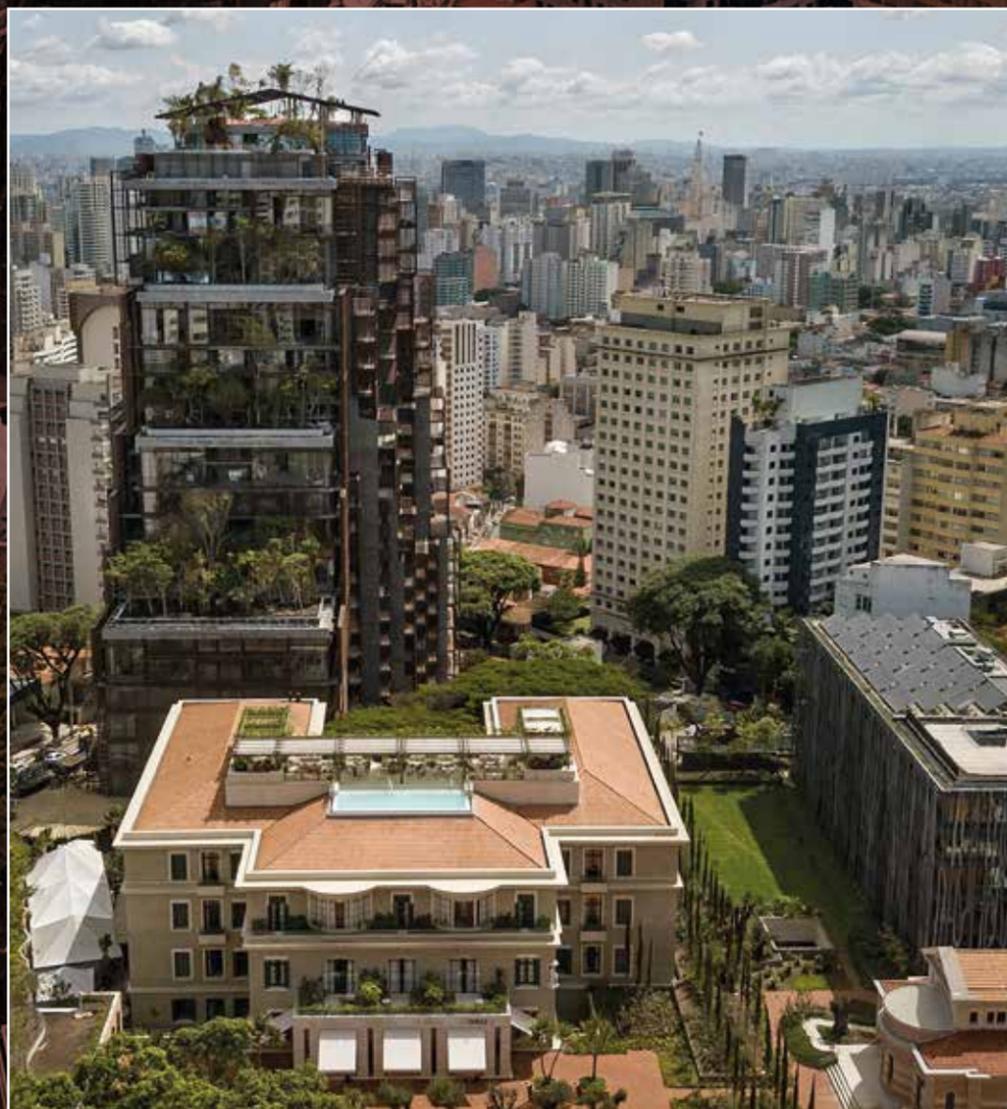
A história por trás de como os 313 relógios chegaram ao mercado é tão intrigante quanto qualquer outra coisa na vida de Warhol e condiz com seu comportamento excêntrico. Quando começou a comprar as peças, as usava de maneira muito particular: costumava colocar um Rolex dourado feminino sobre o punho da camisa. E era impossível saber quantos relógios ele tinha. “Os primeiros foram encontrados no dossel com franjas acima de sua cama”, conta Daryn Schnipper, vice-presidente sênior da Sotheby's em Nova York, que organizou o leilão em 1988. “As pessoas fizeram lances pelos acessórios porque pertenciam a ele”. Paige Powell, uma das amigas e funcionárias mais próximas de

Warhol – os dois planejavam adotar uma criança juntos antes de ele morrer – recebeu várias obras de arte do artista, mas, ainda assim, foi ao leilão. “Comprei um relógio da década de 1950, com o rosto do caubói cantor Gene Autry, por US\$ 1.800”, lembra. Para ela, o objeto representa uma forte conexão com seu falecido amigo, já que quando era menino, Warhol tinha um álbum de recortes com fotos de Autry e Roy Rogers, outro astro Western.

Filho da classe trabalhadora de imigrantes do leste europeu, ele gastou uma fortuna nos acessórios. Conhecia as melhores marcas e negociantes do mundo e transformou esse ímpeto em esporte. Relógios como o Tank apareceram várias vezes em sua coleção, assim como exemplares de Audemars Piguet e Patek Philippe dos anos 1950 e 1960. É difícil fazer comparações entre o mercado da arte de Andy Warhol e de seus relógios. Os preços de suas pinturas e gravuras dispararam em 2007, despencaram no ano seguinte, mas voltaram a se estabilizar em 2010, quando passou a ter um crescimento anual de 12,5%, segundo a Artnet. O “Silver Car Crash (Double Disaster)” – 1963, de Warhol, por exemplo, foi vendido em 2013 por US\$ 105,4 milhões, mas também existem pinturas com valores mais baixos. No mesmo ano dessa transação recorde, a Christie's começou a realizar leilões relâmpago de milhares de obras menores com peças chegando a menos de US\$ 10 mil, algo que não acontece no mercado de relógios por serem métricas diferentes. Ainda mais acessórios amarrados a um passado que qualquer fã de Warhol pode estar disposto a pagar. De certa forma, cada um dos relógios é um achado mais raro do que qualquer uma de suas pinturas. Existem dezenas de Mao e Marilyn por aí, mas apenas um relógio de avião de prata Longines for Wittnauer de 1930, usado pelo artista. Na biografia *Warhol by Blake Gopnik*, há vários relatos de sua tendência de colecionador. Ele gostava de andar com o bolso da camisa cheio de diamantes. Nunca os tirava, apenas tinha prazer em saber que estavam lá. Algo parecido acontece com quem compra os relógios: querem porque, de alguma forma, foram tocados pelo gênio. ■

EM SENTIDO HORÁRIO:
Relógio Tank Louis Cartier de Warhol, vendido por US\$ 9 mil; Patek Philippe 3448 Calendário Perpétuo, vendido por US\$ 280 mil; Piaget em ouro amarelo de 18 quilates e o Rolex Oyster Chronograph 3525, vendido por US\$ 450 mil em 2019.





UM MERGULHO NO ROSEWOOD SÃO PAULO

O primeiro hotel da rede na América do Sul é um tesouro com savoir-faire francês e raízes brasileiras dentro do Complexo Matarazzo

por SHOICHI IWASHITA



“Depende daquele que passa que eu seja túmulo ou tesouro. Se eu falo ou me calo. Isso só depende de você. Amigo, não entre aqui sem desejo.” O texto de 1937, do poeta francês Paul Valéry, na entrada do Le Jardin, um dos restaurantes do novíssimo Rosewood São Paulo, já prepara o espírito para ingressar nessa joia rara que abriu as portas, em esquema soft opening, em dezembro passado. Na hotelaria de luxo, não basta o hotel ter um restaurante de alta gastronomia, uma estrutura de wellness (cada vez mais) ampla e completa, um concierge que te conecte com o melhor do lugar, serviços 24 horas, as matérias-primas mais nobres e uma proporção de staff de dois a cinco funcioná-

os por hóspede... Ele precisa ter uma localização icônica dentro do contexto do destino onde está instalado. “Location, location, location”, como dizem no mercado. E a cidade de São Paulo incrivelmente nunca teve um hotel como o Rosewood São Paulo, primeiro da rede honconguesa na América do Sul.

Isso porque não houve limites para a visão-nem de orçamento –, além de um belíssimo trabalho de curadoria do empresário francês Alexandre Allard, idealizador do Cidade Matarazzo, empreendimento imobiliário bilionário do qual o hotel faz parte, e que só estará funcionando em sua totalidade em 2023. Além de ocupar o edifício histórico do que, por

Vista aérea do hotel Rosewood São Paulo, que faz parte do complexo Cidade Matarazzo.

50 anos exatos foi a maternidade Matarazzo, com direito agora a três restaurantes, um bar de jazz e uma piscina de borda infinita no rooftop, a outra parte dos quartos do hotel e os apartamentos residenciais ocupam a Torre Mata Atlântica, edifício de 24 andares projetado por um dos mais importantes arquitetos do mundo, o francês Jean Nouvel.

A influência francesa continua com o projeto de interiores assinado pelo escritório do célebre designer Philippe Starck, e o trabalho dos Ateliers de France, responsáveis pelos acabamentos impecáveis do hotel, já que a empresa é especializada em restauração de edifícios históricos. Em seu portfólio, algumas das construções mais importantes da história da França como o palácio de Versalhes, a Ópera Garnier, o Château de Vincennes, a Place Vendôme e o palácio do Élysée, residência oficial do presidente do país.

O savoir-faire francês, no entanto, foi pautado pelas mais nobres matérias-primas nacionais, além da arte e do artesanato brasileiros. Nos 160 quartos e suítes do hotel, espaçosos e com pé-direito alto, grandes painéis de madeira jatobá, nogueira, itaúba e sucupira envernizadas revestem as paredes. Pedras como ônix, quartzito palomino e amazonita, vindas das mais diversas regiões do País, cobrem totalmente os banheiros – chão, paredes, pia e banheira, esculpidas muitas vezes sem emendas. Entre as madeiras e as pedras, muito metal fosco fabricado sob medida, cerâmicas feitas à mão e um projeto de iluminação surpreendente.

Milhares de livros sobre arte, história, cultura e gastronomia brasileiras espalhados por todo o hotel, desde as enormes estantes da marquise da entrada principal às mesas dentro dos quartos e restaurantes, como o Blaise: o restaurante de gastronomia francesa contemporânea que foca em ingredientes

Em sentido horário, prédio onde funcionava a maternidade Matarazzo, piscina no rooftop, terraço do restaurante Le Jardin, entrada da capela e a Torre Mata Atlântica, projetada por Jean Nouvel.

O savoir-faire francês foi pautado pelas mais nobres matérias-primas nacionais, além da arte e do artesanato do Brasil

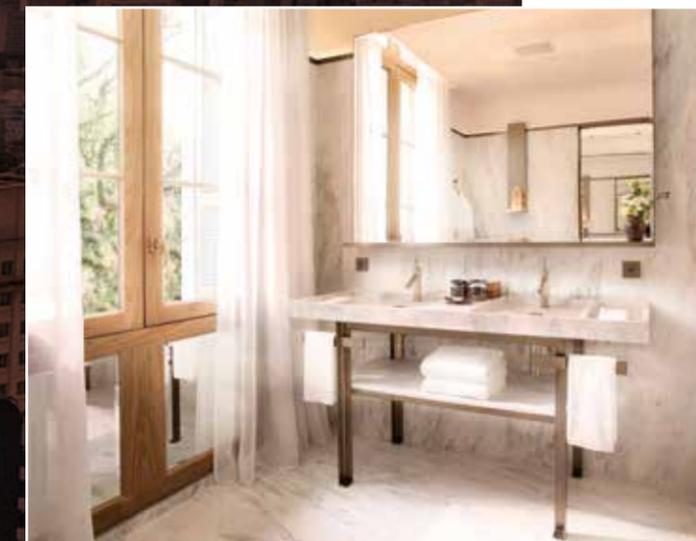


O hotel ocupa o edifício histórico que por 50 anos foi a maternidade Matarazzo e uma torre de 24 andares

locais é dedicado ao poeta e escritor suíço-francês Blaise Cendrars, que perdeu o braço na Primeira Guerra, viajou ao Brasil nos anos 1920, a convite de Oswald e Mario de Andrade e Tarsila do Amaral, e escreveria uma série de poemas sobre sua viagem para os trópicos. Como Blaise só tinha o braço esquerdo, copos e talheres ficam à esquerda na mesa, o que causa estranhamento inicial e surpresa quando se passa a conhecer a história.

As obras de arte são outro grande destaque do Rosewood São Paulo. Sua coleção permanente tem mais de 450 obras de 57 artistas contemporâneos brasileiros, muitas site-specific, como nos elevadores forrados pelo trabalho delicado-ao-mesmo-tempo-fantástico do artista Walmor Corrêa, e as paredes dos corredores dos quartos, pintados por artistas diferentes em cada andar. A arte, junto com a arquitetura neoclássica de volumetria palladiana, tombada pelos órgãos de preservação do patrimônio histórico desde os anos 1980, e a restauração da Capela de Santa Luzia, construída em 1922, que ganhou vitral de Vik Muniz e será ressacralizada em breve, tornaram necessária a presença de um profissional intitulado art concierge. E essa é uma das experiências essenciais para os hóspedes do novo Rosewood: o passeio guiado pelo hotel, com o especialista em arte, e na coleção e na arquitetura do Cidade Matarazzo.

Os hóspedes podem esperar não só tudo o que alguém espera de um hotel com diárias a partir de R\$ 3 mil — conforto, ambiente, gastronomia, história — mas também a experiência de viver realmente, nem que seja por alguns dias, no coração de São Paulo, em plena Bela Vista, a uma quadra da avenida Paulista, a duas do Masp e entre lojas, restaurantes e edifícios modernistas do centro da cidade. É, meu amigo, não vai faltar desejo para você se hospedar no Rosewood São Paulo. **R**



A partir do alto, entrada para carros, suíte Matarazzo, banheiro de um dos quartos, salão do restaurante Taraz, com menu assinado pelo chef Felipe Bronze, drink do restaurante Le Jardin e sobremesa do restaurante Blaise.

FOTOS DIVULGAÇÃO



O novo endereço tem uma coleção de 450 obras de arte de 57 artistas contemporâneos brasileiros



PURA SUAVIDADE

A tecelagem inglesa por trás das cobiçadas echarpes da Burberry, Ralph Lauren e Chanel

por ALEKS CVETKOVIC
fotos: CHRISTOPHER WERRETT

Os cashmeres italiano e escocês são considerados os mais valiosos. No entanto, o favorito de marcas poderosas como Burberry, Ralph Lauren e Chanel vem da Inglaterra. Mais especificamente de Joshua Ellis, que fundou a fábrica que leva seu nome em 1767, na pequena cidade de Batley, no condado de Yorkshire. A escolha do local se deve à proximidade com as nascentes de água que ainda são usadas para tratar os tecidos. O negócio começou fabricando materiais resistentes a preços acessíveis. Entre os primeiros clientes estavam o exército, que precisava de um constante suprimento de tecido de lã para uniformes, mas não demorou para Ellis entender que, para ter sucesso a longo prazo, precisava também explorar outro nicho no mercado: o do luxo.

No século 18, Yorkshire era um centro têxtil global, cheio de fábricas semelhantes que teciam tweeds e lãs para exportação. A solução foi superar a concorrência e se especializar em fibras de luxo, como o cashmere. Funcionou. No auge, Joshua Ellis era o maior empregador em Batley, com 300 funcionários. Hoje, a empresa tem um time de 65 pessoas sob a administração do diretor Oliver Platts, que trabalhou para modernizar a marca e melhorar as credenciais de sustentabilidade da fábrica, mantendo seu espírito de cidade pequena.

Além de tecidos de luxo em cashmere e escorial (uma lã especial, originária da Austrália e da Nova Zelândia) para marcas de moda, Joshua Ellis produz seus próprios acessórios. Suas grandes e macias echarpes de cashmere são excepcionais, feitas de forma semelhante aos processos utilizados no século passado. **R**



GANHANDO COR

Joshua Ellis colore o cashmere cru de acordo com as especificações da própria fábrica. Uma vez tingidas, as fibras individuais são misturadas em grandes caixas de metal para garantir que, uma vez transformadas em fios, mantenham-se fiéis à tonalidade. Em seguida, o cashmere é fiado e coletado em cones de fios, prontos para serem preparados.

MATERIAL DE ORIGEM

Uma echarpe começa a ganhar vida como fibra de cashmere bruta, que a fábrica adquire de criadores de cabras independentes na China e na Mongólia. "Vamos direto à fonte para monitorar mais de perto o bem-estar dos animais e a sustentabilidade das pastagens das quais as cabras se alimentam", diz Platts.

VIRANDO TECIDO

Os trabalhadores tecem enormes pedaços de tecido que depois são cortados no tamanho certo. Esse processo começa com a urdidura, quando os fios da echarpe são puxados e mantidos no lugar por uma das duas máquinas, pronta para tecer os fios longitudinais entre eles. Os tecidos podem ter de 60 m a 1.000 m de comprimento.



SLOW FASHION

Os 17 teares da fábrica têm características distintas. Os favoritos de Platts são os “bons e velhos chuggers”, instalados na década de 1980. Os fios de cashmere são delicados, então as máquinas operam em um ritmo suave e, muitas vezes, ficam restritas a tecer um único pedaço de tecido por dia.

○ tecido segue para sua primeira inspeção.

Cada centímetro é revisto e pequenas falhas, rupturas ou nós na trama são reparados à mão.



MACIEZ DE VOLTA

Quando o tecido sai do tear, parece mais uma lixa do que um cashmere. “Você tem que romper as fibras para ter maciez, então limpamos e enxaguamos os óleos que ele pode pegar nos teares e o suavizamos”, explica Platts. Joshua Ellis usa cardos (plantas espinhosas) para escovar suavemente o tecido. Esse processo dá às peças acabamento perfeito e o sutil brilho do melhor cashmere.

TOQUE FINAL

Quando estiver quase pronto, o tecido passa por uma escova final, vapor e prensa. Isso levanta e define as fibras de cashmere em seu estado mais macio e luxuoso. Depois, outra inspeção de qualidade. Somente quando o material é finalizado, ele é cortado em formas semelhantes a echarpes por uma máquina chamada talhadeira. “É como fazer espaguete”, brinca Platts. As lâminas da talhadeira são guiadas por especialistas a olho nu.



SELO DE APROVAÇÃO

Por fim, cada etiqueta de Joshua Ellis é costurada à mão - um último ato de cuidado, que também inclui uma inspeção para garantir que não haja marcas ou puxões na superfície da echarpe, antes de seguir para seu destino.

VARANDA

LUGAR CERTO PARA SEU EVENTO



EVENTOS
CORPORATIVOS

EVENTOS
SOCIAIS

SALAS PRIVATIVAS
MENU PERSONALIZADO
ESTRUTURA PARA PROJEÇÃO

VARANDA
JK IGUATEMI
(11) 3152-6777

VARANDA
JARDINS
(11) 3887-8870

VARANDA
FARIA LIMA
(11) 3039-6500



NO OFÍCIO DA TRADIÇÃO

Aos 37 anos, e pertencente a um clã que representa parte importante da identidade brasileira em arte, arquitetura e design, Rodrigo Ohtake se prepara para assumir o escritório do pai, Ruy Ohtake. Em casa, como no trabalho, ele cultiva referências que explicam por que a continuação do legado da família é um caminho tão inevitável quanto aplaudido

por SILVIANE NENO fotos MARCELO NAVARRO

Não há como não olhar o mundo de um jeito diferente quando se nasce filho de um craque da arquitetura e neto da artista considerada a “dama das artes plásticas brasileira”. Desde cedo, Rodrigo passou a enxergar tudo a seu redor a partir de princípios da arquitetura, da arte e do design. Neto de Tomie Ohtake e único filho homem do aclamado Ruy Ohtake, Rodrigo, arquiteto e também designer, está pronto para assumir não só o escritório do pai, falecido em novembro do ano passado, mas a continuidade do que os Ohtake representam para a cultura brasileira.

Aos 37 anos, Rodrigo vai transformar o espaço onde trabalhou no início de sua carreira durante 10 anos, na Brigadeiro Faria Lima, unindo o escritório a um grande showroom onde estarão o acervo de mais de 90 criações de Ruy Ohtake, além de peças mais contemporâneas de sua autoria.

RÉGUA E COMPASSO

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), Rodrigo segue enxergando a arquitetura em tudo o que vê, em tudo que faz e gosta. Na moda, ele é fã das criações desconstruídas de Issey Miyake, e até no nome que escolheu para o casal de Dachshund, a referência está lá. Os simpáticos pets, na família há quatro anos, chamam-se Masp e Víga (uma homenagem ao elemento estrutural que sustenta a laje em uma construção).



Rodrigo Ohtake, no apartamento onde mora com a família, no topo de um edifício construído pelo pai, Ruy Ohtake. Acima, coleção de bancos de três pés. Ao lado, cadeira de Alvar Aalto, de 1932.





A anatomia da raça, conhecida como salsicha, na visão de Rodrigo, lembra o prédio do Museu de Arte de São Paulo, com as quatro perninhas sustentando aquele longo corpo.

NUVEM DE PAPEL

Rodrigo mora com a mulher, Ana Carolina, e os filhos Ivan, Lia e Tom em um espaçoso apartamento no último andar de um prédio construído por seu pai nos anos 1980. Além dos brinquedos, triciclos e objetos lúdicos das crianças, há traços da criatividade de Rodrigo por todos os lados. Ele diz que não é apegado a coisas materiais, mas como se explica a coleção de bancos de três pés? Rodrigo explica que, de novo, é o conceito que o encanta, não a ideia de ter, de acumular. “Eles nunca ficam bambos. É uma constante disputa com a gravidade”, afirma. Na sala principal, a mesa onde a família faz as refeições é a primeira peça desenhada por ele. O móvel de madeira é um feliz encontro através das curvas entre as funções de mesa de jantar e sofá. Das muitas viagens que fez com Carol, sempre



na mira de boas exposições, feiras de arte e design, ele se encantou com uma luminária, a *Nuvem*, toda em papel, na vitrine de uma loja em Münster, na Alemanha. Foi uma longa negociação para que o vendedor aceitasse tirar o objeto da vitrine e desmontar para ser trazida para o Brasil. Foi paixão à primeira vista, mas, depois de saber que a peça era de Frank Gehry, um de seus arquitetos favoritos, Rodrigo dobrou a oferta, traduzida em persistência e paciência em negociar. Pergunto qual o projeto do pai que ele considera uma obra-prima. Ele diz que é o Instituto Tomie Ohtake. “Uma obra fundamental para a cidade, pelo seu caráter urbanístico e de localização”. Quanto a sua própria obra mais importante, ele modestamente diz que ainda está por vir. “Arquitetura é uma profissão lenta. Tem que se errar muito para encontrar o próprio passo”. Sem pressa, Rodrigo. Just keep going! 

No alto, a luminária *Nuvem*, de Frank Gehry, Rodrigo com os pets Viga e Masp e acima, o Instituto Tomie Ohtake, obra-prima de Ruy Ohtake.



VIAJAR É PRECISO

Com foco em experiências únicas para os cinco sentidos, a Primetour Viagens cria roteiros de luxo personalizados no Porto e na Ilha da Madeira, em Portugal

O POETA PORTUGUÊS FERNANDO PESSOA JÁ DIZIA: “PARA VIAJAR BASTA EXISTIR”

Ele tem razão. Mas é muito melhor, e até essencial, quando uma viagem cria memórias afetivas na mente e na alma de cada um, já que cada viajante vê, sente e guarda de forma muito particular. E essa é a especialidade da Primetour Viagens: criar roteiros personalizados para que se tornem experiências únicas. Porto e Ilha da Madeira, em Portugal, estão entre os destinos mais procurados.

A viagem começa por Porto, que recebe os visitantes de braços abertos e ao som do fado, em hotéis de luxo como The Yeatman e o Intercontinental Palacio das Cardosas. Não deixe de passear pela cidade em bondinho privativo, passando pelos monumentos e principais pontos de Porto, e finalizar com degustação de iguarias regionais no Mercado Temporário do Bolhão e mercearias tradicionais, como O Buraquinho, Casa Guedes, Alfredo Portista e Confeitaria Serrana. Há

também uma visita às caves do Graham's Port Lodge, construídas em 1890, em Vila Nova de Gaia, onde se encontra os melhores vinhos do Porto, e o passeio em barco vintage pelo rio Douro, com almoço-degustação a bordo.

A Ilha da Madeira é o destino ideal para quem gosta de boa gastronomia e de hotéis luxuosos, como Savoy Palace e Belmond Reid's Palace, em Funchal. A experiência começa com uma visita ao centro histórico em um sidecar e passeio pelo Mercado dos Lavradores, Zona Antiga, estação de teleférico Funchal-Monte e miradouro do Pináculo, onde se avistam paisagens urbanas e naturais de tirar o fôlego. Entre os destaques gastronômicos, o prato madeirense Espetada, acompanhado de delícias, como o milho frito e o famoso bolo do caco com manteiga de alho, e o café da manhã acima das nuvens



A partir do alto, o mar da Ilha da Madeira, uma das piscinas do Savoy Palace e detalhes do elegante Belmond Reid's Palace, ambos na Madeira.

no Pico do Arieiro, onde é servido um banquete a 1.818 metros de altitude, enquanto apreciamos o nascer do sol. Há ainda uma visita privativa ao Blandy's Wine Lodge, incluindo a mítica sala de provas exclusivamente dedicada à Frasqueira e vinhos da Madeira Vintage, e os passeios pelo Tour do Monte, Jardim Botânico da Madeira, Porto Moniz, Câmara de Lobos, que é a principal vila de pescadores da região, e pelo Cabo Girão, falésia mais alta da Europa. Porto e Ilha da Madeira são mesmo uma festa para todos os sentidos.

@primetourviagens @visitmadeira



A CORRIDA DO OURO CONSCIENTE

Como o mercado de joias vem sendo redesenhado com o avanço da prática responsável de extração de ouro e pedras preciosas, diante da pressão dos consumidores e investidores pela pauta ESG

por GISELE VITÓRIA

Uma nova forma de corrida do ouro e de pedras preciosas começou no mundo. Produzir e usar joias com consciência é uma prática que vem se expandindo. Consumidores não querem mais usar joias que representem riscos. Em recente relatório sobre o desempenho do mercado de diamantes, a consultoria Bain & Co e o Centro Mundial de Diamantes da Antuérpia (CMDA) destacaram a pressão do público consumidor e também de investidores pela pauta ESG. A rastreabilidade teria se tornado uma das prioridades para as mineradoras. Seja em virtude da pressão internacional e das novas exigências, seja pela preocupação dos consumidores em comprar joias que não ofereçam danos ambientais e trabalhistas, as mudanças começam a redesenhar o mercado.

A Vivara, maior rede de joalherias do país e líder no setor em faturamento com 288 lojas no Brasil, já tem 100% do ouro que utiliza em suas peças mapeado de forma responsável. Os metais são extraídos diretamente da mineradora AngloGold, em Minas Gerais, e também vêm da economia circular. “Somos pioneiros no Brasil, no segmento de joias a realizar auditoria na cadeia de fornecimento. Buscamos continuamente a responsabilidade socioambiental e ética desde a extração da matéria-prima até o produto”, enfatiza Otávio Lyra, diretor de Relações com Investidores da Vivara. “Todo o ouro utilizado em nossa produção, apresenta certificação LBMA – London Bullion Market Association, conhecido como ‘Ouro Responsável’. Nosso ouro é adquiri-

Brinco de ouro amarelo com rubelita, da Mina do Cruzeiro, e diamantes Ara Vartanian. Na pág. ao lado, anel de ouro amarelo com rodolita e diamantes Vivara.





A Vivara já tem 100% das joias mapeadas: "Sustentabilidade para nós é agregar valor", diz o diretor Otávio Lyra. Anel de ouro rosé com topázio London e diamantes.

do da mineradora Anglo Gold Ashanti, que está entre as maiores produtoras de ouro do Brasil com mais de 180 anos de mercado. Somos a única fabricante de joias no Brasil habilitada para comprar ouro da Anglo Gold." O executivo acrescenta que a prata da casa é adquirida de minas da América Latina e de fornecedor com certificação RJC – Responsible Jewellery Council, o que assegura a responsabilidade socioambiental desde sua extração. Os diamantes são extraídos de minas conhecidas em países fora de zonas de conflito, através do Processo Kimberly. Ele explica que as gemas coradas passam por muitos fornecedores antes de chegar aos fabricantes finais e lojistas. "O processo produtivo desses materiais é bastante segmentado e grande parte dos produtos é proveniente de minas artesanais de pequena escala, presentes em mais de 40 países", diz Lyra. A empresa tem exigido que fornecedores também cumpram rigidamente o seu Código de Conduta e Política de Fornecimento. O trabalho é contínuo no sentido de aprimorar protocolos que garantam a rastreabilidade dos materiais. "Além disso, através de campanhas, incentivamos a economia circular, evitando a extração primária de matéria-prima. Temos campanha de joias em diamante, semana ouro e semana prata, onde aproximadamente 25% do nosso ouro vem de reciclagem", completa o diretor. "Sustenta-



O joalheiro Ara Vartanian criou o projeto O Futuro é Brilhante, de mineração consciente: "O cidadão quer uma procedência de impacto positivo".

bilidade para nós é agregar valor e ser exemplo para gerações futuras por meio da integridade e confiança nas relações, do cuidado com as pessoas e da preservação do meio ambiente nas nossas atividades e decisões diárias."

No ano passado, o designer Ara Vartanian, o preferido da top model inglesa Kate Moss, anunciou o seu comprometimento em trabalhar apenas com fornecedores que praticam "mineração consciente". A experiência está no guarda-chuva de um projeto mais amplo, batizado de O Futuro é Brilhante. O joalheiro vem de uma família que há gerações trabalha com pedras preciosas. "Meu pai era diamantário e viveu em uma época em que os fornecedores eram guardados a sete chaves. Ao longo dos últimos 20 anos, isso foi mudando. Hoje é pura transparência", conta Ara. "Pelo nosso Instagram, o consumidor sabe exatamente de onde vêm nossas pedras."

Ara Vartanian trabalha com três fornecedores: Mina do Cruzeiro (MG), de onde recebe rubelita e turmalina indicolita; Mina Belmont (MG), de onde vêm as esmeraldas, e Brazil Paraíba Mine (RN), de onde são extraídas as turmalinas da Paraíba. "O cidadão quer uma procedência de impacto positivo. Essas minas têm responsabilidade ambiental e social. Possuem licenças ambientais e obrigações sociais como, assistência médica a seus trabalhadores, acesso a hospitais, escola. Entender a procedência do que se consome deve ser com tudo,



"Meu pai era diamantário e viveu em uma época em que os fornecedores eram guardados a sete chaves. Hoje é pura transparência"

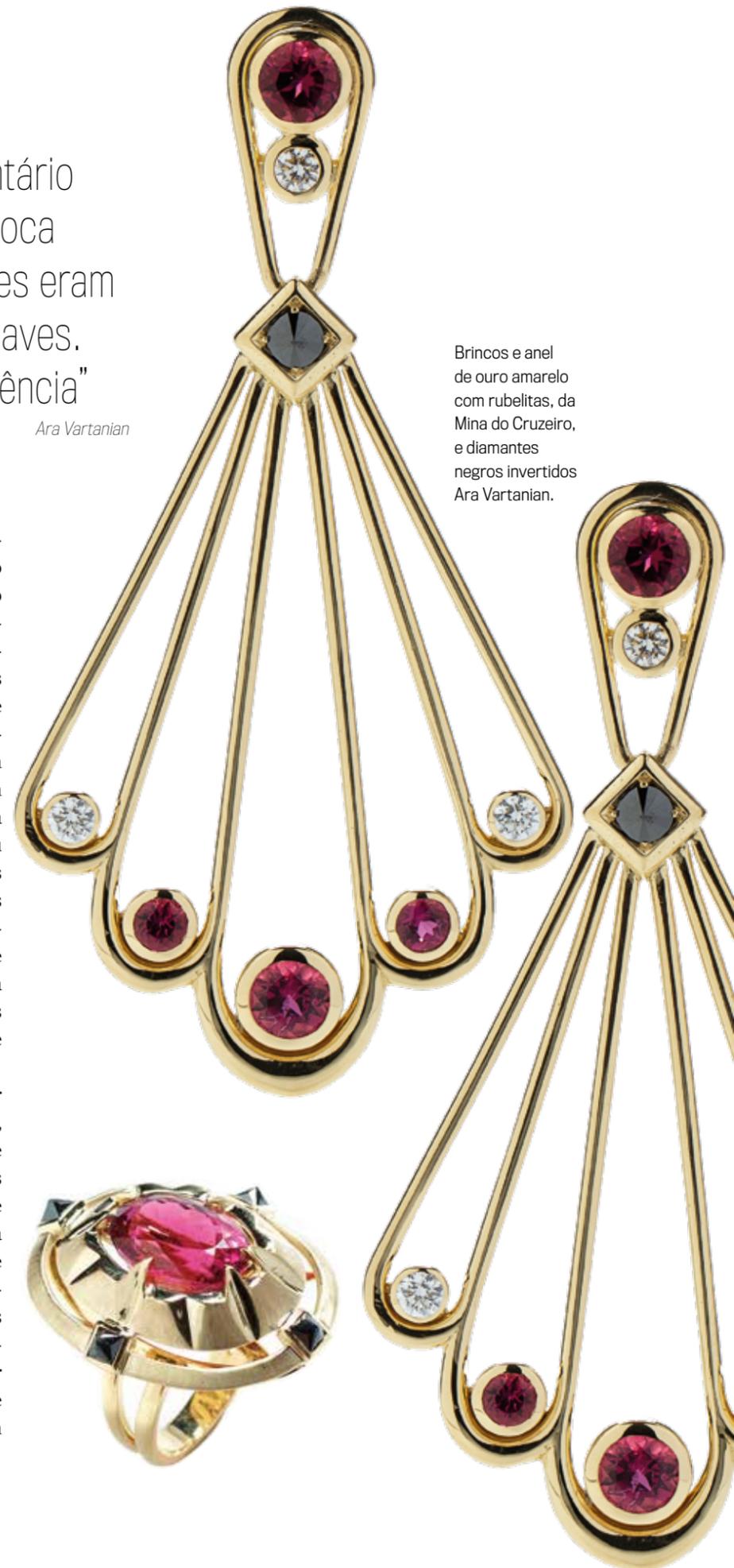
Ara Vartanian

das joias às roupas, carnes e vegetais."

Ara Vartanian queria que os consumidores de suas joias em Londres e fora do Brasil tivessem esse olhar mais completo sobre os seus produtos. "Quando fui visitar a mina de Cruzeiro disse aos administradores que meus clientes em Londres iriam adorar saber a origem das pedras e iriam bater palmas se tivessem essas informações preciosas", conta Ara. "Assim começamos esse trabalho. Hoje tenho um contato direto. Da mina vai para a minha mesa de trabalho." Como pessoa física, eu não quero fazer parte de operações feitas a sete chaves. Hoje nossos concorrentes conhecem a procedência de nossas pedras. O projeto O Futuro é Brilhante, de mineração consciente, inclui a parceria com joalheiros de marcas independentes que seriam, em tese, concorrentes que fazem parte da mesma indústria.

A tendência se expande. Em pleno calor das recentes manifestações em Brasília, a associação de mineradoras no País se posicionou contra a mineração em terras indígenas. A entidade criticou o Projeto de Lei que regulamenta a prática. Segundo a associação, a mineração industrial pode ser viabilizada em qualquer parte do território desde que obedeça aos requisitos de pesquisa, viabilidade econômica e licenças ambientais, de modo a preservar a vida. Que a corrida do ouro consciente consolide um novo caminho para um mercado de muitos quilates. ■

Brincos e anel de ouro amarelo com rubelitas, da Mina do Cruzeiro, e diamantes negros invertidos Ara Vartanian.



DOCE ARTE

Nos bastidores da La Maison du Chocolat, o chef Nicolas Cloiseau mostra detalhes de suas criações esculturais

por JANICE OLEARY
fotos: PUXAN

Em um mês, o chef Nicolas Cloiseau consome a mesma quantidade de chocolate que um cidadão francês médio come em um ano: cerca de 7 quilos. Isso é apenas uma parte de seu trabalho como o cérebro por trás dos doces da La Maison du Chocolat. Ele viaja o mundo provando amostras de fontes de origem única, como a de São Tomé, na costa da África. Para Cloiseau, o prazer de trabalhar com chocolate está na variedade, tanto da matéria-prima quanto do produto final, do ganache à massa, além das esculturas originais que cria para a La Maison duas vezes por ano – na Páscoa e nas festas de fim de ano – que podem ser vendidas por milhares de dólares ou sob encomenda. Para a marca Saint Laurent, por exemplo, ele criou uma série de caveiras de chocolate no último Halloween,

uma das quais ele mantém em seu escritório. Sua confecção mais complexa (e cara) até hoje foi um colar de chocolate em forma de cobra para a joalheria Boucheron, que levou 200 horas para ser concluído. A cabeça da cobra e a língua sibilante sustentavam um diamante amarelo de 20 quilates. Foi vendido por deliciosos US\$ 1 milhão. A técnica de assinatura de Cloiseau é a perfuração, com a qual alcançou o cobiçado título de Meilleur Ouvrier de France, concedida ao melhor artesão do país. Ele nunca esqueceu a fala de um dos jurados: “Apenas alguém capaz de usar perfuração para criar rendas de chocolate mereceria o prêmio.” “Mantive isso em mente e continuei a aperfeiçoar a técnica”, conta o chef. “Ela traz luz e ar ao design de um meio tão sólido e escuro quanto o chocolate.” **31**



1 ATIVO LÍQUIDO
Temperar o chocolate – aumentar e diminuir a temperatura durante a fase de derretimento – é fundamental ao criar uma escultura. “Respeitar as diversas etapas faz a diferença entre um chocolate excelente e um chocolate ruim”, diz Cloiseau.



2 A FORMA DAS COISAS
Os moldes para cada escultura são produzidos internamente pelo departamento de criação, a partir de uma matriz esculpida à mão em gesso ou madeira. Dependendo da complexidade da peça, o molde é feito em silicone flexível ou plástico rígido de qualidade alimentar.

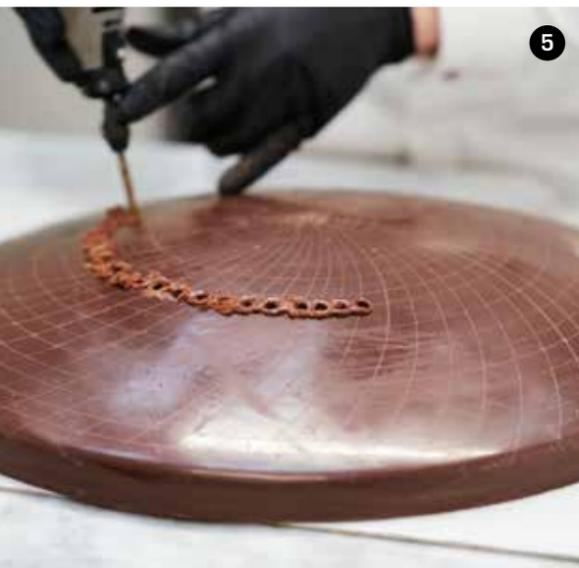


3 SOL NEGRO

Cloiseau completa um protótipo em chocolate amargo que o ajuda a entender o volume da peça e determinar quais elementos devem ser chocolate amargo, ao leite, branco caramelizado ou branco. Aqui, ele faz uma meia esfera, que será usada na criação de um sol.

4 TRAÇO MÁGICO

Em seguida, usando paquímetros, ele grava pontos precisos na meia esfera para marcar onde fará os furos.



5

5 VERDADEIROS BURACOS

Nos pontos de interseção, Cloiseau perfura cuidadosamente com uma furadeira de modelagem. Ele tem 10 modelos diferentes em seu laboratório. Por conta de sua estrutura mais robusta, o chocolate escuro funciona melhor quando o design exige perfuração.



6

6 DE RASPÃO

Com uma faca e um pincel, ele remove delicadamente as lascas do disco superior.



7 PINCELADA DE LUXO

Ele aplica óleo vegetal no segundo disco para servir de "cola" e fixar a folha de ouro.



8 GOSTOS CAROS

Cloiseau usa folhas comestíveis de ouro 23 quilates. "O ouro traz luz, ilumina a criação", diz ele. "Aqui, se tornarão os raios de sol".



9 SELO DE APROVAÇÃO

Ele encaixa a camada superior sobre a inferior. É aplicado um chocolate líquido temperado a 31 °C, que, quando endurecido, selará as duas peças.



10

10 DEIXE O SOL BRILHAR

O toque final é adicionar uma fita ao redor da borda da peça. O chef sustenta a escultura acabada enquanto dá uma mordida em uma de suas barras de chocolate - ele nunca come suas criações artísticas, nem mesmo as quebradas: uma mentalidade de respeito pela arte culinária que começou na infância, quando escondia seus coelhinhos da Páscoa de chocolate no armário para preservá-los.



FORA DA CAIXA

Quatro versões diferentes de casas do futuro jogam luz para uma estética mais fresca e contemporânea

por HELENA MADDEN

Não é de hoje que as construções em Los Angeles se assemelham a enormes cubos brancos. Com o isolamento por conta da pandemia, os proprietários passaram mais tempo em suas casas e perceberam que seus gostos e necessidades mudaram. Quatro escritórios de arquitetura foram convocados para esboçar uma versão de residência na Califórnia que respondesse a esses novos desejos.

DE DENTRO PARA FORA

Chet Callahan Chet Architecture

Nascido no sul da Califórnia, Callahan é arquiteto e designer de interiores e seu conceito combina as duas disciplinas. “Vemos o futuro do design passando de peças de arte exibidas dentro da caixa branca para o artesanato integrado à própria construção”, afirma. No projeto, a mão do artista é evidente, desde o mural do pintor Adrian Kay Wong até o lustre de cerâmica do artesão Ben Medansky. Em vez de uma casa enorme como ponto principal, as arquiteturas exterior e interior trabalham em conjunto.



NOVOS VENTOS

Alex Josephson Partisans

Arquiteto de Toronto, no Canadá, Josephson é conhecido por criar edifícios sinuosos e nada convencionais. Por isso seu projeto de recriar totalmente uma casa em Los Angeles faz uso de novos materiais e processos para uma transformação radical de formas, evitando o design antigo de caixa branca. Josephson cita a inovação nos processos de fabricação e a vida modular como exemplos dessas novas técnicas: seu esboço mostra janelas arquitetônicas no quarto e no estúdio de ioga. “Fomos inspirados pelo vento e pela ideia da ondulação que faz a chama de uma vela”, diz. “Isso cria um visual surpreendente e que, ao mesmo tempo, encontra sinergia na paisagem e no clima da Califórnia.”

BASTÕES E PEDRAS

Jeffrey Allsbrook e Silvia Kuhle

Standard Architecture

Allsbrook e Silvia moram em Los Angeles e, portanto, já estão familiarizados com o que há de mais importante na cidade: um layout interno-externo. “Muitas das casas construídas na última década são como uma caixa com grandes aberturas, mas essas construções quadradas não acalmam a alma”, dizem. “As pessoas querem uma conexão mais profunda e orgânica com o meio ambiente, um aconchego que essas residências não proporcionam.” A solução, segundo a dupla, é uma paleta em camadas, terrosa e multimaterial que evita paredes brancas, como teto de metal, revestimento de madeira escura e pedra de origem local. “Isso traz a casa e seu proprietário para o diálogo com o meio ambiente, em vez de ficar em contraste com ele”, completam.



COMO UMA VILA

Ed Ng AB Concept

A AB Concept trabalha principalmente em projetos residenciais em Hong Kong, Bali, Xangai e em outras grandes cidades. Para uma casa em Los Angeles, Ng, um dos fundadores do escritório, esboçou um conceito que aproveita ao máximo a paisagem disponível. Em vez de uma enorme residência principal, seu desenho retrata várias estruturas. “Cada casa pode ter uma função e um estilo diferente”, diz. “Talvez um para um cochilo, outro como espaço de trabalho, academia, casa de hóspedes e talvez um jardim de inverno para um chá da tarde com convidados.” Jardins, piscinas e salas ao ar livre também podem entrar no jogo, fazendo com que a propriedade pareça mais aconchegante e menos suntuosa.



Seja ousada

Por que não deixar sua marca por aí?

fotos JACOB + CARROL
editora de joias PAIGE REDDINGER
styling ALEX BADIA

Pulseira e anel
L'Elan Vital
Louis Vuitton
(br.louisvuitton.com)
em ouro branco 18
quilates e diamantes,
preços sob consulta;
vestido de crepe
Alexandre Vauthier
(@alexandrevauthier),
US\$ 3.681.

Brinco único
Dancing on
Air **Messika**
(messika.com)
em ouro branco
18 quilates com
diamantes, preço
sob consulta;
vestido e capa
Tory Burch
(toryburch.com),
US\$ 998.



Colar de tulipas
e sautoir Art
Deco Collection
Harry Winston
(harrywinston.com),
ambos em platina
com diamantes,
preços sob
consulta; vestido
de seda Valentino
(valentino.com),
US\$ 9.800.



Brincos Fantina
Pomellato
(pomellato.com)
em ouro rosa 18
quilates e diamantes,
US\$ 23 mil;
gargantilha Hula
Hoop70 **Vendorafa**
(vendorafa.net) em
ouro amarelo 18
quilates e diamantes,
=US\$ 58.800;
vestido de lã
Fendi (fendi.com)
US\$ 1.450.

Colar **Tiffany & Co.**
(tiffany.com.br) em
ouro amarelo 18 quilates
e águas-marinhas,
US\$ 60 mil; pulseira
Beehive **Temple St.
Clair** (templestclair.com)
em ouro amarelo 18
quilates e diamantes,
US\$ 24 mil; anel
Feelings **Nikos Koulis**
(nikoskoulis.gr) em
ouro amarelo e branco
18 quilates com diamantes,
US\$ 17.515;
vestido Alexandre
Vauthier (@alexandre
vauthier), US\$ 2.212.

MODELOS
Ysaunny Brito,
Harleth Kuusik
e Leah Ying Lin
CABELO
Menelaos Alevras
MAQUIAGEM
William Murphy
EDITORA DE MODA
Emily Mercer
ASSISTENTE DE MODA
Victor Vaughns Jr.
CASTING
Luis Campuzano

Carro do ano

A edição do prêmio anual de Robb Report reúne os modelos mais incríveis da indústria automotiva em 2022

por ROBERT ROSS E VIJU MATHEW
fotos ROBB RICE

O Carro do Ano já se tornou tradição em nossas páginas. Mas o prêmio Carro do Ano 2022 vem diferente. A principal mudança está na forma de o conselho editorial da revista julgar os melhores automóveis do ano, seguindo critérios mais próximos aos utilizados por jornalistas especializados. A seleção vinda de 178 leitores também foi modificada, com uma nova escala de pontos para tornar o processo de avaliação rápido e justo. Assim, os juízes tiveram que

avaliar os modelos em cinco categorias: design, desempenho, luxo e conforto, utilidade e ainda quesitos de desempate intangíveis, como o fator “uau” – o que o carro traz ou proporciona de incrível – e colecionabilidade. Pela primeira vez, nossa equipe editorial automotiva votou oferecendo insights e perspectivas adicionais sobre a natureza desses veículos. A seguir, anunciamos os três primeiros colocados e apresentamos outros que merecem destaque.



1 BENTLEY CONTINENTAL GT SPEED

O Bentley Continental GT recebeu nossa maior honra em 2004 e, desde então, a marca foi refinando cada vez mais em engenharia e elegância, resultando na variante Speed, que a equipe editorial da Robb Report descreveu como “o espírito da Le Mans dentro de um santuário”. Essa sedutora combinação, apresentada como conversível e cupê, conquistou os jurados. O Bentley Continental GT Speed é o nosso Carro do Ano. “Ele desperta alegria a cada curva e a cada pressão do pedal do acelerador”, elogia Kylie White.

■ **Bentley Continental GT Speed - Motor: twinturbo W-12 de 6.0 litros.**
Potência: 650 cv. Velocidade Máxima: 334 km/h





2 FERRARI 812 GTS

A Ferrari 812 GTS ganhou a medalha de prata com sua combinação de desempenho, refinamento, design e intangíveis como seu fator “uau” e a futura e prevista colecionabilidade. É importante ressaltar que o 812 GTS tem o motor naturalmente aspirado mais potente já fabricado, vale lembrar que nenhum som ou sensação se compara a um Ferrari V-12 chegando ao limite. “É uma sinfonia para os ouvidos”, elogiam os jurados sobre o ronco do motor do 812 GTS. Este modelo tem capota rígida retrátil, que o torna um carro ideal para todas as estações.

■ **Ferrari 812 GTS - Motor: V-12 naturalmente aspirado de 6,5 litros. Potência: 789 cv. Velocidade Máxima: 340 km/h**



3 ROLLS-ROYCE BLACK BADGE GHOST

A base de consumidores cada vez mais jovens da montadora se deve à introdução do pacote de acabamento Black Badge, com estética mais ousada e maior potência. Compreensivelmente, o novo Black Badge Ghost também seduziu muitos jurados. “Pode conduzi-lo como se fosse seu parceiro de valsa; seu equilíbrio é impressionante”, elogiou o golfista sir Nick Faldo. A tração e a direção nas quatro rodas, no entanto, mascaram o comprimento de mais de 5 metros. O Black Badge Ghost foi projetado para ser um oásis — um carro que, por si só, poderia marcar o renascimento do sedã.

■ **Rolls-Royce Black Badge Ghost - Motor: V-12 biturbo turbocompressor duplo de 6,75 litros. Potência: 591 cv. Velocidade Máxima: 250 km/h**

LAMBORGHINI HURACÁN STO

“O que tem em estilo exterior e velocidade, falta no interior e no conforto de condução”, avalia Ezra Henson. Mas o Lamborghini Huracán ainda tem muitos devotos. “Este é um gênio sobre quatro rodas; seu desejo é uma ordem”, disse Lindsay Faldo. Com pouca versatilidade no mundo real, o Huracán, na visão da equipe automotiva da Robb Report, é feito para os motoristas mais competentes e confiantes, que não se importam com a atenção que atraem. Don Barry definiu em poucas palavras: “Dirigir esse carro dá a sensação de estar sentado em uma sela presa a um meteoro”.

■ **Lamborghini Huracán STO - Motor: V-10 naturalmente aspirado de 5,2 litros. Potência: 631 cv. Velocidade Máxima: 310 km/h**





BMW ALPINA B8 XDRIVE GRAN COUPÉ

Embora conhecida por sua engenharia de precisão e desempenho, a BMW não é a marca alemã que vem à mente ao considerar conforto e estilo imponente. Mas a fabricante independente Alpina está tentando mudar essa percepção em recente colaboração com a montadora, por meio do BMW Alpina B8 xDrive Gran Coupé – uma carro grande e bastante sofisticado. “Uma mistura de estilo e manuseio requintados, com um interior bem equipado e intuitivo”, observou Mike Lackey.

■ **BMW Alpina B8 xDrive Gran Coupe - Motor: V-8 biturbo de 4.4 litros. Potência: 612 cv. Velocidade Máxima: 323 km/h**



MERCEDES-BENZ EQS 580 4MATIC

O primeiro veículo totalmente elétrico já lançado em nosso Carro do Ano talvez seja o modelo mais polarizador do mercado. Em relação à estética, poucos ficaram entusiasmados. Muitos dos jurados, no entanto, viram além de sua aparência e ficaram apaixonados. Caso de Tom Montgomery, que o chamou de “uma maravilha tecnológica incrível”, graças ao interior inovador ancorado pelo MBUX Hyperscreen de 56 polegadas da marca. “O painel me fez sentir como se estivesse no comando de uma nave espacial”, disse Najeeb Thomas.

■ **Mercedes-Benz EQS 580 4MATIC - Motores elétricos duplos; uma para cada frente/traseira. Potência: 516 cv. Velocidade Máxima: 210 km/h**

AUDI RS 6 AVANT

“É um foguete esportivo e utilitário”, compara Andrew Wesson. Veículo que alcança uma velocidade de 305k/h, o RS 6 Avant é um típico Audi discreto, mas com um poderoso espaço interno. James Critchlaw elogiou a precisão, a previsibilidade e a potência do carro, mas alguns motoristas ficaram menos empolgados. Duraid Antone, por exemplo, disse que o veículo proporciona um “passeio divertido”, mas sem um fator “uau” e Robert Zimmermann afirmou que ele “faz tudo certo”, mas não atçou seus sentidos.

■ **Audi RS 6 Avant - Motor: V-8 biturbo de 4.0 litros; Potência: 591 cv; Velocidade máxima: 305 km/h**



ESCOLHA SUA AVENTURA

Expedições sob medida em superiate
são uma experiência única de luxo e adrenalina

por HELENA MADDEN

Patrick já havia alugado barcos no Caribe, no Mar Mediterrâneo e no Mar Adriático. Colocou os pés em todos os continentes e nunca tinha testemunhado nada parecido. “Vinte baleias jubarte nos cercando e fazendo a maior festa para comer crustáceos”, conta. “Elas mergulhavam e saltavam bem de perto. Ver esses mamíferos se divertindo foi uma grande experiência.” Essa foi uma tarde típica de outubro a bordo do Nansen Explorer, um navio de classe glacial

de 236 pés, convertido em um iate explorador para 12 convidados. Patrick, que pediu para não ter seu nome verdadeiro revelado, navegava com sua família por duas semanas no norte da Islândia. A viagem foi planejada pela Fischer Travel, de Nova York, por meio da EYOS Expeditions, especialista em destinos remotos para superiates. O Caribe e o Mediterrâneo costumam ser rotas com poucas surpresas até mesmo para os maiores e mais requintados iates fretados.

Navio convertido em iate explora a natureza da Islândia com todo conforto.



Mas sair do óbvio é possível. A EYOS e empresas como a Pelorus e a Cookson Adventures criam rotas personalizadas, pensadas nos mínimos detalhes. São oito meses de trabalho, incluindo comunicação com as autoridades locais, solicitação de licenças e inspeção dos iates. “Para onde vamos, não há infraestrutura. São locais remotos e selvagens, onde ter os guias e planejamento corretos é importante para a experiência e a segurança”, diz Ben Lyons, CEO da EYOS. “Ao mesmo tempo”, diz ele, “esses clientes querem uma experiência de outro nível, vendo fiordes de helicóptero ou vida marinha em um submersível. Eles querem andar de caiaque entre os blocos de gelo e voltar para uma refeição Michelin”. O norte da Islândia não é exatamente a Antártida, mas os superiates de luxo ainda são incomuns ao longo de sua costa acidentada.

Além de observar as baleias, Patrick e sua família visitaram pequenas vilas de pescadores como Grundarfjörður, observaram raras raposas do Ártico perto de Hornvík e exploraram a Reserva Natural de Hornstrandir, acessível apenas por barco. Eles

Um charter personalizado para o norte da Islândia inclui passeios de helicóptero sobre águas, caiaque até a cachoeira Dynjandi e observação de baleias jubarte se alimentando em Ísafjörður.

também mergulharam nas fontes termais de Reykjafjarðarlaug, voaram de helicóptero sobre o vulcão Fagradalsfjall e experimentaram Dynjandi, uma das cachoeiras mais espetaculares da Islândia.

Liz Howard, corretora de fretamentos da Fraser Yachts, que organizou expedições à Antártida e ao arquipélago Raja Ampat, no sul da Indonésia, conta que Raja Ampat é um dos destinos mais remotos do mundo. “Tem alguns dos melhores mergulhos do mundo, mas não há marinas.” Isso significa que encontrar os operadores apropriados é fundamental. “Não basta ver um barco em uma foto bonita”, diz Liz. “Você precisa garantir que o capitão e a tripulação sejam muito qualificados, normalmente com um membro da tripulação nativo para lidar com as autoridades locais”, explica. Quanto a ajuda fora do barco, ela acrescenta: “É meu trabalho antecipar toda a logística – e elas são complicadas – para que meus clientes não sejam incomodados de forma alguma”. Lyons concorda que coordenar uma infinidade de detalhes, desde a aquisição de licenças até a montagem de kits de enalhe para emergências em regiões polares, é uma missão crítica. Mas é o luxo que nunca pode ser um problema. “As experiências íntimas que esses pequenos grupos têm nas expedições de iate, sozinhos em alguns dos lugares mais bonitos e afastados da Terra, são únicas. Isso é algo que você não pode replicar”, afirma.

Patrick ficou tão encantado com sua aventura na Islândia que planeja retornar ao Nansen Explorer rumo a Antártida em 2023”. (Kim Kavin)

LISTA DE DESEJOS



ENDLESS SUMMER

COSTA DO PACÍFICO, COSTA RICA
As principais atrações do destino incluem passeio de helicóptero sobre vulcões, tirolesa em florestas tropicais e mergulho livre com baleias. Há ainda pranchas de kitesurf, botes e equipamentos de mergulho, além de uma generosa adega. A partir de US\$ 250 mil por semana, pela Y.CO.

TRENDING

ILHAS DE SAN BLAS, PANAMÁ
A distante San Blas tem algumas das mais ricas espécies marinhas do mundo entre suas 365 ilhas quase desabitadas. Todas as áreas são acessíveis a bordo do Trending, de 165 pés. Dá para explorar o ecossistema de Coiba, mergulhar nas Holandes Cays e andar de caiaque nos rios de Cerro Hoya. A partir de US\$ 210 mil por semana, pela Pelorus.



AQUA MARE

ILHAS GALÁPAGOS
Explore uma das reservas naturais mais ricas do planeta a bordo do Aqua Mare, de 164 pés. Os aventureiros podem andar de caiaque sobre tubarões gigantes e explorar paisagens de lava vulcânica, e depois relaxar na jacuzzi, com um jantar sofisticado. A partir de US\$ 196 mil por semana, pela Northrop & Johnson.

BOLD

STOCKING ISLAND, EXUMAS
Esta ilha estreita encanta pelas cavernas marinhas e praias vazias. Com 280 pés, o iate Bold tem um interior deslumbrante e uma grande popa que abriga todos os brinquedos aquáticos possíveis, incluindo caiaques transparentes. A partir de US\$ 990 mil por semana, pela Cookson Adventures.



FLAG

GRANADA
No barco de 203 pés, os hóspedes podem observar tartarugas da piscina do deck, explorar naufrágios e desembarcar nas incríveis praias da Spice Island, incluindo Black Bay Beach para um passeio privativo. A partir de US\$ 427.600 por semana, pela Burgess Julia Zaltzman.

BLEU DE NÎMES

ATOL DE ALDABRA, SEYCHELLES
Recém-reformada, a Bleu de Nîmes, com 13 cabines, é famosa em Seychelles. Seu helicóptero próprio leva rapidamente a ilhas e locais de mergulho, além de restaurantes à beira-mar com culinária crioula. A partir de US\$ 486.500 por semana, pela Edmiston.





O eterno glamour de Capri

O Hotel La Palma, o mais antigo da ilha, abre as portas totalmente renovado e ainda mais exclusivo

por LUCIANA FRANCA

Ah, a dolce vita de Capri. Motivos não faltam para visitar e revisitar uma das ilhas mais charmosas da costa da Itália, debruçada sobre o mar Tirreno. O glamour de Capri atravessa os séculos e a ilha sempre foi conhecida como o destino de encontros lendários entre artistas, escritores, músicos e jetsetters. O icônico Hotel La Palma, o mais antigo da ilha, inaugurado em 1822, é um desses cenários. Propriedade da Reuben Brothers, e o primeiro hotel masterpiece da Oetker Collection na Itália, ele acaba de ser totalmente renovado e ficou ainda mais exclusivo. Seus 80 apartamentos foram reduzidos a 50 quartos e suítes, todos com uma varanda privativa. A repaginação dos ambientes leva a assinatura de Francis Sultana, um dos maiores nomes do design de interiores e de

A repaginação dos ambientes leva a assinatura de Francis Sultana, um dos maiores nomes do design de interiores e de móveis da Europa

móveis da Europa, com colaboração de Francesco Delogu, da Delogu Architects. Baseado em Londres, Sultana é frequentador de Capri há décadas e soube traduzir em cada detalhe o clima da ilha e de seu povo.

A culinária do hotel também tem tradição e sofisticação. A esfuziante Capri dos anos 1950 inspirou o chef estrelado Gennaro Esposito na elaboração da gastronomia italiana autêntica e despretensiosa servida no restaurante e bar Gennaro's. Outro destaque é o Bianca, restaurante e bar no rooftop, com vista espetacular para o mar e para a ilha: melhor lugar para um drink no final da tarde.

O agito acontece no entorno do Hotel La Palma, que fica no coração pulsante de Capri, a alguns passos da famosa Piazza Umberto I, mais conhecida como a Piazzetta, e também perto de endereços imperdíveis da ilha, como a Via Krupp. A partir do hotel também é fácil chegar às belezas naturais de Capri, a exemplo da Grotta Azzurra. A uma curta distância de carro – ou de iate – fica o concorridíssimo La Palma Beach Club, na Marina Piccola, que pertence ao hotel, mas recebe também não-hóspedes. Para ver e ser visto, e para celebrar a vida – como deve ser em Capri. **R**



A partir de cima, lobby do Hotel La Palma, um dos 50 apartamentos com varanda privativa e a área da piscina. Na página ao lado, o restaurante e bar Bianca, no rooftop do hotel.



Nos campos da Umbria

A propriedade do Castello di Reschio, com quase mil anos, abriga um hotel, casas, centro equestre e termas para uma temporada nobre na fazenda

Foi o pai do conde Benedikt Bolza, Antonio, quem comprou o Castello di Reschio, uma propriedade de 1.497 hectares, nas colinas da Úmbria, em 1994. Desde então, a família vive por lá e investe em uma meticulosa restauração, com Bolza Junior, arquiteto e aristocrata, à frente de cada detalhe. A ideia? Transformar o castelo datado de 1050 em um grande empreendimento que agora, finalmente inaugurado, traz um hotel de 36 suítes e casas de fazenda para alugar aos hóspedes. Também apresenta vários restaurantes no local, além de um incrível spa completo.

A dica é reservar a suíte privativa, que vem com lareira própria e uma espécie de tepidário, num local de banhos mornos como nas antigas termas romanas. Grande parte do mobiliário é da linha de Benedikt, B.B. para Reschio, que aparece complementada por antiguidades e curiosidades adquiridas em mercados locais.

Entre os serviços do hotel, vale ressaltar os passeios pelo campo local – a pé ou a cavalo, por meio do Centro Equestre, guiados por um especialista. Os visitantes fanáticos por cavalos devem planejar os dias de adestramento, com montarias treinadas sob a tutela de Antonello Radicchi, que dirige o centro há quase duas décadas. Quartos duplos custam a partir de US\$ 915 por noite, incluindo o café da manhã. 

www.reschio.com/hotel

Sob o portfólio da Virgin Limit Edition, Moskito Island, um pedaço de terra isolado, cercado de luxo por todos os lados, no Caribe, já pode ser considerada a ilha particular mais exclusiva do mundo

por SILVIANE NENO



Depois de deixar a presidência dos Estados Unidos, em janeiro de 2017, Barack Obama ligou para o amigo Richard Branson, o poderoso fundador do Grupo Virgin, e disse que finalmente aceitaria o convite para uns dias de férias com a família na propriedade particular do empresário britânico, no Caribe. Os Obamas se hospedaram em uma das três vilas da Branson Estate, da família Branson, na Moskito Island, uma área de cerca de 500 mil metros quadrados, num local idílico nas Ilhas Virgens Britânicas, cercada por águas azul-turquesa. Em frente à sua famosa ilha irmã Necker, Moskito é o luxo de pés descalços, com impressionantes projetos arquitetônicos de propriedades construídas individualmente.

O lugar, que fica ao lado de Necker, a primeira ilha de Branson no Caribe e local que ele escolheu para morar, é um oásis onde o empresário recebia



As águas calmas do Caribe, nas Ilhas Virgens Britânicas, perfeitas para a prática de stand-up paddle. Na página ao lado, uma das suítes do Oasis Estate.

FOTOS: VIRGIN LIMITED EDITION

PLAYGROUND NO PARAISO



À esquerda, a vista para o mar da suíte máster Headland, de propriedade de sir Richard Branson. Acima, a Oasis State, que fica no topo de Mosquito Island.

pouquíssimos hóspedes ilustres. São três vilas conectadas por passarelas de madeira elevadas, incluindo a residência principal, Headland House, a Beach Villa, de quatro quartos, com sua própria piscina infinita e áreas de estar, e a Villa Mangrove, de quatro suítes, ao lado dos manguezais e com vistas impressionantes para as Ilhas Virgens Britânicas. Depois de 14 anos de obras, Mosquito ganhou mais duas propriedades totalmente novas: The Point Estate e The Oasis Estate, cada uma com seu próprio estilo e arquitetura. E, agora sim, as mansões podem ser alugadas por qualquer mortal, desde que estejam dispostos a pagar US\$ 17.500 por dia, durante a baixa temporada, com estadia mínima de quatro noites no The Point Estate, que acomoda até 16 hóspedes. As tarifas incluem chef particular e uma equipe dedicada de funcionários. Além de todas as refeições, bebidas, esportes aquáticos e um roteiro personalizado do início ao fim.

“Mosquito Island é um refúgio único, onde os visitantes podem desfrutar dos luxos e da natureza intocada, enquanto têm a conveniência e o conforto de uma casa particular”

Jon Brown, CEO da Virgin Limited Edition

CURIOSIDADES

- A ilha apoia a comunidade local, fornecendo a ajuda vital após os estragos do furacão Irma e durante a pandemia de COVID.
- Necker Island (a famosa ilha vizinha) tem um projeto que incentiva a população de flamingos a se reproduzir.
- Os chefs são seletivos em relação à carne, peixe e laticínios servidos na ilha. A equipe exige dos fornecedores garantia de que os animais usados sejam livres de antibióticos.

THE POINT ESTATE

The Point Estate possui oito suítes, incluindo um lúdico quarto infantil com oito beliches. É ideal para famílias. A vila fica ao lado de um penhasco, com vista para a Praia Manchioneel e a ilha vizinha Virgin Gorda. A área comum tem uma enorme piscina de borda infinita com vista para o mar azul-turquesa. Um pavilhão à beira-mar oferece a melhor vista do pôr do sol nas Ilhas Virgens Britânicas. Uma mistura de banheiras de imersão, profundas e independentes, ao ar livre, além de chuveirões e espreguiçadeiras em um deck, estão espalhadas em toda a propriedade.



THE OASIS ESTATE

Instalada no ponto mais alto de Mosquito, a vila possui nove quartos, com uma estética chique de design elegante e moderno. A casa principal, de quatro andares, está no topo da colina e seus terraços transparentes de dois níveis emergem do núcleo central da construção. Tem vários bares – incluindo um bar aquático –, uma ampla sala de bilhar e cinema, além de deck na cobertura com vista panorâmica de 360 graus. Uma piscina máster circunda a propriedade com toda a privacidade. Minimalistas, as casas à beira da piscina vêm equipadas com sua própria cozinha e áreas de estar. A sala de estar da suíte principal se transforma em um amplo deck de 180 graus, com uma estonteante vista para o oceano. Os hóspedes irão acordar com o nascer do sol e Necker Island no horizonte, e admirar o pôr do sol na banheira independente, ao ar livre. **31**

COMO CHEGAR

O aeroporto internacional mais próximo de Mosquito fica em Tortola, a 35 minutos de voo de San Juan. A ilha também pode ser alcançada de helicóptero de Tortola, Virgin Gorda, St. Thomas, San Juan e muitas outras ilhas vizinhas.

UM AMOR E UMA CABANA DE LUXO

Às margens de um dos lagos mais bonitos do norte da Itália, um casal de brasileiros construiu um hotel cheio de bossa para os fãs de bicicleta e boa gastronomia

por ANTONELLA SALEM



1. O casal Felipe e Patrícia, de bike, explorando os arredores e descobrindo novos roteiros para os hóspedes.
2. Canto da roseira: mesas com vista para o lago para almoço.
3. Pérgola-bar para aperitivos.
4. Espaço para o relax exclusivo para hóspedes.
5. Felipe Bianchi prepara um prato de sua gastronomia italo-brasileira.
6. A Suíte 103, uma das seis exclusivas e aconchegantes acomodações.

O cenário é cinematográfico: o pequeno Lago di Mergozzo, no norte do Piemonte, cujas águas estão entre as mais limpas da Itália. A apenas 40 minutos de estrada do Aeroporto de Milão-Malpensa, o lugar é cercado por montanhas e florestas selvagens. Às suas margens, um pitoresco vilarejo medieval e apenas 12 propriedades históricas, entre as quais um charmoso hotel-boutique de seis quartos que ocupa uma casa de 1910 com três andares e um enorme jardim.

A Casa della Capra, surgiu do sonho e do trabalho de um jovem casal de brasileiros. Ele é Felipe Bianchi, chef, ciclista e economista cujo pai nasceu na região. Ela, Patrícia Orem, arquiteta e artista plástica que também possui raízes italianas. “Enxergamos a vontade de viver daquilo que amamos”, conta Patrícia, ao lembrar como tudo começou. Os dois se conheceram em 2014 e foi amor à primeira vista. Foram morar em Londres e depois partiram para a Itália já com o propósito de juntar bicicleta e gastronomia num projeto turístico.

ARTE, BICICLETA E COZINHA

A Casa della Capra nasceu em 2019 com a proposta de oferecer vivências com “arte, bici e cucina”, em um destino ainda pouco explorado e nada óbvio. Enquanto a casa passou por uma grande reforma, o casal mergulhou na cultura local conhecendo a fundo as trilhas e ciclovias, os produtores locais e os sabores autênticos, artistas e artesãos. Patrícia e Felipe hoje recebem os hóspedes com experiências personalizadas e bom gosto nos pequenos detalhes. Patrícia assina a decoração e faz a curadoria das obras de arte espalhadas pelos espaços. Felipe comanda a cozinha e faz uma fusão de sabores italianos e sul-americanos usando produtos da região, como o arroz razza 77, cultivado nas colinas de Novara. Ciclista desde menino, Felipe também pilota os roteiros de bike. Seja para quem quer pedalar devagarinho, seja para feras no pedal. Os passeios incluem Mergozzo, um vale repleto de belezas naturais e história, entre outros oásis do norte da Itália. 

Casa della Capra
www.casadellacapra.com

Maldivas? Seychelles? Bora Bora?

É hora de olhar para São Tomé e Príncipe

Destino quase inexplorado da África Ocidental, o país formado por duas ilhas quer se tornar o paraíso da moda dos investidores conscientes

por MARK ELLWOOD

Ao aterrissar no aeroporto da pequena ilha do Príncipe, o avião quase encosta na selva densa. Além da pista e do terminal, não há muita evidência de intromissão humana na paisagem, só os sons de dezenas de espécies únicas de pássaros. O empresário sul-africano Mark Shuttleworth pousou por lá em seu jato Bombardier, há mais de uma década, quando fazia um pit stop entre a Ilha de Man, no mar da Irlanda, e a Cidade do Cabo, onde foi criado. “Estava procurando um lugar

fora do comum onde pudesse ficar à vontade com a natureza, na África”, lembra. “Minha impressão foi de que era um lugar extraordinário e frágil. Eu queria aproveitar a oportunidade para fazer algo com as pessoas de lá, dar algo único ao mundo, para sempre”, diz o multimilionário de 48 anos, que investiu mais de US\$ 100 milhões de sua fortuna no segundo menor país da África (só atrás de Seychelles) com o objetivo de fortalecer a economia local e evitar a descontrolada exploração da natureza.

O plano de Shuttleworth é atrair viajantes ricos e ecologicamente conscientes para Príncipe, onde a língua oficial é o português, replicando uma estratégia de turismo bem-sucedida de Ruanda e Botsuana. Dez anos depois, os resultados aparecem: são três hotéis em funcionamento e um quarto a ser inaugurado. O Grupo HBD Príncipe, empresa que ele criou para o projeto, prioriza o bem social, mas seu presidente-executivo, Malcolm Couch, espera recuperar o investimento em dois a três anos para começar a

ter lucro em uma década. Segundo ele, a HBD reinvestirá todos os ganhos na economia da ilha. “Não há intenção de retorno do capital. Usaremos esse dinheiro para a melhoria de Príncipe”, promete. E diz que o objetivo da HBD é servir como inspiração para os amigos magnatas.

Ele diz que entende a complexidade e a ótica de um rico africano branco, direcionando sua fortuna para uma nação pobre de maioria negra no século 21. “Acho que há uma profunda diferença entre domínio

A costa intocada da Praia das Bananas, na ilha Príncipe.

e investimento, mas às vezes eles podem se entrelaçar”, diz. “Não tenho real interesse em explorar e extrair nada de Príncipe. Esse país é uma oportunidade única na vida para orientar o desenvolvimento em uma direção diferente.” E ele acredita não estar sozinho. “Vejo outras pessoas privilegiadas querendo fazer algo de bom com seus lucros. Mas é difícil tentar fazer isso aos 80 anos. Eu quero usar a energia e a perspectiva ainda jovem.”

As missões que mais o atraem são sinalizadas pelo nome HBD: Here Be Dragons, abreviação de um antigo cartógrafo para uma terra desconhecida. É um aceno para ultrapassar limites e também sugere a razão pela qual ele defende um lugar como São Tomé e Príncipe, uma pequena nação de ilhas gêmeas de apenas 1.036 quilômetros quadrados. Quando os exploradores portugueses ali chegaram, no final do século 15, encontraram um território virgem. Os colonos, então, se apossaram da terra no Golfo Guiné para produzir cana-de-açúcar, algo impedido pelo rei português em 1820, que decretou a plantação da nova e lucrativa safra de cacau. A espécie foi agregada pelos europeus depois que a encontraram no Brasil e o chocolate produzido por lá virou uma obsessão global. Em meados do século 19, São Tomé e Príncipe tornaram-se grandes produtores de cacau no mundo. Mas para o trabalho, a indústria dependia de escravos, situação que seguiu até a década de 1870, quando a escravidão foi abolida. Trabalhadores contratados foram importados de outros feudos portugueses e viviam em roças e fazendas que funcionavam mais como pequenos países do que como empresas. No início do século 20, a indústria do cacau sofreu críticas de britânicos abolicionistas, que viam os trabalhadores como povos escravizados. O desprezo, juntamente com a luta das ilhas pela independência, que foi vencida em 1975, e as dificuldades pós-coloniais foram quase letais para a principal indústria do país, e assim, muitas das roças caíram em desuso. Só que, desde então, o cacau é sinônimo do lugar e até hoje apontado como um dos melhores do mundo.



Acima, cachoeira O Quê Pipi, em Príncipe. Ao lado, Pico Cão Grande, elevação de origem vulcânica ao sul da ilha de São Tomé, e o papagaio cinzento, uma das muitas espécies da região.



“Príncipe é incrivelmente seguro e todo mundo se conhece, isso é único”

“Não há intenção de retorno do capital, usaremos esse dinheiro para a melhoria de Príncipe”



São Tomé e Príncipe têm outro trunfo valioso: a própria terra. A ilha maior e dominante, São Tomé, é mais populosa, com quase 97% dos pouco mais de 200 mil habitantes do país. E tem muito charme e um estilo de vida mais descontraído, com a ótima praia para o surfe. A capital, cidade homônima, tem um certo glamour, com sua orla margeada por um calçadão estilo colonial. No centro, a atração fica por conta de Claudio Corallo, o melhor chocolatier contemporâneo do país e seus produtos, que já foram vendidos em lojas de luxo ao redor do mundo, incluindo a Fortnum & Mason, em Londres. Mas é Príncipe o verdadeiro atrativo para a maioria dos visitantes: hoje, com exceção do hotel Omali, em São Tomé, a maior parte das operações do HBD no país concentra-se ali. A ilha menor, com cerca de 130 quilômetros quadrados, é o lar de dezenas de animais nativos e essa riqueza de fauna é um legado da terra vulcânica: o fato de a ilha nunca ter sido conectada ao continente permitiu

A piscina do Sundy Praia, um acampamento cinco-estrelas em Príncipe.

que as espécies evoluíssem sem influência. A Praia Grande, uma das maiores praias de Príncipe, é um território privilegiado para a reprodução e proteção de tartarugas.

Se quiser ficar em Príncipe, há três hotéis. “Príncipe é incrivelmente seguro e todo mundo se conhece, isso é único”, diz Shuttleworth. É só ver o Sundy Praia, um acampamento escondido de barracas na praia, construído do zero há quatro anos para não colidir com a paisagem intocada. Cada estrutura foi feita para minimizar o impacto no terreno e poder ser removida sem deixar rastros. A 15 minutos fica a Roça Sundy, uma enorme casa de fazenda reaproveitada como um hotel de 16 quartos. Perto dali, estão as antigas senzalas, hoje ocupadas por cerca de 150 famílias. E tem o Bom Bom, o hotel mais conhecido da ilha, que se encontra em um extraordinário cenário, encravado entre duas praias de onde se avista o nascer e o pôr do sol.

Os próximos passos da HBD em Príncipe serão fazer com que o Bom Bom volte a receber hóspedes ainda este ano após uma grande reforma. O Sundy Praia vai ganhar um novo spa e academia ao ar livre integrada à floresta. A HBD também comprou um edifício na pequena capital da ilha, a 40 minutos de carro, onde criará um mercado, galeria, escritórios e restaurante, além de oferecer quartos de hóspedes. Na Roça Sundy, a empresa planeja uma reforma das senzalas para os são-tomenses venderem comida e artesanato; e as famílias que atualmente residem por lá se mudarão para uma vila moderna nas proximidades. Shuttleworth tem trabalhado para proporcionar uma melhora econômica como resultado da presença da empresa – todos, exceto alguns dos mais de 50 funcionários da Roça Sundy, são são-tomenses. ■

A TODA HORA

Não acredite
nas velhas
regras de como
e quando
usar relógio.
Abraça a
liberdade de usar
do seu jeito

fotos PETER ROSA
editora de relógios PAIGE REDDINGER
styling ALEX BADIA



CARTIER

Tank Louis Cartier, da Cartier (cartier.com.br), em ouro amarelo 18 quilates, US\$ 13.800; colete eco-nylon Herno (us.herno.com), US\$ 700; moletom Celine por Hedi Slimane (celine.com), US\$ 790; calça de algodão Zegna (zegna.com), US\$ 495.

ES POR TIS TA

Sempre é tempo para colocar o corpo em movimento

LOUIS VUITTON

Voyager Flying Tourbillon Louis Vuitton (louisvuitton.com) em ouro branco 18 quilates, US\$ 89 mil; camiseta, US\$ 520, moletom com capuz, US\$ 780, e calça de moletom, US\$ 640, Thom Browne (thombrowne.com).

BULGARI

Octo Finissimo Chrono GMT Bulgari (bulgari.com) em titânio, US\$ 18 mil; tênis de couro Amiri (amiri.com), US\$ 650.



E X E C U T I V O

Sucesso
não tem
hora,
tem estilo



PATEK PHILIPPE

Perpetual Calendar Ref.5327G
Patek Philippe (patek.com) em ouro
branco 18 quilates, US\$ 85.052;
jaqueta de lã, US\$ 1.525, e suéter
misto de pelo de camelo Boglioli
(bogliolmilano.com), US\$ 775.



ROLEX

Cosmograph
Daytona Rolex
(rolex.com) com
mostrador de
meteorito em
ouro branco
18 quilates,
US\$ 34.050;
camisa de
algodão J. Press
(jpressonline.
com), US\$ 135.

BLANCPAIN

Fifty Fathoms
Bathyscaphe Blue
Blancpain (blancpain.
com) em ouro
Sedna, US\$ 25.200;
jaqueta de lã, US\$
730, e camisa jeans
Officine Générale
(officinegenerale.
com), US\$ 315.

A VEN TU REI RO

Desbrave o
mundo com
atitude

AUDEMARS PIGUET

Royal Oak Offshore
Selfwinding Chrono-
graph Audemars Piguet
(audemarspiguet.com)
em ouro rosa 18 quilates,
US\$ 83 mil; jaqueta
de camurça Belstaff
(belstaff.com), US\$ 1.695;
suéter de lã de alpaca
e iaque Brunello Cucinelli
(brunellocucinelli.com),
US\$ 1.895.

GRAND SEIKO

US Limited Edition SBGW275 Grand Seiko (grand-seiko.com) em aço inoxidável, US\$ 4.900; jeans Sid Mashburn (sidmashburn.com) US\$ 150; botas de camurça Brunello Cucinelli (brunellocucinelli.com), US\$ 1.195.





Sem fronteiras

A combinação de viagens de negócios e lazer já ganhou um termo próprio, *bleisure*, que tem sido a preferência dos adeptos de jatos particulares que podem trabalhar de qualquer lugar

por HELENA MADDEN

antes da pandemia, arrumar diversão em uma viagem de negócios significava tirar alguns dias de folga após os compromissos de trabalho em um resort cinco estrelas. Agora, as pessoas andam otimizando suas viagens de jatos particulares de maneiras mais criativas. “Os clientes podem trabalhar fora do local com um telefone celular e laptop, e aproveitam para explorar lugares de férias. Cada vez mais, percebem que não precisam voltar no domingo à noite”, diz D. J. Hanlon, vice-presidente executivo de vendas da Flexjet.

Leona Qi, presidente da VistaJet US, conta que, atualmente, um em cada quatro voos inclui crianças. “Estamos vendo uma tendência de clientes voando para locais mais distantes com suas famílias”.

Clive Jackson, presidente da Victor, empresa de charter sediada no Reino Unido, lembra a história de um gerente de fundos de investimentos sueco que passou um longo período trabalhando remotamente na Flórida, nos EUA, com a família a tiracolo. “E na outra ponta, um CEO de uma empresa do Reino Unido viajou para Málaga, na Espanha, por alguns dias para explorar oportunidades de investimento. Sua mulher, também funcionária da empresa, o acompanhou junto com o filho recém-nascido e a babá. Aproveitaram a ocasião para rápidas férias”, detalha.

Soluções ainda mais estratégicas tornam-se comuns. Doug Gollan,

editor do serviço de assinatura online Private Jet Card Comparisons, diz que 43% de seus clientes voam a negócios e lazer, muitas vezes partindo de uma casa durante a semana e seguindo para uma segunda casa de fim de semana. “O cônjuge usa um cartão de jato para voar para aquela segunda casa e, em seguida, ambos voltam juntos no jato original”, explica Gollan.

Os destinos também mudaram. Embora o Teterboro e o White Plains, ambos no estado de Nova York, continuem sendo os aeroportos privados mais utilizados, os locais onde se encontram residências de lazer como Naples, na Flórida, e Scottsdale, no Arizona, também figuram no top 10. “Durante a pandemia, Billings, em Montana, e Casper, em Wyoming, também se tornaram populares”, diz Patrick Gallagher, presidente da NetJets. “Inicialmente, as pessoas passavam mais tempo em suas casas, agora não é mais assim.”

Como se vê, mesmo as residências mais luxuosas podem se tornar cansativas se alguém se sentir preso. “Muita gente está cansada de trabalhar de casa, então, quando viajam a negócios, querem uma mudança de

“Os clientes podem trabalhar fora do escritório com um celular e laptop, e querem aproveitar para explorar lugares de férias”

cenário. Basta que tenha uma boa conexão de internet”, diz Suzanne Neufang, CEO da Global Business Travel Association. Hanlon concorda: “As pessoas estão mais aventureiras, com diferentes níveis de conforto após a pandemia. Muitas, inclusive, procurando eventos ao ar livre”. A mais recente corrida de Fórmula 1, em Austin, por exemplo, atraiu dezenas de jatos particulares. “Foi uma loucura organizar os voos”, conta Hanlon. Alguns acreditam que com o trabalho parcialmente remoto, o *bleisure* veio para ficar. “O comportamento mudou nas viagens de lazer, como no feriado de Ação de Graças”, diz Gallagher, da NetJet. “Vimos mais pessoas do que nunca voando no sábado anterior ao Dia de Ação de Graças e retornando no domingo seguinte. Isso prova que muita gente queria tirar uma semana longe da rotina e se sentia confortável em trabalhar remotamente.”



“O DIAMANTE É O MELHOR AMIGO DAS MULHERES”

MARILYN MONROE, na comédia musical *Gentlemen Prefer Blondes*, de 1953

A joalheria mais famosa do mundo faz 185 anos em setembro deste ano. A TIFFANY & CO foi fundada na cidade de Nova York, em 1837, por Charles Lewis Tiffany. Hoje, com mais de 300 lojas de varejo em todo o mundo, e cerca de 13 mil funcionários, a marca e suas subsidiárias projetam, fabricam e comercializam joias, relógios e acessórios de luxo que atravessam gerações como ícones de desejo. Quase cinco mil artesãos cortam diamantes e joias artesanais nas próprias oficinas da empresa, num compromisso da marca com uma qualidade superlativa.

Toda essa excelência faz com que até a famosa caixa azul seja cobiçada como um item de luxo. A blue box foi lançada em 1886 e na época foi procurada por clientes que queriam um exemplar a qualquer custo. Mas o custo, claro, é comprar al-

gum produto. Por conta do sucesso da caixa, criou-se o azul Tiffany, uma das cores do Pantone. Das histórias que envolvem a marca uma das mais emblemáticas envolve o cinema. Em 1961, 11 anos após Truman Capote lançar o livro *Breakfast at Tiffany's*, foi gravado o filme conhecido como *Bonequinha de Luxo*, baseado no livro de Capote, onde a personagem Holly, vivida pela atriz Audrey Hepburn, toma café admirando as joias na vitrine da loja na Quinta Avenida. Foi aí que a fama da marca explodiu. Em 2017 a joalheria inaugurou seu Blue Box Café, e hoje qualquer um pode tomar seu café dentro da loja em Nova York. Uma curiosidade: o Brasil foi o primeiro país onde a Tiffany's permitiu que clientes fizessem parcelamentos. Um charmoso e conhecido jeito brasileiro de consumir luxo. 

1837 A primeira loja Tiffany é aberta em Nova York. O total de vendas do primeiro dia foi de US\$ 4,98.

1845 Publica o primeiro catálogo de mala-direta dos Estados Unidos. O Blue Book, ainda é lançado anualmente e apresenta as joias mais raras do mundo.

1848 A Tiffany torna-se um famoso destino para diamantes com a compra de pedras preciosas dos aristocratas europeus.

1853 Charles Lewis Tiffany apresenta o relógio Atlas, de três metros. Hoje, na flagship da Quinta Avenida, é o relógio público mais antigo de Nova York.

1862 O presidente Abraham Lincoln compra brincos e um colar de pérolas para sua esposa.

1868 Começa a fabricar joias em ouro.

1886 Apresenta o Tiffany® Setting, o famoso anel de noivado. Com cravação de seis garras, ele permite que o diamante, com lapidação brilhante, flutue acima do aro e em direção à luz.

1940 A loja da 57th Street com a Quinta Avenida é inaugurada. *Bonequinha de Luxo*, estrelado por Audrey Hepburn.

1969 Criado o chaveiro Return to Tiffany™. Cada um recebe um número de série para que, se perdido, pudesse ser entregue à Tiffany e devolvido ao dono.

1974 Elsa Peretti chega à marca, revoluciona o design e dá status à prata na joalheria com seu icônico bracelete.

1980 É lançada a primeira coleção de Paloma Picasso.

2001 Pantone® cria a cor “1837 Blue”, em homenagem ao icônico tom Tiffany Blue.

2017 Lança a primeira coleção de fragrâncias e inaugura o The Blue Box Café na flagship da Quinta Avenida.

2020 Lança a coleção Tiffany T 1.



SOFITEL
HOTELS & RESORTS
GUARUJÁ JEQUITIMAR

DIA DAS MÃES

UMA PROGRAMAÇÃO ESPECIAL PARA FICAR MARCADA NA MEMÓRIA!



PAULO RICARDO
ESPECIAL DIA DAS MÃES

DE 6 A 8 DE MAIO

- Show Acústico com Paulo Ricardo (7/5)
- Almoço Especial de Domingo para as Mamães
- Late check out garantido até às 16h
- Atividades de Esportes e Lazer para toda a Família
- Momentos de bem-estar no SPA Jequitimar with L'Occitane*.

*Serviço cobrado à parte



FAÇA A SUA RESERVA

13 99209-8598

sofiteljequitimar@sofitel.com

13 2104 2000

MONTBLANC



Relógio 1858 Iced Sea
Inspirado nas geleiras do Mont Blanc.

São Paulo: Flagship Iguatemi São Paulo 11 3032 4230 | Cidade Jardim 11 3552 8000 | Higienópolis 11 3662 2525
JK Iguatemi 11 3152 6180 | Morumbi 11 5184 0775 | **Campinas:** Iguatemi 19 3295 7254
Rio de Janeiro: Rio Sul 21 2542 6541 | VillageMall 21 3252 2744 | **Belo Horizonte:** BHShopping 31 3505 5155
Cuiabá: Espaço La Provence 65 3025-8887 | **Curitiba:** Patio Batel 41 3088 1147
www.montblanc.com.br